

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Memórias do Cávado:
Frente ribeirinha de Fão num caso
prático
Daniela Sofia Ferreira Martins

M
2025



Daniela Sofia Ferreira Martins. Memórias do Cávado:
Frente ribeirinha de Fão num caso prático



Memórias do Cávado: Frente ribeirinha de Fão
num caso prático

Daniela Sofia Ferreira Martins



MEMÓRIAS DO CÁVADO

FRENTE RIBEIRINHA DE FÃO NUM CASO PRÁTICO

Daniela Sofia Ferreira Martins

Orientação científica: Prof. Doutor Carlos Nuno Lacerda Lopes

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

FAUP, 2025



AGRADECIMENTOS

Ao professor Nuno Lacerda Lopes pelo acompanhamento, motivação e por ser, acima de tudo, uma inspiração.

Aos meus pais por serem casa, abrigo em momentos de tempestade e partilha de felicidades. Agradeço os valores instituídos e por serem a minha maior referência. Ensinaram-me que sonhos se tornam objetivos e objetivos, com disciplina e dedicação, se tornam realidades.

Ao meu irmão, o meu primeiro amigo, agradeço por ser tudo aquilo que nunca consegui ser em tantas coisas.

Aos amigos, àqueles que permanecem e aos que foram uma passagem, agradeço os momentos e guardo as memórias.

Ao Leo, a minha exceção, grata pelo que vivemos e ansiosa por aquilo que o futuro nos reserva.

Aos meus.

PALAVRAS-CHAVE

território; urbanismo; Rio Cávado; Esposende;
Fão; frente ribeirinha; requalificação;

RESUMO

A presente dissertação incide sobre a análise urbana e territorial de Esposende e de Fão, destacando a qualificação da frente ribeirinha de Fão.

Integradas entre rio e mar, estas localidades desenvolveram-se a partir de uma relação intrínseca com a água, elemento que moldou a sua identidade enquanto centros de veraneio e atividade piscatória. No entanto, a ausência de estratégias de reabilitação tem conduzido à degradação de várias áreas, nomeadamente na frente ribeirinha de Fão, marcada pelo abandono e pelo subaproveitamento dos seus espaços.

Partindo de uma metodologia progressiva, articulando análise teórica com trabalho de campo prático, o trabalho desenvolve-se em três fases: observar, compreender e intervir. Consiste na interpretação do seu contexto histórico e territorial, no reconhecimento da sua morfologia e na definição de estratégias adequadas para a sua revitalização.

O trabalho culmina numa proposta que visa a reabilitação e dinamização da frente de água fãozense, aliadas a um reforço da identidade local, integrando-se na paisagem e na história.

Ao propor uma intervenção que respeita o passado e responde às necessidades atuais, esta investigação afirma-se como um contributo para o repensar das frentes ribeirinhas em contextos urbanos de pequena escala, no qual a valorização paisagística e cultural se articulam.

KEY-WORDS:

territory; urbanism; Cávado River; Esposende;
Fão; waterfront; revitalization;

ABSTRACT

This dissertation focuses on the urban and territorial analysis of Esposende and Fão, with particular emphasis on the requalification of Fão's riverside front.

Situated between the river and the sea, these localities have developed through an intrinsic relationship with water, an element that has shaped their identity both as seaside resorts and fishing communities. However, the absence of strategic planning for rehabilitation has led to the degradation of several areas, particularly along Fão's waterfront, which is currently marked by abandonment and underutilization.

Based on a progressive methodology that combines theoretical analysis with practical fieldwork, the research unfolds in three phases: observing, understanding and intervening. It entails the interpretation of historical and territorial contexts, the recognition of morphological characteristics and the formulation of appropriate strategies for revitalization.

The study culminates in a proposal aimed at the rehabilitation and activation of Fão's waterfront, fostering new dynamics within the territory while reinforcing local identity through an approach that is both integrated into the landscape and grounded in historical continuity.

By proposing an intervention that respects the past while addressing present-day needs, this research positions itself as a contribution to the rethinking of riverside fronts in small-scale urban contexts, where landscape and cultural valorization work hand in hand.

INTRODUÇÃO	13
Objeto	16
Objetivo	17
Motivo	18
Método e Estrutura	19
 1 OBSERVAR	 23
1.1 Contexto Territorial	27
1.2 Contexto Histórico	41
 2 COMPREENDER	 53
2.1 Caracterização do Tecido Urbano	55
2.1.1 Mobilidade	57
2.1.2 Edificado	67
2.1.3 Usos do solo	71
2.1.4 Estrutura hídrica	77
2.2 Estratégia urbana	87
2.2.1 Território	89
2.2.2 Lugar	97
 3 INTERVIR	 105
3.1 A arquitetura moderna em Esposende e Fão	107
3.2 Uma nova dinâmica para Fão	115
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	 141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ÍNDICE DE IMAGENS	151

As cidades que se articulam e interagem com a água desenvolvem uma identidade única nas suas frentes ribeirinhas, promovendo vários centros de atividades de pesca, indústria, serviços, comércio e turismo e, portanto, caracterizam-se como espaços importantes a nível económico, cultural e social. No entanto, ao longo dos anos as necessidades urbanas e sociais foram-se alterando, levando à transformação constante destas áreas, resultando, muitas vezes, em fragmentações do tecido urbano e à subutilização dos seus espaços.

Enquanto elemento estruturante da paisagem urbana, a água assume-se como uma ambiguidade, no sentido em que se apresenta simultaneamente como limite e extensão. Nas frentes ribeirinhas, esta duplicidade manifesta-se numa tensão entre a preservação da memória e a necessidade de requalificação urbana. A reabilitação destes espaços surge como uma oportunidade para rever a função das margens na cidade, integrando-os e valorizando-os na malha urbana. Nesse sentido, importa considerar estas áreas como possíveis espaços dinâmicos e de convergência, ao invés de zonas periféricas.

É neste cenário que se insere o presente trabalho, centrado na análise e requalificação da frente ribeirinha de Fão, do concelho de Esposende. Pertencente ao distrito de Braga, situada na costa Atlântica e atravessada pelo rio Cávado, a cidade de Esposende possui uma relação intrínseca com a água, que moldou, ao longo dos séculos, o seu desenvolvimento urbano e económico. Situada entre rio e mar, está associada a atividades de pesca, comércio e turismo, sendo, essencialmente, uma cidade de veraneio, articulando-se com diversas freguesias que partilham a mesma relação, como é o caso de Fão.

Reconhecida pelo seu extenso areal, por tradições marítimas e por uma história ligada à atividade salineira, a vila de Fão destaca-se por possuir diferentes morfologias e tecidos urbanos.

Estes dois centros de veraneio, ladeados pelo Atlântico constituem as margens do Rio Cávado, com escassos pontos de atravessamento entre ambos, destacando-se a ponte metálica de finais do século XIX.

A falta de ações concretas e de requalificação de Fão conduziu ao declínio acentuado da mesma, em particular a norte da sua frente ribeirinha, agravando o estado de abandono de áreas outrora significativas. A previsão de uma nova ponte pedonal, que irá reforçar a articulação entre Esposende e Fão, transforma o lugar de intervenção num ponto estratégico para a revalorização urbana do território.

Neste sentido, a proposta de reabilitação apresentada nesta dissertação visa recuperar a frente ribeirinha de Fão, não apenas como espaço físico, mas como um local de encontro e de vivências coletivas. Através da análise crítica do território, pretende-se desenvolver uma estratégia que respeite a identidade local, tire partido da proximidade e relação com a água e que fomente a vila de novos usos que contrariem a sazonalidade que hoje caracteriza a sua ocupação.

Numa dualidade entre o existente e o proposto, este projeto traduz-se, simultaneamente, numa oportunidade para reabilitar o espaço físico e num meio de resgate da valiosa herança cultural, a partir de uma estratégia de projeto que valoriza e preserva a memória.

OBJETO

O território de Esposende e a freguesia de Fão constituem o principal foco da presente investigação, particularizando a frente ribeirinha fãozense. Numa paisagem que integra os conjuntos monte e vale, rio e mar, Esposende é limitado a norte pelo distrito de Viana do Castelo, a Sul pelo município da Póvoa de Varzim e, internamente, é limitado pelo concelho de Barcelos. Este território, contornado pelo rio Cávado e pelo Oceano Atlântico configura uma envolvente de grande riqueza natural, mas de grandes fragilidades a nível urbano, económico e ambiental.

A análise da área em estudo surge do desequilíbrio entre o seu potencial paisagístico e identitário e o seu estado atual. A descaracterização das áreas costeiras e a diminuição das infraestruturas e atividades ligadas à pesca tem, com o decorrer do tempo, conduzido ao abandono e subaproveitamento destes espaços, principalmente fora das épocas balneares.

Assim, este espaço integrador de diferentes características morfológicas, configura-se como um campo experimental privilegiado para o desenvolvimento de metodologias de requalificação urbana, potencialmente extrapoláveis para outras realidades territoriais semelhantes presentes no litoral norte português.

O objetivo principal desta dissertação consiste na promoção de uma nova dinâmica na frente ribeirinha de Fão, através da introdução de novos usos que visam a revitalização da zona, reforçando a sua relevância social, cultural e económica.

Num primeiro momento, compreende-se a evolução histórica e morfológica do território, iniciando-se pelo estudo da bacia hidrográfica do rio Cávado e, posteriormente, de Esposende e Fão, analisando o seu enquadramento territorial e a progressiva descaracterização de elementos estruturantes. A análise detalhada constitui a base para a formulação de uma estratégia de intervenção fundamentada, reconhecendo as potencialidades e fragilidades do objeto de estudo.

A intervenção em Fão procura responder a uma necessidade de reconectar a freguesia à sua história e aos elementos que a constituem. Prioriza-se a necessidade de valorizar a envolvente e reconhecer a memória do lugar e a sua identidade, aliada a novas formas de utilização do espaço público. O desenvolvimento turístico não constitui um objetivo isolado, mas é perspectivado como uma ferramenta para a revitalização cultural e prosperidade económica, onde, simultaneamente, se preserva o património.

Desta forma, a finalidade do presente trabalho reside na elaboração de uma proposta de reabilitação espacial, numa articulação entre os valores identitários locais e a implementação de novos usos e dinâmicas. Preconiza-se, também, que a intervenção constitua uma estratégia de abordagem territorial mais ampla, alargada a outros contextos, em particular no norte litoral português.

MOTIVO

A presente dissertação surge da vontade de explorar e propor uma estratégia de reabilitação da frente ribeirinha de Fão, área caracterizada pela sua vulnerabilidade paisagística, cuja contiguidade com o rio Cávado lhe confere um carácter distinto e específico na complexidade do panorama de Esposende.

Neste lugar a água transcende a dimensão territorial ou funcional, apresentando-se como elemento basilar da identidade e forma do lugar, na qual a valorização da mesma se revela urgente, diante à carência de ações de reconhecimento da sua importância.

O Bar do Fôjo, outrora um marco identitário na margem ribeirinha, entretanto foi demolido; no entanto a carga emocional que lhe está associada, motivou, também, um envolvimento mais profundo com este território. Para além da constatação do desaparecimento físico do edifício, este estudo propõe a valorização da importância que o local teve, constituindo um repositório de lembranças da comunidade, estabelecendo-se como local de referência na região.

Assim, a convergência entre a importância histórica deste local e do seu enraizamento na memória coletiva constituiu o impulso inicial desta investigação. A proposta visa devolver qualidade ao espaço ribeirinho e à sua paisagem, bem como atribuir-lhe significado. Preconiza-se a reinterpretação desta área como extensão integrada do núcleo de Esposende, complementando-o, restituindo à linha hídrica e à comunidade um espaço de convergência, em conformidade com a identidade local.

A abordagem prática evolui paralelamente com a vertente teórica, exigindo, portanto, uma análise e interpretação do lugar e tempo, de modo a compreender a sua origem e as condicionantes atuais, através de uma conduta progressiva e detalhada, organizada em variados níveis de observação. Numa estrutura analítica que se inicia com uma visão ampla e afastada, vai-se, progressivamente, limitando e aprofundando em aspetos particulares do território em estudo.

O processo assenta numa lógica de observação gradual: parte-se de uma leitura territorial alargada, analisando-se dinâmicas geográficas, históricas e urbanas do concelho de Esposende e da vila de Fão e, de seguida, ocorre a progressão para níveis mais pormenorizados, culminando na definição de uma estratégia de reabilitação e na apresentação de uma proposta para uma área mais limitada. A análise procede à recolha e análise de um conjunto diversificado de fontes, desde bibliografia específica em relação ao tema em estudo, cartografia e documentos de planeamento, aliado a um trabalho de campo sustentado por registos topográficos e desenhos de reconhecimento do local.

Numa fase inicial, realiza-se um estudo territorial e histórico e, subsequentemente, analisa-se o tecido urbano, visando o levantamento das dinâmicas de mobilidade, da variedade de edificado, das diferentes ocupações do solo e da estrutura hídrica. Este diagnóstico fundamenta a leitura crítica do lugar, permitindo o reconhecimento dos principais elementos e se os mesmos devem ser preservados ou reabilitados, bem como as disfunções existentes.

Com base neste estudo aprofundado, desenvolve-se uma estratégia em diferentes níveis: uma mais geral num cenário que circunscreve todo o terreno analisado e, de seguida, uma estratégia mais limitada e, portanto, mais pormenorizada, focada num espaço de intervenção mais imperativo. Baseada nos valores históricos, culturais e sociais do território, a estratégia visa a simbiose entre tradição e inovação.

Considerando que a proposta não responde a uma encomenda formal por parte de entidades públicas ou privadas, há uma grande liberdade crítica projetual.

A intervenção emerge para além da simples construção de um edifício ou da reabilitação de uma estrutura, na medida em que surge como um exercício de regeneração urbana alargada, conferindo primazia à leitura de Esposende e Fão como uma unidade, a partir da recuperação da relação entre Fão, a sua população e a paisagem. A junção de uma análise teórica com uma abordagem prática é assegurada a partir de uma observação gradual que se inicia com o panorama geral e que se vai aprofundando nas especificidades do local, assegurando um desenvolvimento coerente entre a pesquisa e o projeto.

Este procedimento, gradual e articulado, organiza-se em três partes complementares - Observar, Compreender e Intervir -, que traduzem o percurso metodológico utilizado.

O primeiro capítulo, **Observar**, visa a leitura territorial e histórica do território em estudo, explorando, inicialmente, o elemento em comum de Esposende e Fão e, ao mesmo tempo, de divisão - o rio Cávado. Assim, passando de uma visão mais abrangente da bacia hidrográfica, vai-se, progressivamente, aproximando, até chegar ao seu estuário. Depois, passa-se para a exploração do desenvolvimento da cidade e da vila ao longo do tempo, conferindo particular atenção à influência da geografia, da morfologia e das atividades económicas na formação do tecido urbano.

Na segunda parte, **Compreender**, surge como um detalhamento da caracterização do tecido urbano, a partir da investigação e reconhecimento da mobilidade, do edificado, dos usos do solo e da estrutura hídrica. Esta leitura proporciona a identificação de valências e problemáticas, pontos fortes e pontos fracos, permitindo o reconhecimento de uma estratégia urbana.

Por fim, no capítulo **Intervir**, ocorre o culminar do trabalho, onde se apresenta, num primeiro momento, um breve estudo acerca da arquitetura moderna no Minho, em particular no concelho de Esposende. Esta emerge como uma forte referência para a criação do projeto que propõe a introdução de uma nova dinâmica no território de Fão, promovendo a recuperação da identidade local e a valorização dos seus espaços públicos.

A convergência da análise do contexto de Esposende com o desenvolvimento de uma proposta concreta que incita a valorização de Fão e da sua frente ribeirinha, resulta nesta estrutura que visa proporcionar uma abordagem completa e detalhada do tema da reabilitação urbana.

1 | O B S E R V A R

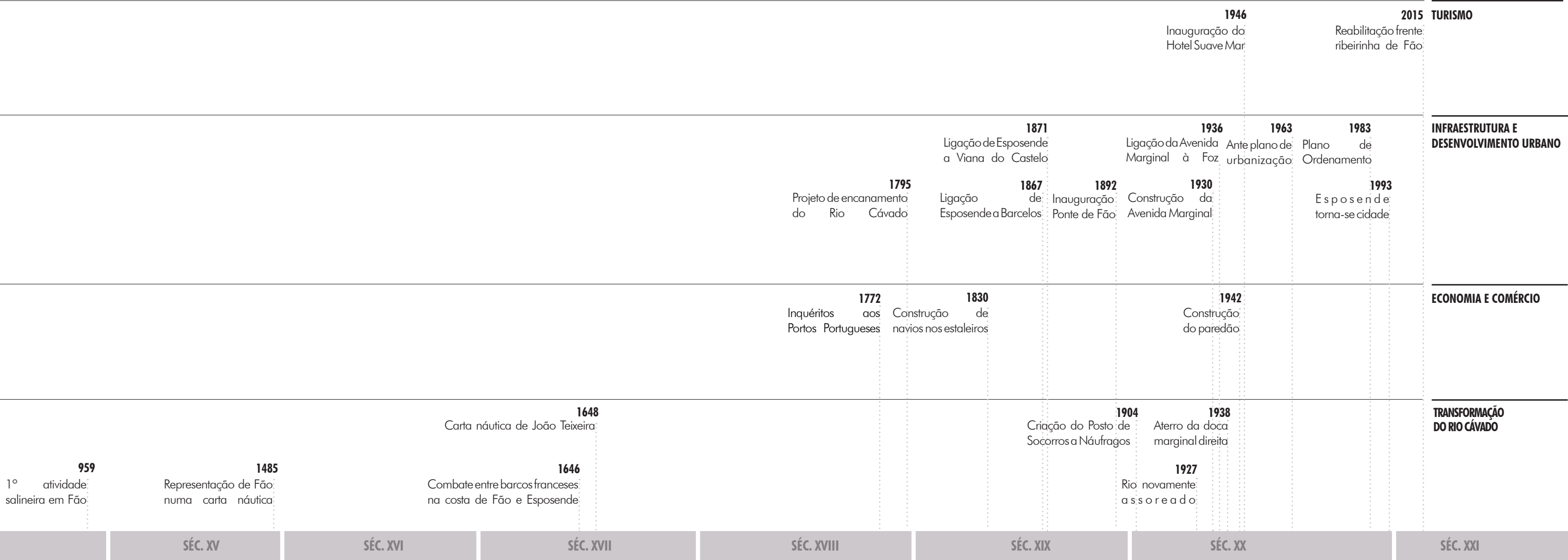


Fig. 1: Colagem representativa das atividades e desenvolvimento urbano de Esposende e Fão

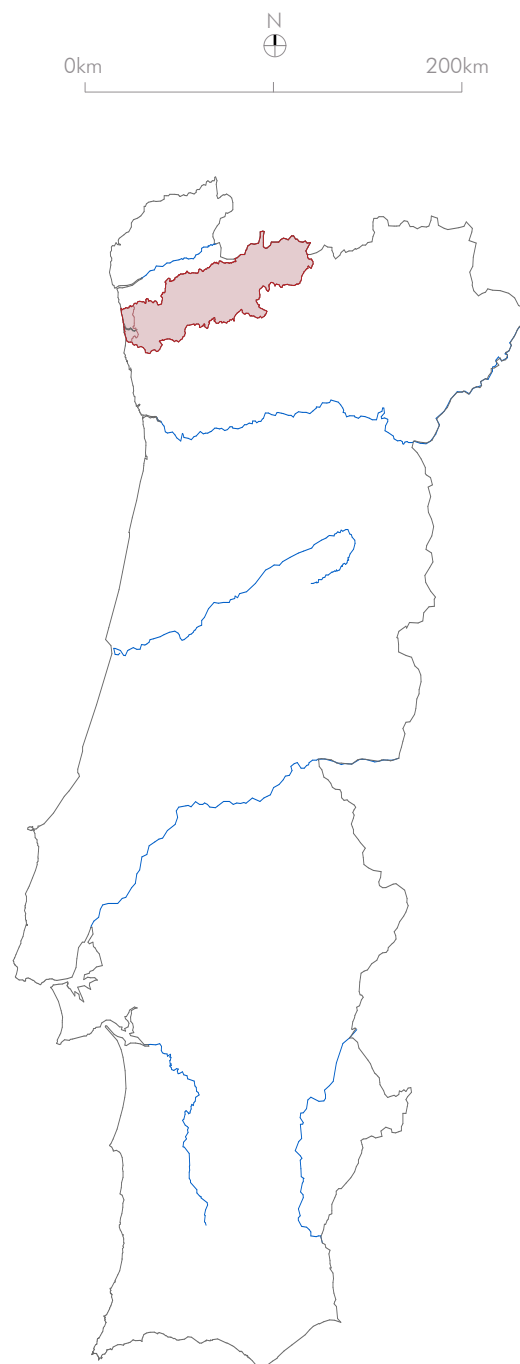


Fig. 2 - Localização da Bacia Hidrográfica do Rio Cávado no contexto do território nacional

1.1 CONTEXTO TERRITORIAL

A rede hidrográfica do Rio Cávado possui uma extensão de 135km, conectando a região montanhosa do interior ao litoral do norte de Portugal, partindo da Serra do Larouco e desaguardo no oceano Atlântico. Nasce no distrito de Vila Real, em Montalegre, e atravessa Braga, passando pelos concelhos de Terras de Bouro, Amares, Vila Verde, Braga, Barcelos e, por fim, Esposende.

Abrange uma área de quase 2% do território nacional e, por isso, apresenta-se como um elemento fundamental na estruturação do mesmo, sofrendo transformações na sua utilização e na sua relevância ao longo dos séculos.¹

Desde o período medieval que o Rio Cávado se apresenta como um importante local estratégico para o desenvolvimento económico, assinalado em algumas cartas náuticas que remontam ao século XV. Estas cartas confirmam o discernimento da influência desta via fluvial para o comércio e navegação, que assinala uma época de mudança, reconhecendo novas práticas de valores económicos.

Posteriormente, vivenciou-se um período crítico em diversos portos portugueses, incluindo os do Rio Cávado, onde, devido à oclusão das barras de acesso, algumas infraestruturas e equipamentos portuários sofreram um declínio ou, em alguns casos, o seu desaparecimento.²

O século XVII caracterizou-se por uma grande atividade marítima em Esposende, onde a produção de sal, principalmente na região de Fão, se estabeleceu como uma das práticas económicas predominantes, tornando-a num importante centro salineiro nacional.³

No século seguinte a forte relação que Esposende e Fão tinham com as atividades marítimas manteve-se; no entanto, o foco passou a ser a atividade piscatória, o transporte marítimo e, também, a construção naval. Deu-se uma concentração significativa de população formada por pescadores, evidenciando a importância do setor marítimo na economia local.

¹ Associação de Municípios do Vale do Cávado. (2008). Estudo de valorização e desenvolvimento estratégico dos rios Cávado e Homem. Cidades, Comunidades e Territórios. Braga: Universidade do Minho; Simbiente – Engenharia e Gestão Ambiental.

² Lopes, A. I. (2023). Fão entre o assoreamento do rio Cávado e invasões de areia (1750–1870): das pré-condições e impactos à resiliência socioinstitucional. In Câmara Municipal de Esposende (Ed.), Boletim Cultural de Esposende (3.ª série, n.º 2).

³ Neiva, M. A. P. (2012). Esposende: a barra, o porto e a navegabilidade do Cávado: projectos e memórias (Fotog. P. Guerreiro et al.). Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

CONTEXTO TERRITORIAL

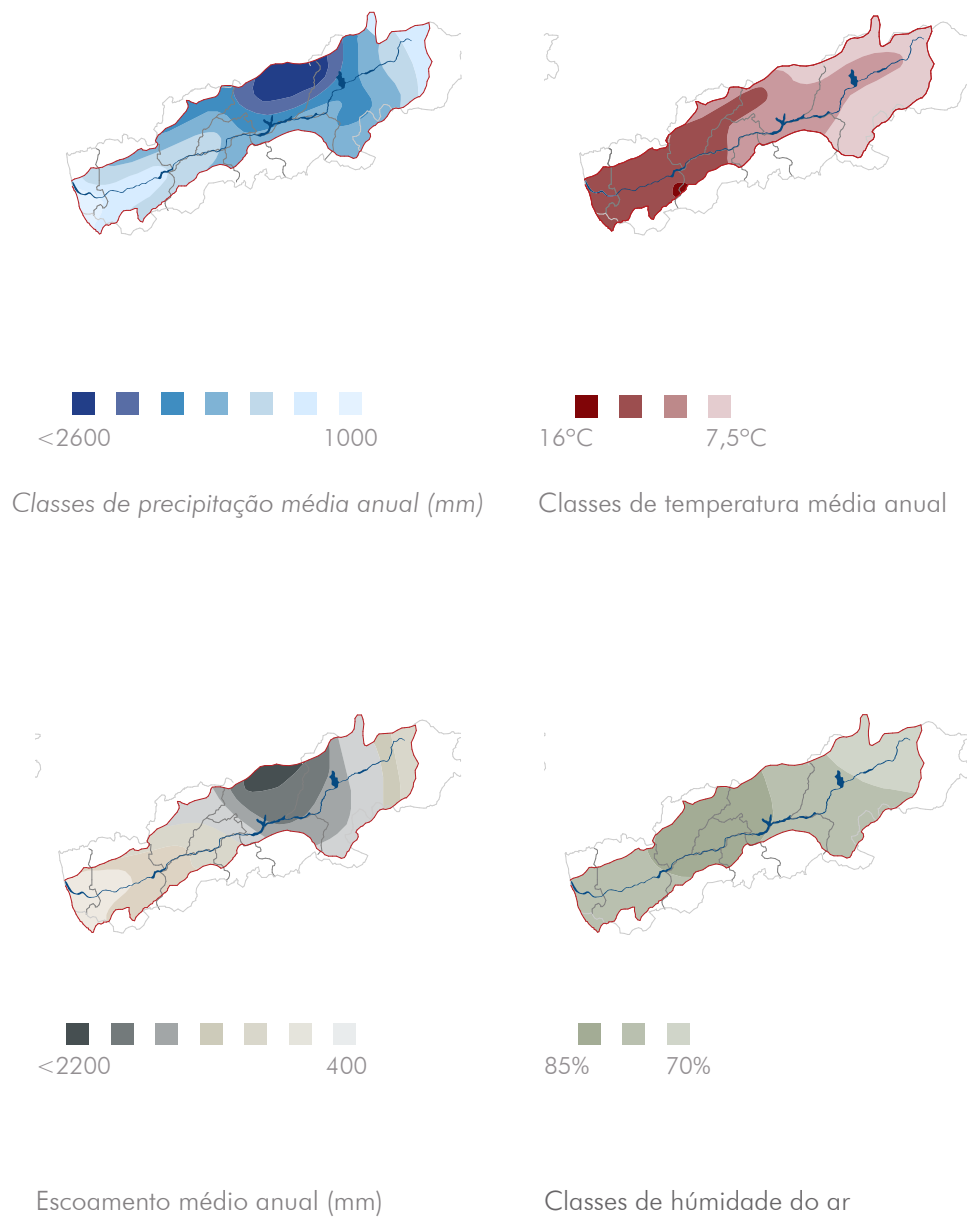


Fig. 3: Representação cartográfica das classes de humidade, temperatura, precipitação e escoamento médio anual da região

Durante esta época, realizaram-se tentativas de revitalização do uso comercial do rio Cávado, como o projeto de encanamento desenvolvido sob a liderança do engenheiro Custódio Vilas Boas. Para além disso, este período também ficou marcado por uma série de apelos à melhoria das infraestruturas portuárias e às condições de navegação do rio. Apesar da importância da navegabilidade fluvial ser comum aos municípios de Braga, Barcelos e Esposende, apenas o último é que se empenhou para que se fortalecesse a barra.⁴

Na transição para os séculos XIX e XX, através da elaboração de espaços lúdicos e da produção de energia hidroelétrica, aliada à revolução industrial e ao desenvolvimento urbano, ocorreram novas perspetivas de utilização do rio. A construção de barragens ao longo do curso do rio introduziram alterações consideráveis, principalmente nas fases de maior precipitação, tendo implicações na produção energética, na gestão dos recursos hídricos e no controlo do fluxo do rio; por outro lado, estas intervenções também tiveram impactos negativos, nomeadamente uma maior dificuldade da navegabilidade e a degradação dos habitats aquáticos.

Nos finais do século XX as zonas ribeirinhas passaram a ser entendidas como espaços públicos de lazer e de valorização urbana, implementando passadiços, ciclovias e a integração do rio no tecido urbano.⁵

A partir da análise da evolução histórica do rio Cávado, compreende-se que o mesmo se transformou de um elemento fulcral para o desenvolvimento económico e comercial para um símbolo de identidade cultural, como eixo estruturante no território a norte de Portugal.

A agricultura assumiu, também, um papel central na estrutura territorial da bacia, na qual praticamente metade da sua superfície é usada para fins agrícolas.⁶ Esta atividade verifica-se, principalmente, nos concelhos de Amares e de Póvoa de Lanhoso, reduzindo gradualmente para jusante.

4 Neiva, M. A. P. (2012). Esposende: a barra, o porto e a navegabilidade do Cávado: projectos e memórias (Fotog. P. Guerreiro et al.). Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

5 Bermudes, J. M. F. (2014). [Re]ativação das margens através da [re]qualificação dos percursos do estuário do Cávado (Dissertação de Mestrado não publicada). Universidade do Minho, Escola de Arquitetura.

6 Agência Portuguesa do Ambiente. (2022). Plano de gestão de região hidrográfica: Cávado, Ave e Leça (RH2) – 3.º ciclo (2022–2027): relatório final. Lisboa: Agência Portuguesa do Ambiente.

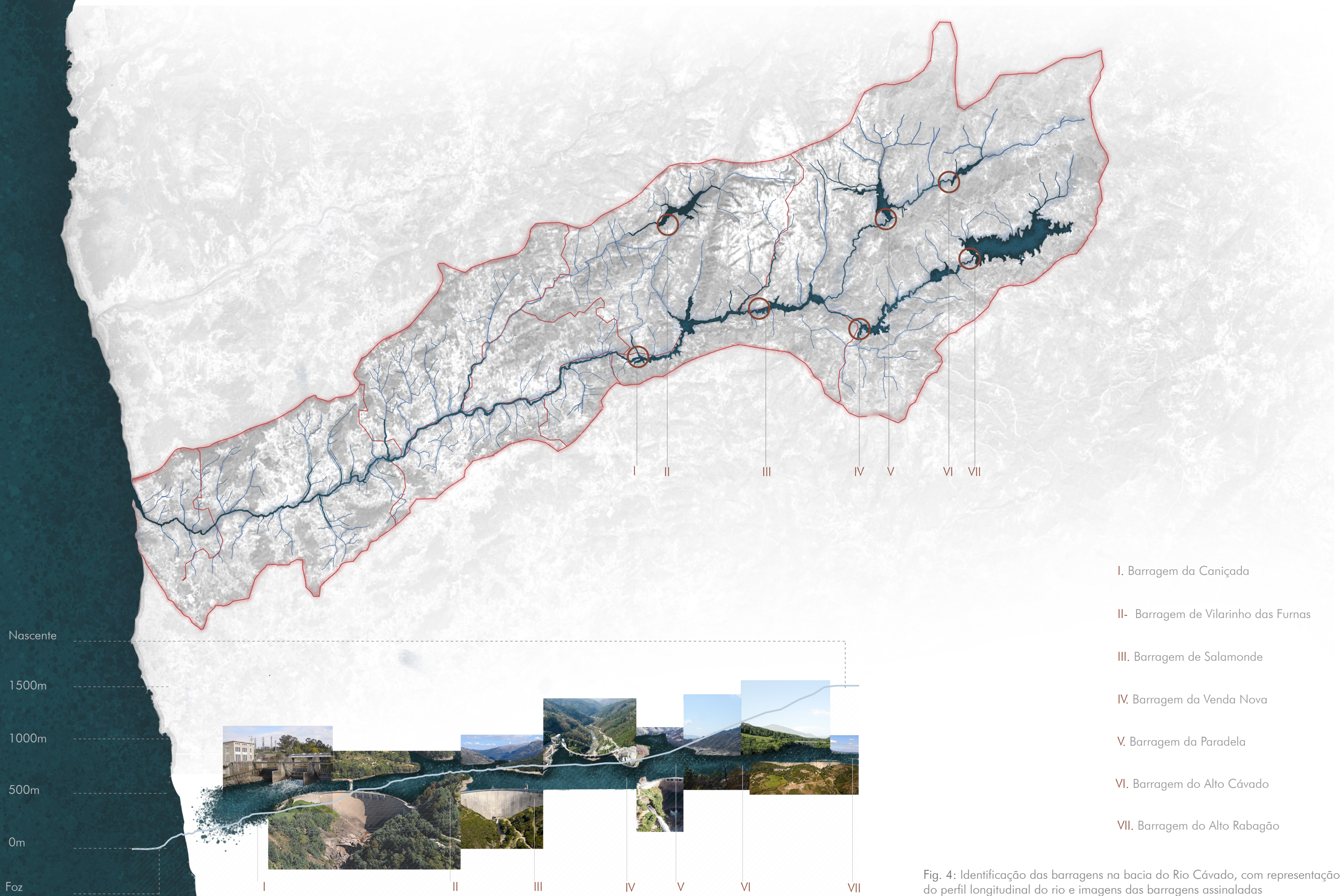


Fig. 4: Identificação das barragens na bacia do Rio Cávado, com representação do perfil longitudinal do rio e imagens das barragens assinaladas

CONTEXTO TERRITORIAL

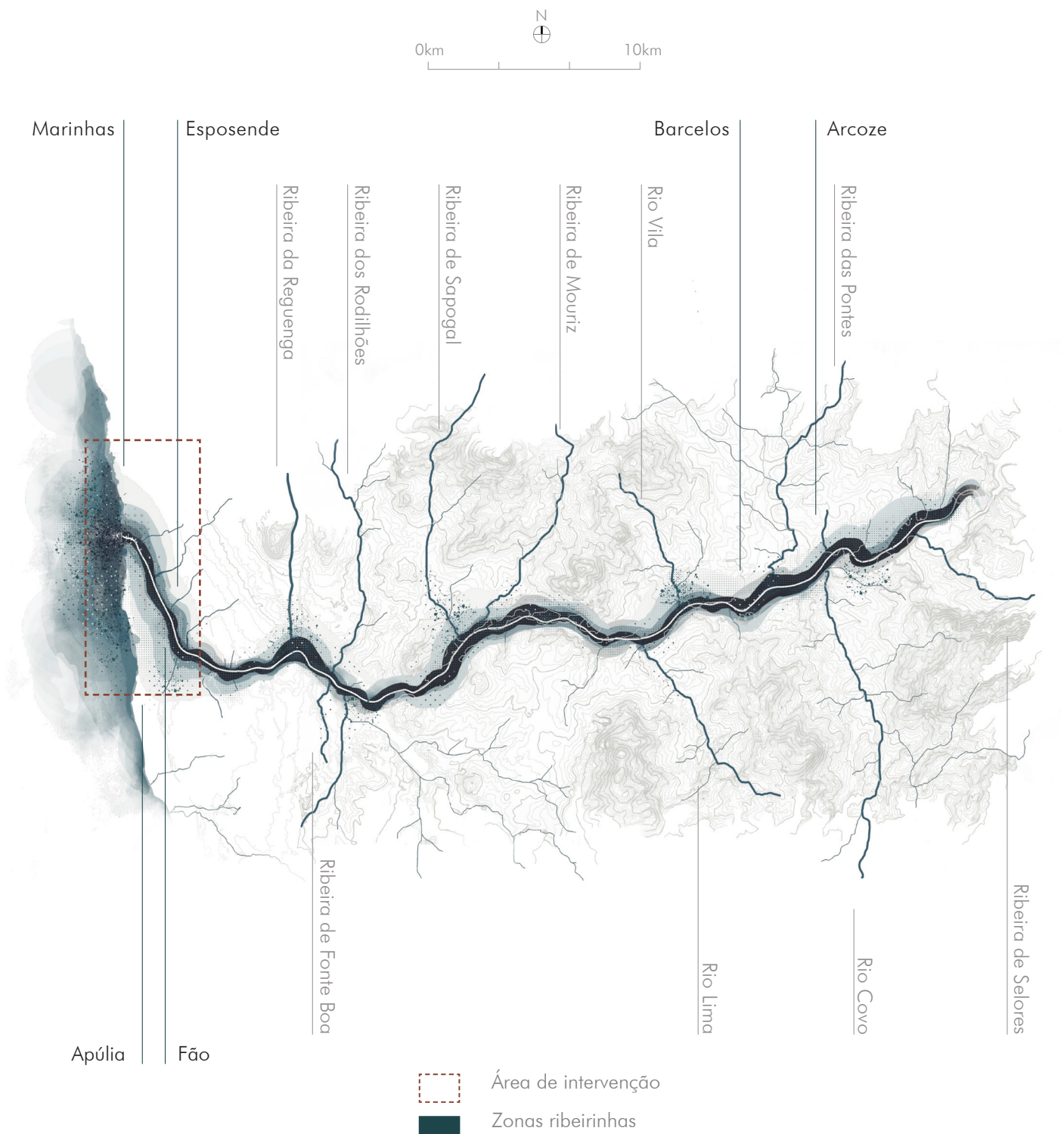


Fig. 5: Aproximação à área de intervenção com a indicação de ribeiras e rios transversais à Bacia Hidrográfica do Cávado

A análise topográfica do território envolvente ao Rio Cávado é essencial para a compreensão do desenvolvimento urbano e a conservação das suas margens. A morfologia geográfica das regiões apresenta uma importância da limitação e, também, na potencialização do crescimento urbano das povoações ribeirinhas, especialmente em Esposende e Fão.

A bacia hidrográfica do rio Cávado desenvolve-se de forma contínua desde o interior, composto por zonas montanhosas, até à sua foz. O relevo acentuado na sua nascente é dominado por formações graníticas e por xisto, remontando a Eras muito antigas da Península Ibérica.⁷ A dinâmica hidrográfica e topográfica da bacia contribui significativamente para a organização espacial e socioeconómica dos territórios atravessados pelo rio, influenciando a morfologia das margens, bem como os usos do solo e a distribuição das atividades humanas. Enquanto terrenos planos contribuem para a ocupação do homem e promovem a expansão urbana e de infraestruturas, as áreas com maiores declives comprometem a relação entre o núcleo urbano e a água, estimulando a desfragmentação do território.

Há uma maior densidade populacional no troço inferior do rio, nomeadamente nos concelhos de Esposende, Barcelos e Braga. Esta concentração populacional, aliada aos elementos geográficos anteriormente referidos, impulsionam a existência de polos comerciais e acentua o carácter urbano das margens fluviais.

A posição geográfica do Cávado foi essencial para o desenvolvimento de Esposende e Fão. A presente configuração territorial permitiu um crescimento equilibrado, no qual a preservação ambiental e a evolução urbana coexistem em diferentes níveis em cada uma das margens. Apresentam fragilidades naturais, resultantes da acumulação de areias, instigadas pelo acúmulo de areias, devido às correntes marítimas e aos ventos fortes, popularmente conhecidos como “nortadas”. Consequentemente, estas condições geográficas moldaram o local e a relação que o mesmo possui com a população, influenciando o seu desenvolvimento económico e urbano ao longo dos tempos.

⁷ Macedo, M. F. (2020). O percurso da margem do Rio Cávado: Uma proposta de consolidação. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

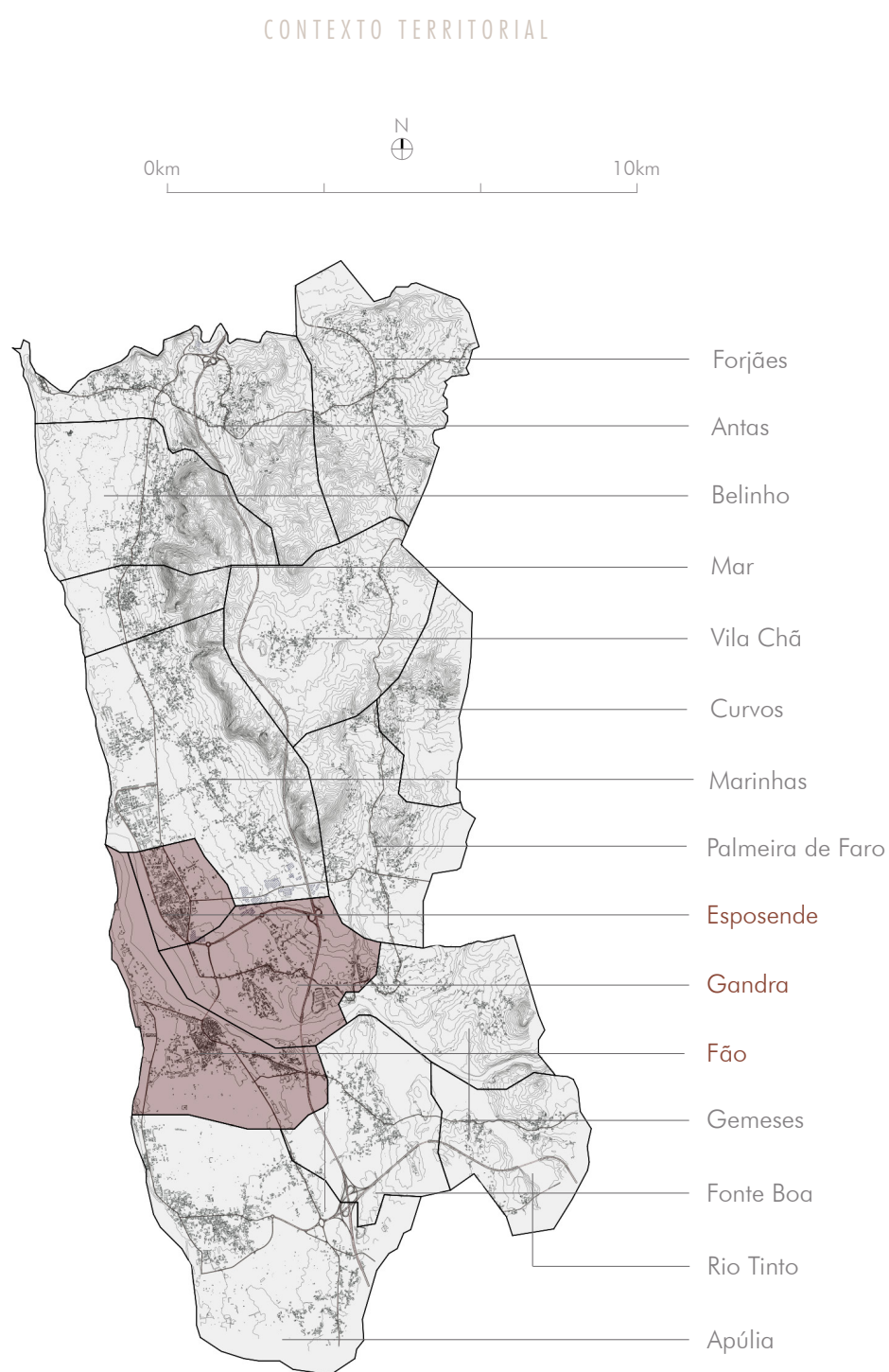


Fig. 6: Concelho de Esposende com identificação das freguesias, destacando a área do objeto de estudo

A estrutura morfológica do concelho de Esposende pode ser setorizada em três partes principais: a primeira - Planície Litoral - parte desde a Apúlia até S. Paio de Antas e caracteriza-se por possuir cotas de baixa altitude, com solos de elevada fertilidade, representando cerca de metade da superfície concelhia; a segunda - Arriba Litoral - estende-se desde S. Paio de Antas e Palmeira de Faro, atingindo uma altitude média de 200m e surge como uma fronteira natural entre o litoral e o interior; por fim, a terceira - Planalto Interior - alcança altitudes até 280m, onde predominam bosques e matas e na qual ocorre a transição para as zonas mais interiores do concelho.

No território que circunscreve o estuário do Cávado, a topografia diverge entre as duas margens, numa dualidade entre artificial e natural. Na margem norte, na qual se localiza Esposende, há uma maior intervenção humana, nomeadamente a construção da marginal, que introduziu um novo perfil topográfico, dando primazia aos espaços públicos e respetivos acessos. Em oposição, surge a margem sul, onde se situa Fão, que conserva as especificidades do local, integrando áreas protegidas no Parque Natural do Litoral Norte (PNLN), planícies férteis junto ao rio, sistemas dunares costeiros e terrenos com elevação gradual. Esta margem tem privilegiado soluções que respeitam a topografia natural do local, nomeadamente a partir da projeção de passadiços elevados, minimizando o impacto na paisagem.

Na área central do estuário, caracterizada por ser uma várzea e frequentemente dedicada à agricultura, dá-se uma maior ocorrência de inundações. No entanto, tem vindo a adaptar-se a novas funcionalidades relacionadas com o turismo e o lazer, evoluindo na utilização do território.

Esposende desenvolveu-se como centro agrícola, proporcionado pela sua proximidade à foz do rio Cávado, que permitia o desenvolvimento de atividades piscatórias e do comércio marítimo. Assumiu uma grande importância no que diz respeito às rotas comerciais atlânticas nos séculos XV e XVI; no entanto, também enfrentou desafios como o assoreamento do rio e as dificuldades associadas à navegação costeira.⁸

⁸ Venda, S. J. R. A. da. (2019). Entre Mar e Rio: As dinâmicas sociais da vila de Fão representadas no tempo. Universidade do Minho, Escola de Arquitectura.

CONTEXTO TERRITORIAL

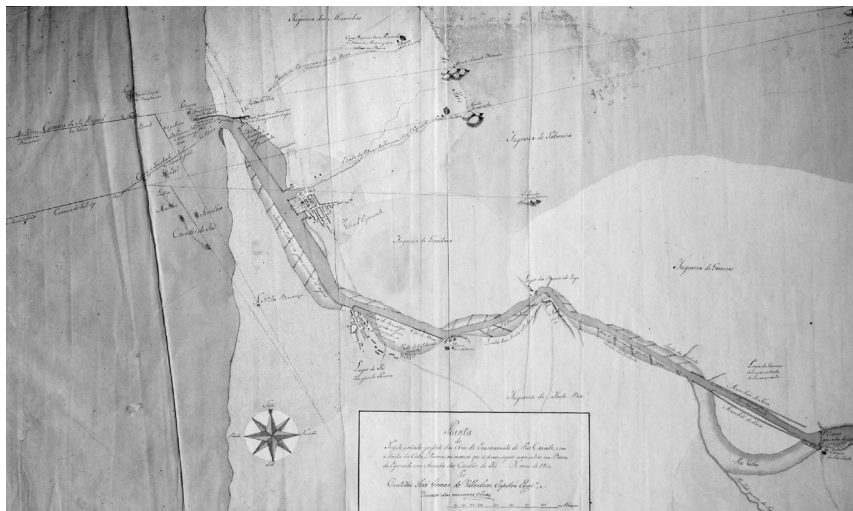


Fig. 7: Fresco de Augusto Gomes (1910-1976) a representar os “Cavalos de Fão”

Fig. 8: Projeto de encanamento do Rio Cávado, da autoria do Engenheiro Custódio Vilas Boas, 1975

O assoreamento, caracterizado pela acumulação progressiva de sedimentos aluviais no fundo do vale dos rios ou nas suas desembocaduras, tem sido um desafio para variados cursos de água em Portugal. No caso do rio Cávado, este processo aconteceu desgovernadamente, influenciando o desenvolvimento das frentes ribeirinhas.

Uma série de fatores, tanto naturais como de intervenção humana, contribuíram para que se desse o assoreamento do Cávado. Destaca-se o período denominado por “Little Ice Age”, compreendido entre os séculos XVI e XVIII, no qual se verificou uma redução do nível médio das águas. Esta alteração climática favoreceu a movimentação de areias para o interior dos estuários, resultando, consequentemente, em acumulações nas suas margens.⁹

Numa análise comparativa entre Esposende e Fão face ao assoreamento, percebe-se que os impactos do assoreamento foram distintos. No primeiro caso, constituído por uma barra mais larga e protegida pelos Cavalos de Fão a leste, demonstrou uma maior resistência. Contudo, o processo de assoreamento resultou no crescimento e acumulação de areias, provocando o aumento do cabedelo e levando à translação da foz para norte. Isto levou ao encerramento da barra a sul, afetando, particularmente, Fão.

Na primeira metade do século XVIII o rio encontrava-se num estado crítico, assoreado e dividido em múltiplos canais, comprometendo a capacidade da água para manter a barra desobstruída. A situação foi-se agravando e, em 1758, uma grande área do limite de Fão estava afetada pelo assoreamento, impossibilitando a navegação da barra.

Compreende-se, portanto, que a complexidade do processo de assoreamento durante os séculos XVI a XIX no litoral nacional resulta da convergência de diversos fatores: as alterações climáticas resultantes da “Little Ice Age”, das variações do nível médio do mar, do aumento da demografia, das deflorestações expressivas consequentes das políticas de construção naval, do crescimento agrícola, das intervenções antrópicas nos cursos de água e nos espaços portuários e dos processos erosivos intensificados pela precipitação.¹⁰

⁹ Neiva, M. A. P. (2012). Esposende: a barra, o porto e a navegabilidade do Cávado: projectos e memórias (Fotog. P. Guerreiro et al.). Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

¹⁰ Lopes, A. I. (2023). Fão entre o assoreamento do rio Cávado e invasões de areia (1750–1870): das pré-condições e impactos à resiliência socioinstitucional. In Câmara Municipal de Esposende (Ed.), Boletim Cultural de Esposende (3.ª série, n.º 2).

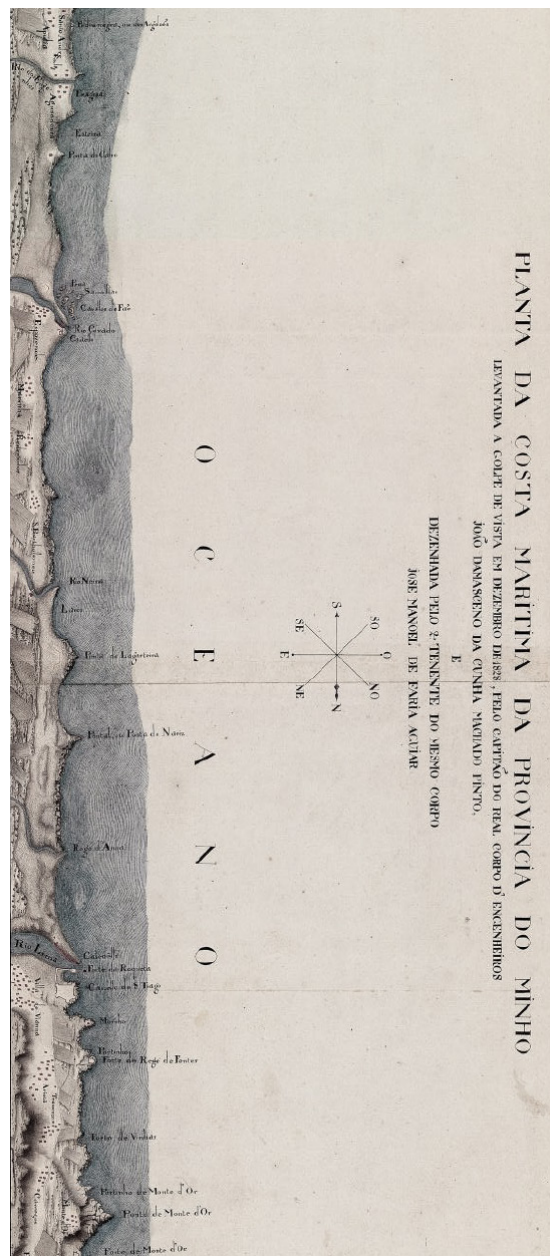


Fig. 9: Planta da Costa Marítima da Província do Minho

A atenuação do assoreamento e dos seus efeitos baseava-se em projetos de encanamento e drenagem do Rio Cávado, numa abordagem que era praticada noutros locais da Europa. Este processo visava *“(...) quer como combate ao assoreamento ou aos problemas sanitários que este acarretava, quer das contrapartidas comerciais que poderia trazer o incremento da navegação.”*¹¹

Apesar de diversas iniciativas, o assoreamento continuou a afetar a navegabilidade do rio em Fão, tornando-o *“(...) praticamente inavegável, obrigando os mareantes a terem de encontrar soluções para continuarem a atividade pesqueira. Porém, a luta face ao assoreamento também levou a que o espaço se tornasse densamente arborizado, do lado marítimo e fluvial, e repleto de estruturas de defesa.”*¹²

Nos dias de hoje, ainda se debate a relação e influência entre o Rio Cávado e a preservação ambiental e a incorporação urbana. Assim, a gestão deste espaço implica uma abordagem que tenha em consideração a sua herança e impacto histórico, aliado às necessidades atuais de desenvolvimento do território e da paisagem.

¹¹ Lopes, A. I. (2023). Fão entre o assoreamento do rio Cávado e invasões de areia (1750–1870): das pré-condições e impactos à resiliência socioinstitucional. In Câmara Municipal de Esposende (Ed.), Boletim Cultural de Esposende (3.º série, n.º 2).

¹² Idem

CONTEXTO HISTÓRICO

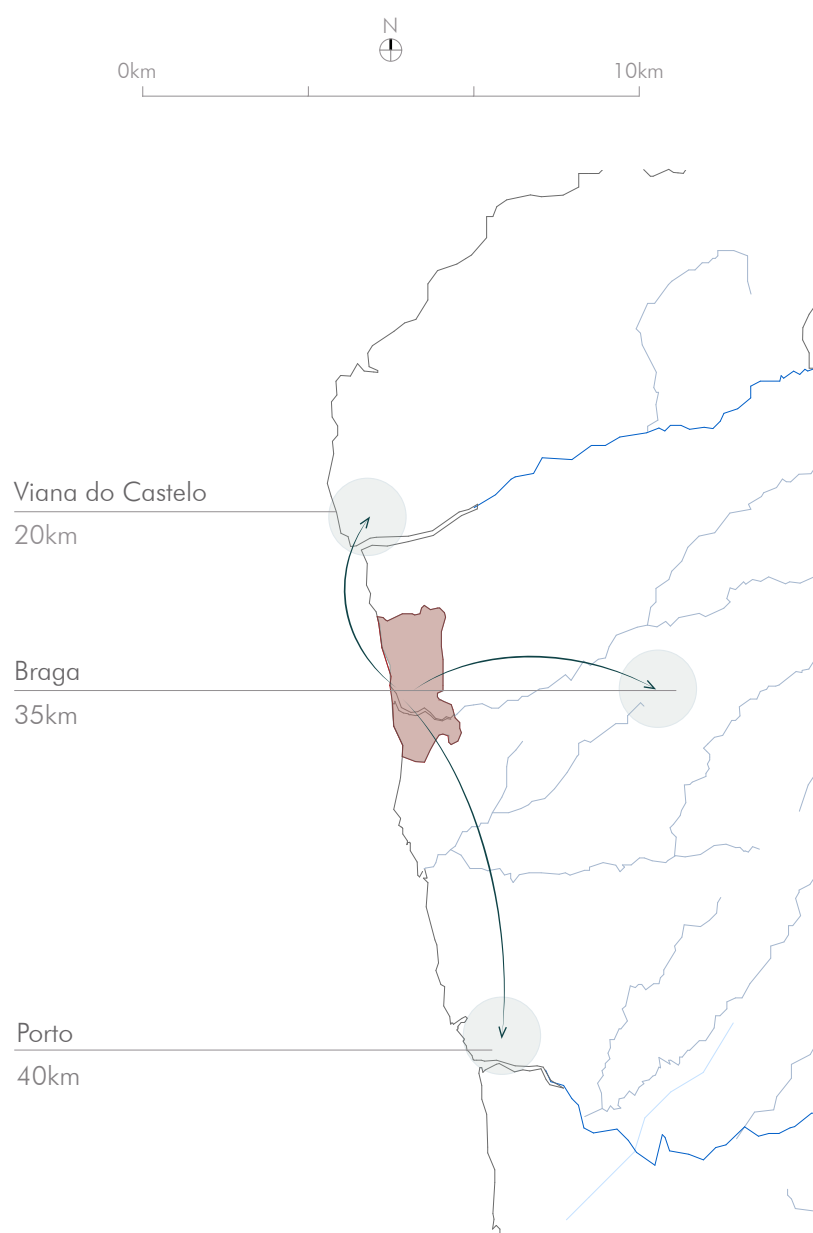


Fig. 10: Distâncias de Esposende aos centros urbanos mais próximos

1.2 CONTEXTO HISTÓRICO

Pertencente ao distrito de Braga, com uma área de aproximadamente 95km², Esposende é o único concelho que se encontra na costa marítima, sendo limitado a norte pelo distrito de Viana do Castelo, a sul pelo município da Póvoa de Varzim, pertencente ao distrito do Porto e na sua fronteira interna é limitado pelo concelho de Barcelos. Possui uma relação de proximidade com centros urbanos relevantes, sendo eles o Porto, Póvoa de Varzim, Viana do Castelo, Braga e Barcelos. Simultaneamente, caracteriza-se por possuir valências geográficas distintas – o monte, vale, rio e mar, fomentando a prática de atividades agrícolas e piscatórias. Num local onde a natureza se evidencia aliada a boas condições climatéricas, Esposende assume-se como um local essencialmente turístico, onde a sua identidade se assume, principalmente, pela prática de atividades sazonais de verão.

Fão também é reconhecido pelo seu extenso areal e a sua ligação com o estuário do Cávado, tendo sido um dos mais relevantes centros salineiros a nível nacional no período medieval.¹³ A sul faz fronteira com a freguesia da Apúlia e a Este com a freguesia de Fonte Boa, sendo ladeada a norte pelo Rio Cávado e a oeste pelo Oceano Atlântico. Implantada na margem esquerda do rio, a vila de Fão, que se caracteriza por possuir distintas morfologias e tecidos urbanos, assume-se, principalmente após o aparecimento de Ofir como um refúgio de verão.

A EN13 conecta a vila de Fão à cidade de Esposende, assumindo-se como um limite e, ao mesmo tempo, como um elo de ligação e dinamismo externo, onde, devido à sua grande movimentação, promoveu o centro balnear de Ofir.

Estas localidades costeiras, baixas e arenosas, caracterizadas pela forte relação ao rio e ao oceano atlântico, destacam-se como importantes polos de integração com o meio natural envolvente e apresentam uma valiosa história marítima e comercial.

¹³ Neiva, M. A. P. (2012). Esposende: a barra, o porto e a navegabilidade do Cávado: projectos e memórias (Fotog. P. Guerreiro et al.). Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

CONTEXTO HISTÓRICO

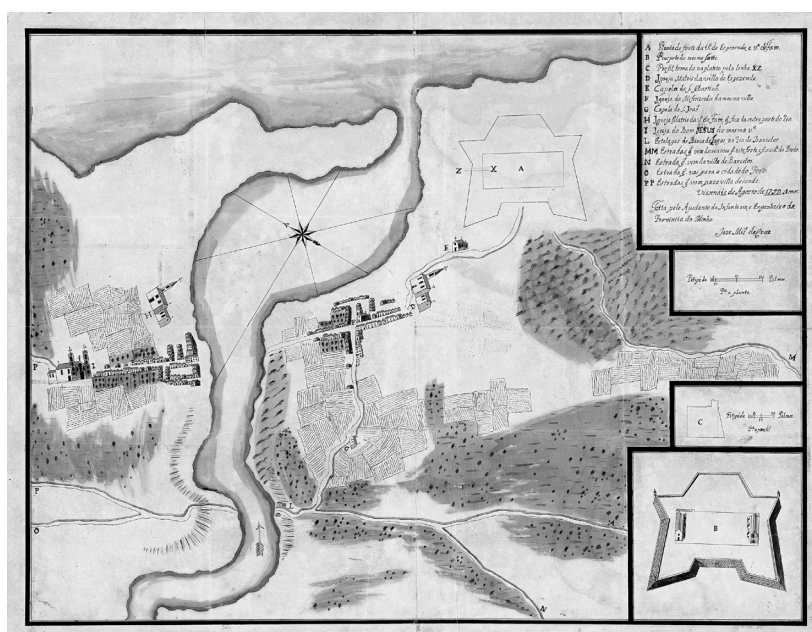


Fig. 11: Carta de Esposende e Fão em 1752

CONTEXTO HISTÓRICO

Esposende nasce a partir e com o rio Cávado, estando, portanto, intrinsecamente ligado ao mesmo. O rio desempenhou um papel primordial na evolução deste território, influenciando os seus contornos no decorrer dos anos. Numa primeira fase, assumiu uma importância económica, servindo como base para as atividades de pesca e transporte fluvial; depois, aliado à requalificação dos perfis das frentes marítima e fluvial, contribuiu para o crescimento do turismo balnear, surgindo, portanto, como promotor do desenvolvimento urbano. Para além disso, a sua evolução está intrinsecamente ligada à demanda por habitações secundárias - “casas de férias”, principalmente a partir do fim da primeira metade do século XX. A procura por este tipo de ambientes, tranquilos e de descanso, foram, em muitos casos, executados pelos arquitetos Viana de Lima e Arménio Losa, naturais da região.¹⁴

Na década de 40, assiste-se a um marco determinante no desenvolvimento daquela que, até à data, ainda era vila, assinalado pela ascensão de preocupações sociais, manifestadas pela construção de bairros destinados aos pescadores, como o Bairro de São Vicente da Paula e o Bairro dos Pescadores. Simultaneamente, também foram construídas infraestruturas notáveis, como, por exemplo, o Paredão do Instituto de Socorros a Náufragos em 1942, a inauguração do Hotel Suave Mar em 1946 e a construção do Bar-Restaurante junto ao forte de S. João. Igualmente o planeamento urbano foi alvo de progresso, quando, em 1948, emerge o antepiano geral de urbanização pelo Engenheiro José Miranda de Vasconcelos, onde foram estipulados os limites urbanos que viriam a constituir o aglomerado central de Esposende.¹⁵

Ao longo dos anos, a evolução urbana de Esposende foi sendo consolidada e a partir da década de 60 foi sofrendo alterações que a levaram à imagem e organização que atualmente verificamos. Em 1963, o Arquiteto Viana de Lima desenvolveu um antepiano de urbanização, onde promovia áreas de expansão da vila, inserindo um desenho que, posteriormente, veio a definir uma área relativamente grande de Esposende.

¹⁴ Carreiras, J. D. G. (2023). A produção moderna em Esposende: Viana de Lima e Sergio Fernandez na urbanização das dunas do Suavê Mar. Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

¹⁵ Câmara Municipal de Esposende. (2009). Esposende: ensaio urbano de vila a cidade (Textos: Álvaro Domingues et al., 1.ª ed.). Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

CONTEXTO HISTÓRICO

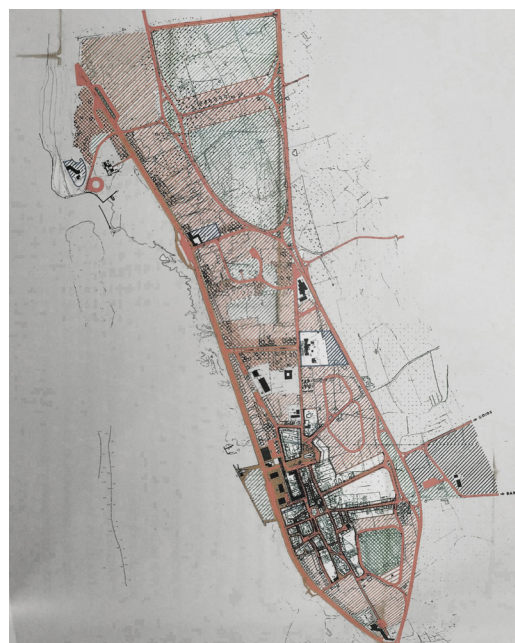


Fig. 12: Planta geral de Esposende de 1942

Fig. 13: Planta do Esboço do Ante-Plano de Urbanização da Vila de Esposende, da autoria dos arquitetos Carvalho Dias e Lúcio Miranda, 1967

Seguidamente, em 1967, desenvolvido pelo Arquiteto Carvalho Dias, surge o esboceto do antepiano de urbanização, que consistia no enquadramento e organização dos licenciamentos isolados. Também nesse ano ocorreu a construção da Marginal, num desenho paralelo ao rio, estabelecendo uma nova estrutura urbana na margem norte, promovendo o diálogo com a frente de água. Depois, desenvolve-se o “Plano parcial de urbanização da zona para construção de habitação para famílias modestas”.

No início da década de 70 elaborou-se o “Estudo Urbanístico entre a Avenida do Hospital e o Largo Central da Vila”, dividindo-a em duas áreas ímpares: a zona localizada a norte destinava-se à expansão de moradias, enquanto a zona a sul estava estipulada para o desenvolvimento de edifícios públicos administrativos, de serviços e de comércio. Este estudo procurava um equilíbrio entre a zona residencial e o espaço público, atingindo um equilíbrio urbano.

O período após o 25 de Abril assumia-se como conturbado em Portugal, no entanto em Esposende, impulsionado pelo aumento do turismo, o seu desenvolvimento urbano continuou a ser promovido, nomeadamente através da propagação de edifícios residenciais nas áreas ribeirinhas, paralelamente construía-se equipamentos importantes para o fortalecimento da relação com o estuário, como a marina pública e a doca dos pescadores.

O “Plano de Urbanização de Esposende como Estudo Preliminar” elaborado por José Bernardo Ferrão e Francisco Barata instituiu a recuperação da malha na região central e a organização do espaço na zona norte, previamente entendida como área de expansão. Este plano, extremamente importante para a otimização do território, consistia “(...) em duas frentes – recuperação da malha da zona central existente e a organização do espaço da zona norte, classificada de expansão.”¹⁶ Também abordava temáticas do teor agrícola, da construção individual, das atividades piscatórias e do turismo.

Ao longo dos anos o desenvolvimento urbano foi continuamente incentivado e, como resultado, em 1993 Esposende alcança o estatuto de cidade.

¹⁶ Câmara Municipal de Esposende. (2009). Esposende: ensaio urbano de vila a cidade (Textos: Álvaro Domingues et al., 1.ª ed.). Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

CONTEXTO HISTÓRICO

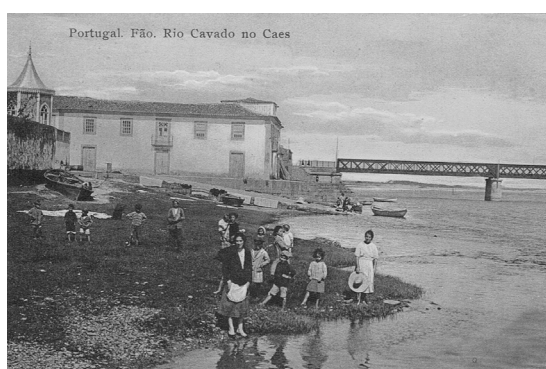
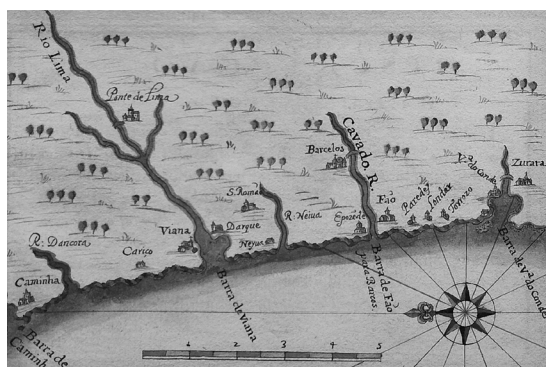


Fig. 14: Carta Náutica de João Teixeira, 1648
 Fig. 15: Estaleiros Navais de Fão, postal de 1906
 Fig. 16: Cais de Fão, postal de 1938

A origem de Fão remonta a tempos antigos, pertencendo ao concelho de Barcelos até 1868, data das reformas concelhias e momento onde se verificou um aumento demográfico notável. Com uma posição estratégica em relação ao mar e ao rio, desempenhava um papel fundamental nas rotas comerciais da região, onde a maioria dos habitantes se dedicavam à pesca. Porém, em 1758, *“o rio nascia muito caudaloso, mas ao passar em Fão era “morto”*¹⁷. Isto porque, no século XVI, foi iniciada uma fase de grandes transformações morfológicas do território, culminando na alteração da forma do território e nas atividades económicas de eleição na região. O desenho da barra e de Fão, em forma de “C”, contribuía para a dinâmica da água, promovendo a sedimentação das areias nas margens, uma vez que não conseguiam alcançar o mar. Desta forma, embora o rio nascesse com um fluxo intenso, quando chegava a Fão as correntes de água diminuam de força, impedindo, muitas vezes, a navegação.¹⁸

Territorialmente, Fão foi sendo ocupado, inicialmente, nas proximidades às margens do rio, distanciando-se da orla costeira, num sentido defensivo e de resguardo associados a fenómenos naturais e de proteção em relação aos corsários e piratas, insegurança comum no litoral português.

Durante o século XVIII, tal como em muitas regiões nacionais, o património religioso desempenhava um papel fulcral na estrutura espacial, com a Igreja do Bom Jesus a sul, conectada através da rua Direita à Igreja Matriz, criando um eixo de ligação de sul a norte.¹⁹

Influenciado pela Revolução Industrial, a partir do século XIX, ocorreram diversas transformações em Fão. Relativamente à economia, constata-se a incorporação de novas indústrias alusivas ao peixe, nomeadamente à forma como este é processado e transportado. No que diz respeito ao desenvolvimento urbano, instigado pela construção de novas infraestruturas de transporte, o núcleo central expandiu-se para as áreas circundantes. Destaca-se, nesta época, a construção da ponte D. Luís Filipe, que promoveu a ligação entre Fão e Esposende, facilitando trocas comerciais e sociais.²⁰

17 Lopes, A. I. (2023). Fão entre o assoreamento do rio Cávado e invasões de areia (1750–1870): das pré-condições e impactos à resiliência socioinstitucional. In Câmara Municipal de Esposende (Ed.), Boletim Cultural de Esposende (3.ª série, n.º 2).

18 Idem

19 Idem

20 Venda, S. J. R. A. da. (2019). Entre Mar e Rio: As dinâmicas sociais da vila de Fão representadas no tempo (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Escola de Arquitectura.

CONTEXTO HISTÓRICO

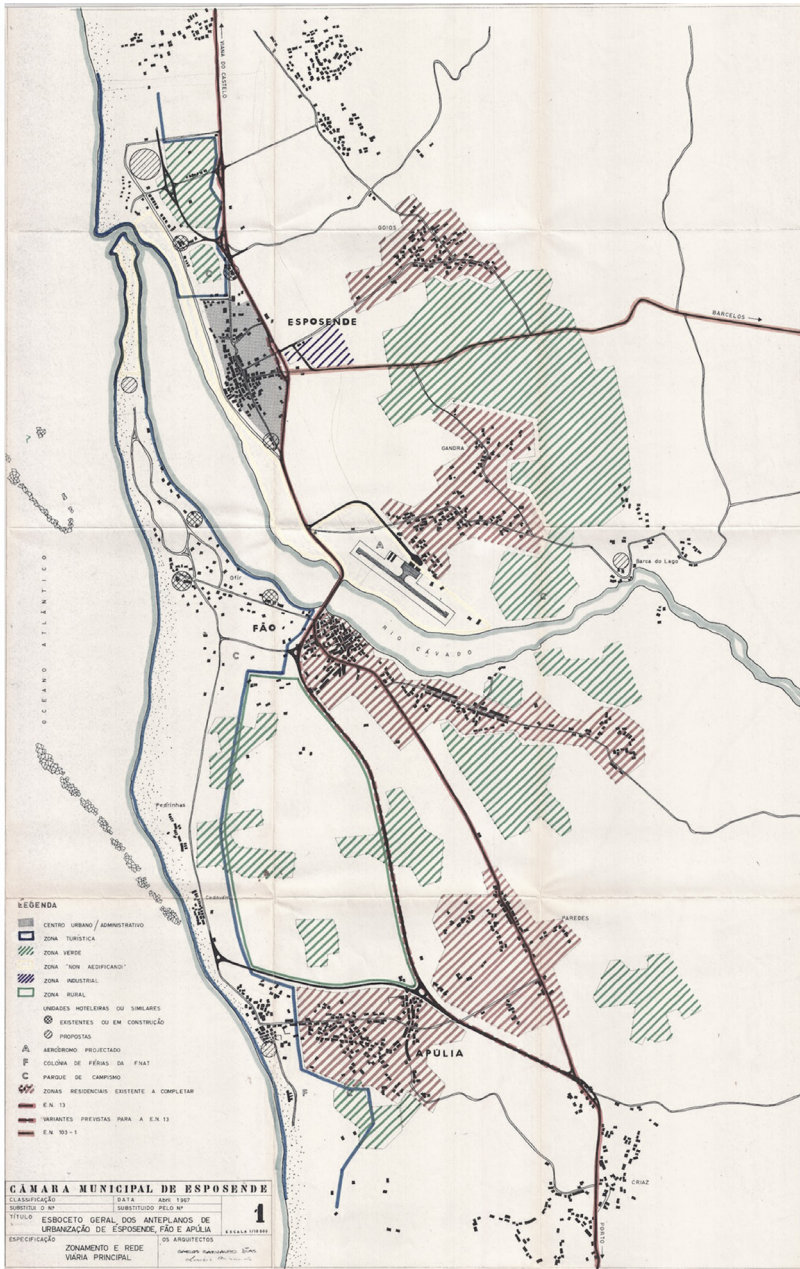


Fig. 17: Esboceto geral dos Anteplanos de Urbanização de Esposende, Fão e Apúlia, 1967

CONTEXTO HISTÓRICO

O século XX marca uma época de maiores alterações na paisagem urbana, com o aparecimento dos primeiros edifícios habitacionais em Ofir e, consequentemente, a promoção do turismo balnear, tornando-se a principal atividade económica. Por outro lado, esta alteração no desenvolvimento da economia, criou pressões acerca dos recursos naturais e das infraestruturas existentes.²¹

Atualmente, Fão, assume-se com uma identidade própria, numa dualidade entre tradição, no sentido de manter a sua história como comunidade intrinsecamente ligada à atividade piscatória, e inovação, como meio de se afirmar como destino turístico.

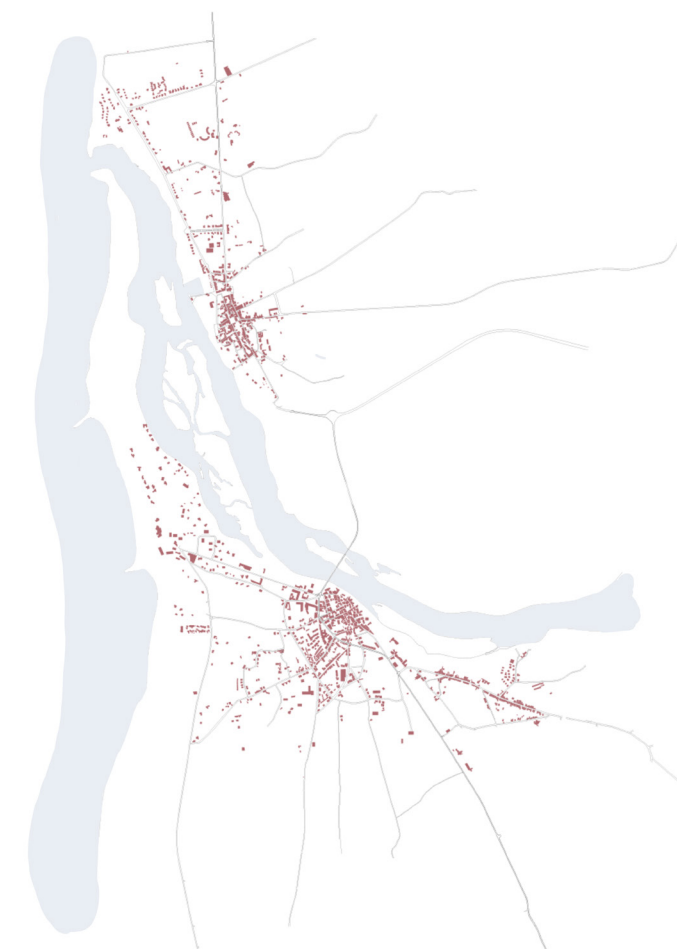
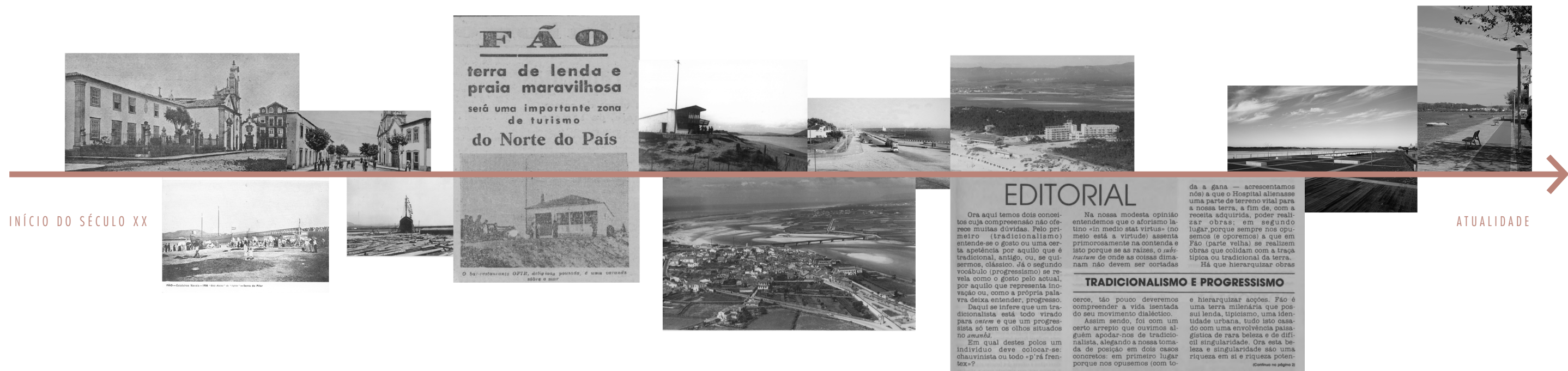
Na zona central de Esposende adotaram-se várias medidas que promovem espaços coletivos no interior dos quarteirões, com espaços que estimulam o sentido comunitário, bem como uma variedade de percursos pedonais, aliados a áreas de lazer e conforto. Na área a norte, desenvolveram-se habitações de diferentes tipologias - unifamiliar isoladas, unifamiliar em banda e plurifamiliares - preservando as superfícies de pinhal e os espaços agrícolas e, da mesma forma, procuraram proteger a zona costeira.²²

O estuário do rio Cávado é contornado por uma dualidade nas suas margens: a norte, onde se localiza Esposende, há um carácter mais urbano e artificial, fruto da implementação de estruturas portuárias, uma variedade de espaços públicos e o facto de as áreas residenciais estarem espacialmente bem definidas; por outro lado, a sul, onde se situa Fão, mantém-se um carácter que privilegia a natureza, com áreas protegidas que limitam a expansão da região.

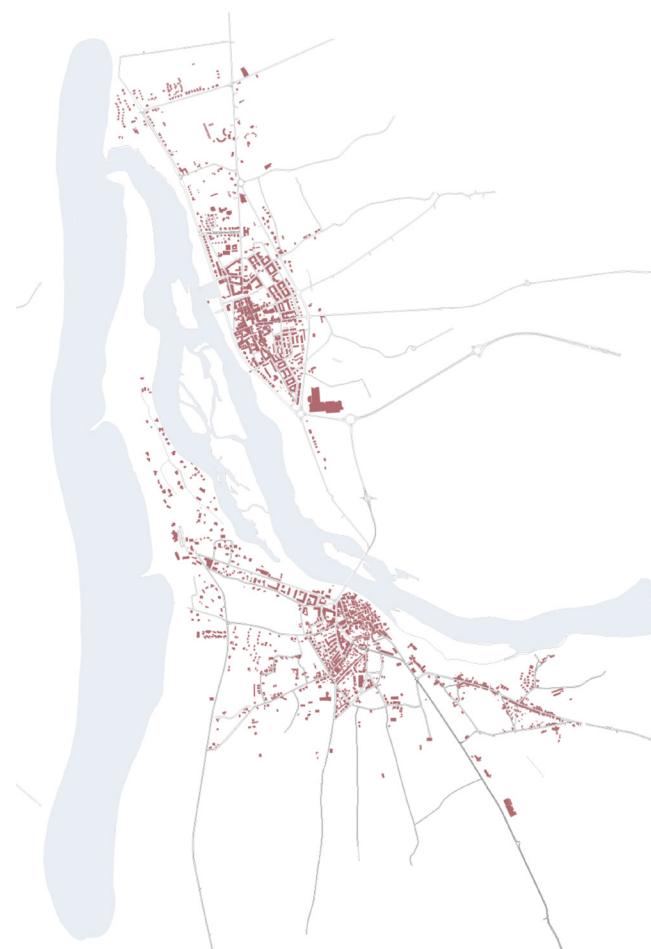
A coexistência desta evolução distinta das duas margens do estuário resulta num equilíbrio entre o desenvolvimento urbano e a preservação da natureza. Simultaneamente, também se verifica uma harmonia entre os conceitos de tradição e modernidade (referir também pontos negativos), devido à projeção de espaços turísticos e de promoção económica, ao mesmo tempo em que a identidade histórica é preservada.

21 Lopes, A. I. (2023). Fão entre o assoreamento do rio Cávado e invasões de areia (1750–1870): das pré-condições e impactos à resiliência socioinstitucional. In Câmara Municipal de Esposende (Ed.), Boletim Cultural de Esposende (3.ª série, n.º 2).

22 Câmara Municipal de Esposende. (2009). Esposende: ensaio urbano de vila a cidade (Textos: Álvaro Domingues et al., 1.ª ed.). Esposende: Câmara Municipal de Esposende.



1º METADE DO SÉCULO XX



2º METADE DO SÉCULO XX



ATUALIDADE

Fig.18: Evolução do desenvolvimento de Esposende e Fão ao longo do século XX até aos dias de hoje

2 | COMPREENDER

“A imagem mais comum de Esposende está indelevelmente ligada com o veraneio e a vilegiatura. A sua localização privilegiada no litoral Atlântico junto à foz do Rio Cávado, a existência de areais extensos e a excelência da paisagem entre as praias e a “arriba fóssil”, com os seus miradouros e matas, conferem a este lugar uma forte identidade e uma certa distinção. Para o interior do concelho, o padrão de povoamento repete a velha matriz paisagística da região do Minho e da sua orla costeira: uma constelação dispersa de povoamento concordante com o forte retalhamento do solo agricultável das veigas e planícies litorais, intercalada com matos e bouças que ocupam os terrenos mais pobres e declivosos.”²³

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO TECIDO URBANO

A análise do tecido urbano, realizada a partir do estudo extensivo e metódico das suas variadas articulações, permite a identificação das valências e das fragilidades que caracterizam o território de Esposende e Fão.

Esta fase permite uma compreensão das dinâmicas existentes, através da organização em quatro eixos principais: mobilidade, edificado, usos do solo e a estrutura hídrica.

O primeiro eixo em análise contempla o estudo da estrutura viária e as suas ramificações, tendo em consideração as condições de acessibilidade, os fluxos de circulação, a rede de transportes e as tipologias e condições das vias. O conteúdo seguinte refere-se ao estudo do edificado, nomeadamente dos equipamentos e habitação, verificando a distribuição espacial dos mesmos e a relação que têm entre si e com o contexto social e económico do caso de estudo. Posteriormente, os espaços verdes e os variados usos do solo são averiguados, de modo a compreender a organização e ocupação da superfície. Por fim, e tendo em consideração que se está perante um caso de estudo que envolve rio e mar, surge a compreensão da estrutura hídrica, revelando-se um elemento essencial para a compreensão da morfologia urbana e das suas condicionantes naturais.

A integração dos parâmetros referidos visa a criação de condições necessárias para que, subsequentemente, se estabeleça uma estratégia que responda às necessidades da população e, ao mesmo tempo, promova um estável desenvolvimento urbano.

23 Câmara Municipal de Esposende. (2009). Esposende: ensaio urbano de vila a cidade (Textos: Álvaro Domingues et al., 1.ª ed.). Esposende: Câmara Municipal de Esposende, p.23

MOBILIDADE



Fig. 19: Estrutura viária principal e identificação das vias de sentido único e respetiva direção em Esposende e Fão

Estrutura Viária

No território de Esposende e Fão estamos perante uma estrutura viária hierarquizada e complexa, surgindo como um elemento estruturante do território. Fundamenta a organização e articulação do espaço urbano, influenciando as dinâmicas entre as duas regiões e a interconexão do território. As vias, designadas não apenas como corredores de mobilidade, mas também como espaços de convívio e permanência, assumem-se como elementos essenciais com fortes influências na paisagem urbana.

A rede viária, hierarquicamente bem definida, ajusta-se às necessidades de mobilidade local e à integração com o sistema rodoviário nacional. Nesse sentido, este território caracteriza-se pelos acessos oportunos aos centros urbanos adjacentes, como Viana do Castelo, Braga e Porto, assumindo, portanto, uma posição privilegiada.

Como um dos elementos primordiais de conexão territorial surge a Estrada Nacional 13 (EN13) que estabelece a ligação não só entre Esposende e Fão, mas também com as outras zonas costeiras, sendo, por isso, particularmente importante no setor turístico. Ao mesmo tempo que esta via emerge como um limite, também atua como um elo de dinamismo externo, contribuindo, devido ao seu tráfego considerável, para o desenvolvimento do centro balnear de Ofir.

Adicionalmente, a autoestrada A28 possibilita uma alternativa de ligação norte-sul mais eficaz, resultando na redução do trânsito na EN13 e, para além disso, facilita as deslocações amplas e de longa duração. Complementarmente, a A11 e a EN103 permite a conexão com centros urbanos que se localizam mais resguardados da costa e que fazem fronteira com o concelho de Esposende, como Barcelos e Braga.

Num nível secundário, mas essencial na estrutura viária, situam-se as vias suplementares, tais como a Avenida António Veiga e a Avenida Engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira. Estas avenidas permitem a distribuição do fluxo viário interno e o acesso às diferentes áreas residenciais, comerciais ou turísticas das localidades. Verifica-se, também, a existência de vias que atravessam zonas mais periféricas, integrando zonas residenciais e agrícolas com o núcleo urbano, garantindo a coesão do tecido urbano.

MOBILIDADE



Fig. 20: Rede de Transportes em Esposende e Fão

Rede de Transportes

A carta dos sistemas de transportes coletivos possibilita a compreensão do foco e carência dos mesmos.

Neste caso, verifica-se um sistema de autocarros que estabelece ligações com as regiões vizinhas. Esposende detém uma estação central de camionagem, localizada junto à Estrada Nacional 13, nas proximidades do Hospital Valentim Ribeiro e da Escola Secundária Henrique Medina. As conexões com centros urbanos maiores, como Braga e Porto, são asseguradas por rotas de autocarros com frequência e intervalos regulares. No entanto, existe uma notória limitação nas ofertas de transportes durante os períodos noturnos e aos fins de semana, bem como uma carência de ligações diretas a áreas mais periféricas no concelho, em particular as áreas rurais.

Ainda que o território não disponha de uma rede ferroviária e metropolitana, a proximidade a Barcelos garante o acesso ao transporte ferroviário, assegurando o acesso à rede nacional e, consequentemente, a regiões mais distantes.

Fluxo e Segurança Viária

A EN13 apresenta pontos críticos nos seus cruzamentos, especialmente nos horários de maior movimentação, onde o elevado fluxo viário representa um desafio à segurança rodoviária. Os problemas de visibilidade com que os condutores se deparam nesta via, principalmente nos seus cruzamentos, compromete o acesso às zonas urbanas e residenciais.

A configuração viária de Fão caracteriza-se pela presença de vias de sentido único, principalmente nas áreas de acesso à zona costeira e no núcleo histórico. Esta situação se verifica no centro de Esposende, apresentando consequências na fluidez no tráfego nestes locais.

Para além disso, o facto deste território ser fortemente visitado para práticas de veraneio faz com que o fluxo viário varie consoante a época do ano.

MOBILIDADE

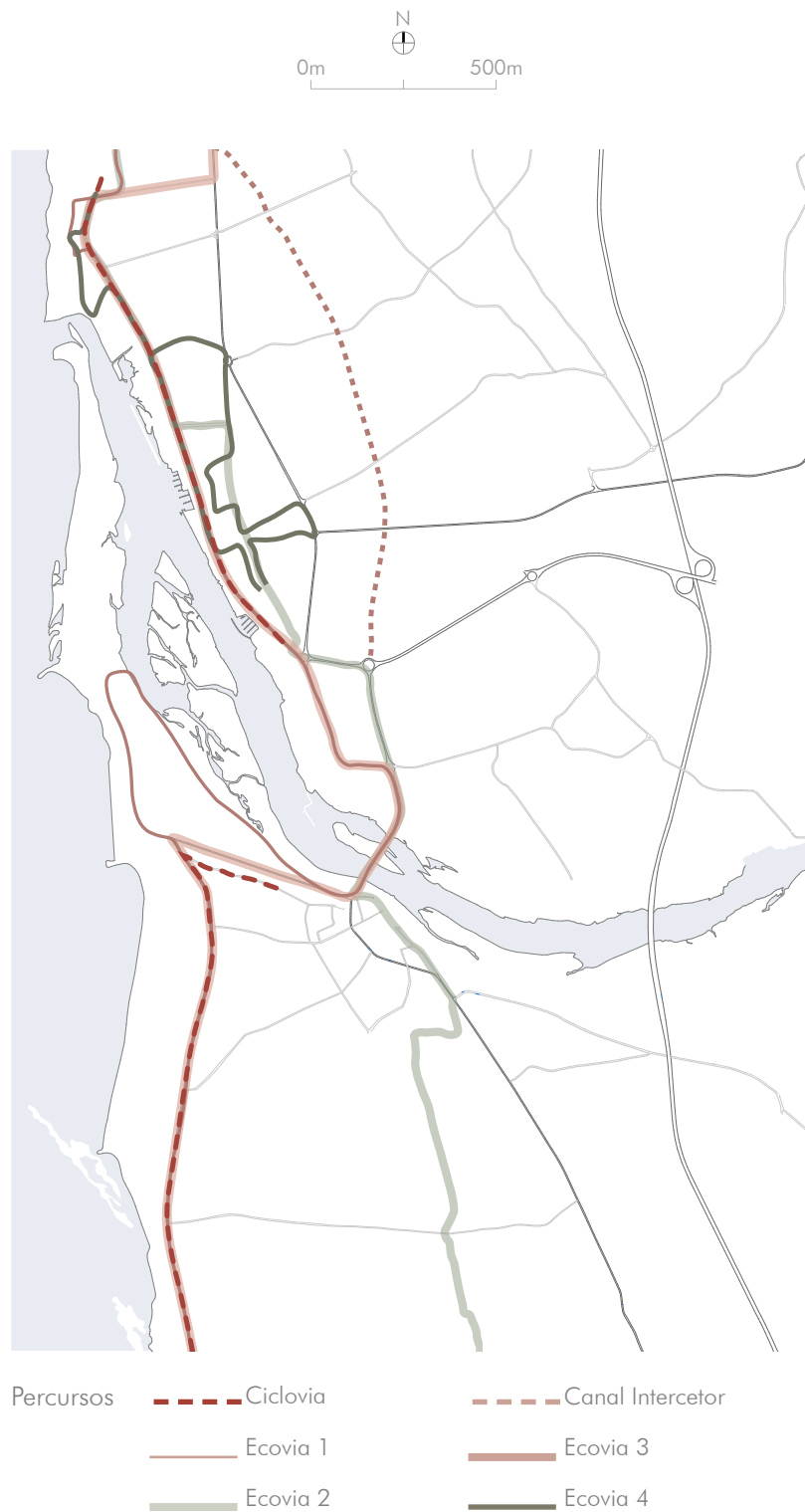


Fig. 21: Rede de percursos pedonais e cicláveis

Acessos e Conexões

Relativamente aos percursos cicláveis, evidencia-se a presença da Ecovia Litoral Norte, desenvolvida em dois segmentos principais. O primeiro, sentido Marinhas-Esposende, inicia-se na marina de Esposende e prolonga-se na extensão da Avenida Engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira, seguindo pela Avenida de Banho e pela Avenida de Praia, culminando na praia de Rio de Moinhos. Este caminho, com cerca de 5km e de pendente muito suave, acompanha o desenho da costa, permitindo o acesso às praias de Suave Mar, Cepães e Rio de Moinhos. A segunda secção, direção Apúlia-Fão, com 6,7km de extensão, apresenta-se num contexto marcado por terrenos agrícolas, moinhos de vento nas dunas e, também, pela existência de monumentos históricos, como o Facho e a Capela da Bonança.

Os percursos pedonais apresentam-se ao longo de todo o território e o que está presente no Parque Natural Litoral Norte surge como um dos mais atrativos. Com um circuito circular de aproximadamente 6km, inicia-se na margem esquerda do rio Cávado, próximo ao Clube Náutico de Fão e incentiva à observação da fauna e flora locais.

A mobilidade pedonal manifesta-se predominantemente ao longo das zonas costeiras; no entanto, no que diz respeito à sua atuação nos núcleos urbanos, observa-se um cenário menos favorável. Esta situação acontece, principalmente, em Fão, onde a presença de vias estreitas com passeios de dimensões reduzidas ou inexistentes compromete a segurança dos pedestres. No caso de Esposende, verificam-se muitos locais de coexistência entre pedestres e veículos, munidos das condições necessárias para que haja compatibilidade entre ambos.

Uma das maiores fragilidades desta região manifesta-se na conexão entre as duas margens do Rio. Existe um único ponto de atravessamento - a Ponte de Fão - que apresenta um passeio de dimensões muito reduzidas, causando um constrangimento nessa ligação.

Ainda que ambas as localidades possuam boas conexões com as freguesias circundantes, a ligação entre elas é bastante limitada, convidando à exploração e transcendência desta adversidade.

MOBILIDADE



Fig. 22: Distribuição do estacionamento público, privado e indevido

Estado das Vias

De um modo geral, a estrutura viária de Esposende e Fão apresenta-se em bom estado e bem conservada, em particular nas principais vias de circulação e nos núcleos centrais.

No entanto, após a análise, identificaram-se algumas áreas mais degradadas de forma dispersa ao longo do território. Verifica-se três zonas distintas com um maior aglomerado de vias degradadas: a norte, nas ligações do núcleo de Esposende à zona do Outeiro e de Góios; na zona central, particularmente nas Fontainhas e na Gandra; por fim, também a sul se verifica uma ocorrência de vias num estado mais danificado na ligação de Fão a Apúlia, na zona mais interior, longa da linha costeira.

Estacionamento

Em relação ao sistema de estacionamento, verifica-se, em ambos os centros, a predominância do estacionamento público gratuito, habitualmente ao longo das vias e, em certos casos, é complementado por áreas específicas para o mesmo. Assim, é proporcionado uma oferta de estacionamento relativamente elevada, tanto para residentes, como visitantes.

O estacionamento privado manifesta características distintas nas duas regiões, sendo que em Esposende aparece pontualmente no centro e em maior concentração na zona industrial. Por outro lado, em Fão, o estacionamento privado surge de forma mais dispersa e em menor quantidade.

Embora o sistema de estacionamento atual apresenta uma ampla quantidade e distribuição do estacionamento gratuito, confirma-se a ocorrência de estacionamento indevido, com particular incidência nos centros de Esposende e, ainda mais evidente, é no caso do centro histórico de Fão. Isto indica uma insuficiência de lugares nestas áreas, criando, por isso, estrangimentos na circulação.

MOBILIDADE

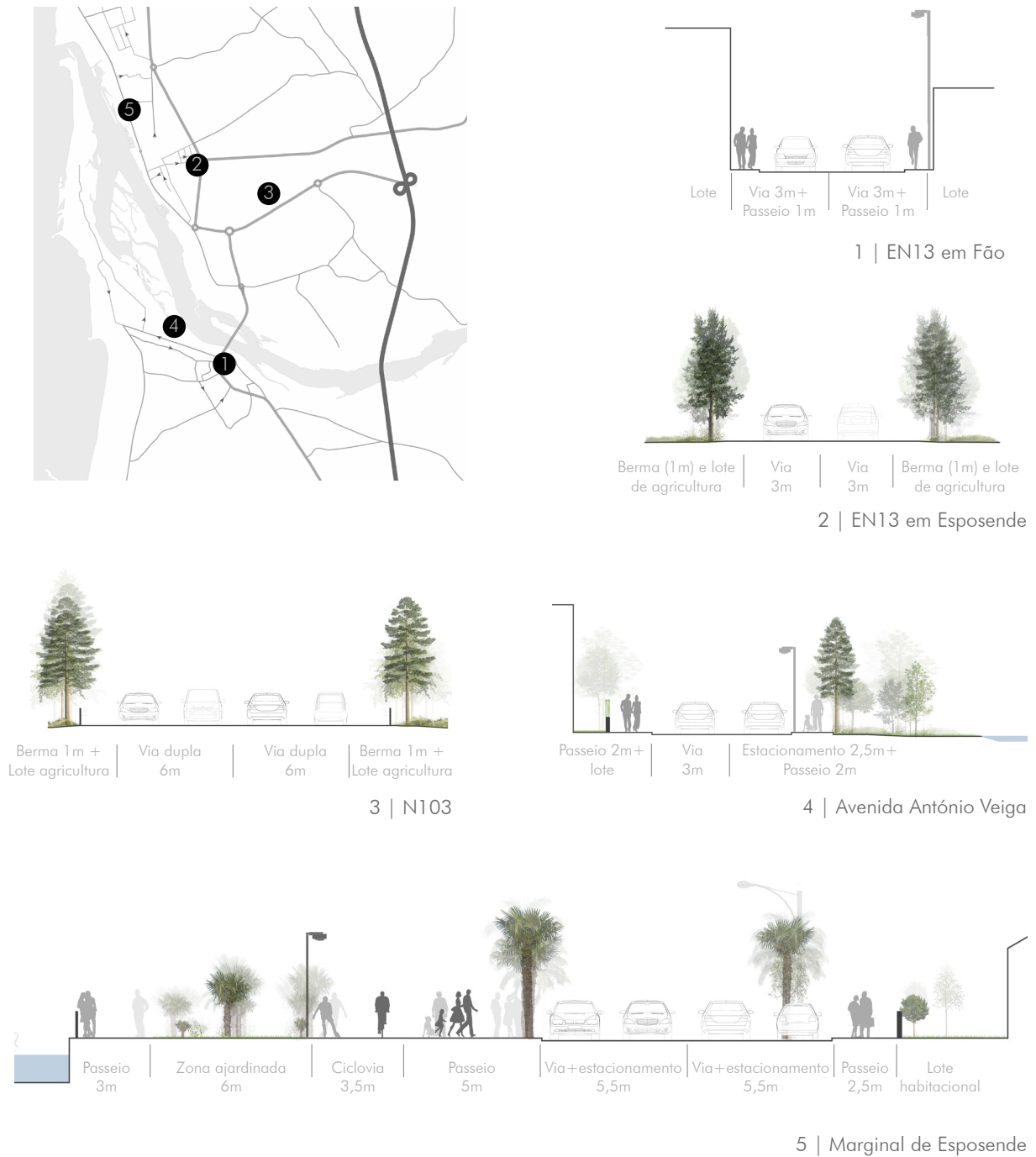


Fig. 23: Identificação dos principais perfis de vias na área de estudo

Perfis das Vias

Esta rede viária apresenta diversas tipologias que desempenham papéis distintos na organização do espaço, desde vias estruturantes de alta capacidade, aptas para grandes distâncias, até acessos locais e rurais, projetados para pequenos percursos.

A autoestrada A28, sendo um eixo estruturante, apresenta-se por um perfil de alta capacidade, com um separador central e múltiplas faixas de rodagem asfaltadas em ambos os sentidos, apta para albergar diversos automóveis e estabelecer a relação com outros centros urbanos de forma eficaz.

A Estrada Nacional 13 apresenta três variações de perfil na sua extensão, adaptando-se às características das áreas que atravessa, possuindo secções mais simplificadas até segmentos que incorporam vegetação e passeios em zonas mais urbanizadas.

No centro urbano de Esposende, destaca-se a Avenida Marginal, de perfil diferenciado que inclui estacionamento paralelo, ciclovia, arborização e passeios, colocando em evidência a sua duplicidade de espaço de atravessamento e de paragem e lazer, ao mesmo tempo que valoriza a frente marítima. As vias principais caracterizam-se por incluir dois sentidos de circulação e bermas, aliadas a passeios, garantindo a segurança e conectividade entre as diferentes zonas nos núcleos. Existem também uma variedade de configurações constituídas por passeios e estacionamento paralelo ou perpendicular, que se adaptam às necessidades específicas das áreas residenciais e comerciais.

Compreende-se a existência de várias vias em paralelo, principalmente nas áreas históricas e litorais, que mantêm o carácter típico da região, como é o caso da Rua António Aires na costa de Fão, que inclui uma ciclovia na sua composição. Nas periferias, sendo áreas menos urbanizadas, encontram-se perfis mais simples, possuindo até vias em terra batida, numa zona de conexão com as áreas rurais adjacentes.

Relativamente ao pavimento das vias, verifica-se a predominância das estradas em asfalto nas vias principais, enquanto as vias em paralelo surgem em maior quantidade nas zonas costeiras e no centro histórico, principalmente em Fão. Este tipo de distribuição reflete a hierarquia das vias e a valorização dos valores históricos e paisagísticos do território.

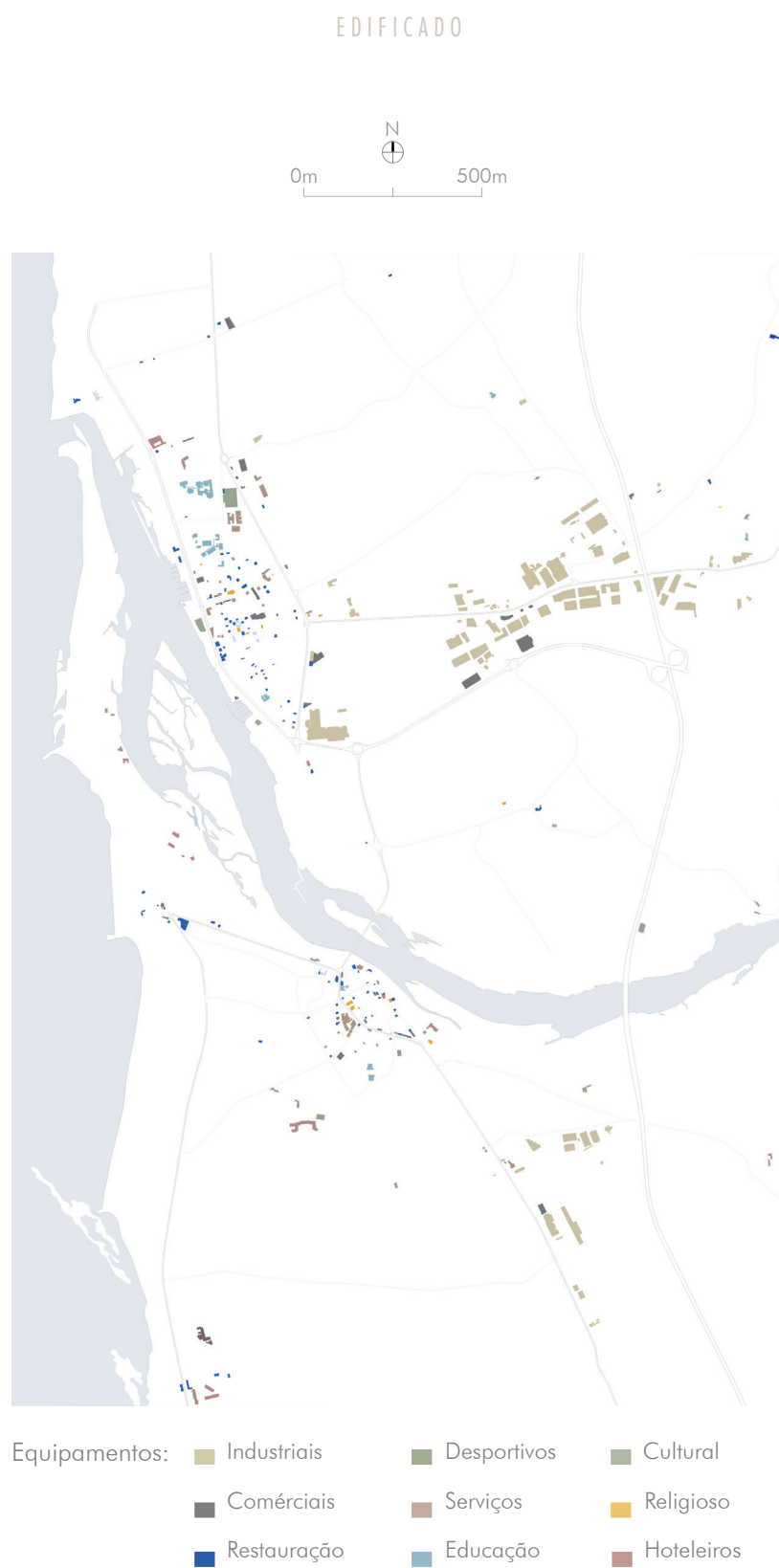


Fig. 24: Distribuição dos equipamentos e infraestruturas

Equipamentos

Ao longo do território os equipamentos e serviços surgem em padrões de organização distintos conforme a sua tipologia e função.

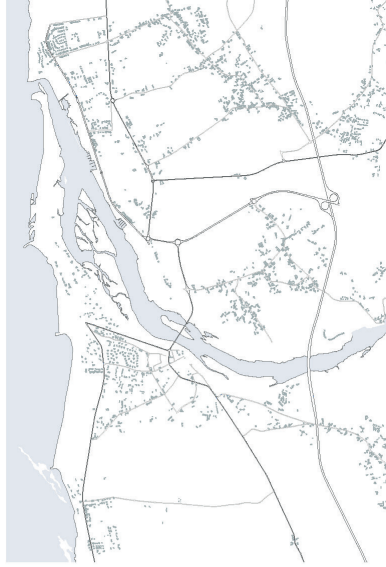
Os edifícios industriais surgem, tal como é habitual, em áreas mais afastadas dos centros, aparecendo, neste caso, numa zona periférica do centro de Esposende. No entanto, a existência de alguns espaços de comércio nestes locais, pode fazer com que não haja tanta aderência aos mesmos, uma vez que não são espaços tão atrativos.

Por outro lado, o comércio e os serviços emergem de forma dispersa ao longo do território, concentrando-se nos centros de ambas as regiões, de modo a atender às necessidades da população e facilitar o acesso ao mesmo. Considerando o potencial turístico da região, depreende-se um número relativamente reduzido de restaurantes, contrastando com a existência significativa de estabelecimentos hoteleiros, com foco ao longo da zona costeira e os edifícios religiosos distribuem-se de forma equilibrada, servindo ambas as localidades.

Os estabelecimentos de ensino, naturalmente, têm uma presença mais significativa em Esposende, destacando-se a Escola Secundária Henrique Medina, a Escola Básica António Correia de Oliveira e a Escola Profissional de Esposende. Recentemente, em 2024, o Instituto Politécnico do Cávado e do Ave inaugurou um novo polo em Esposende, que disponibiliza seis cursos técnicos superiores profissionais e, portanto, contribuiu para o desenvolvimento do ensino superior na região.

Relativamente aos equipamentos culturais e desportivos, estes têm uma presença reduzida em ambas as localidades, indicando uma carência destas infraestruturas na zona. Os edifícios de desporto que mais se salientam são o Parque Desportivo Municipal de Esposende e o Clube Náutico de Fão. Relativamente aos edifícios culturais, destacam-se o Museu Marítimo de Esposende e a Casa Museu Viana de Lima em Esposende, e o Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia e o Centro Cultural em Fão.

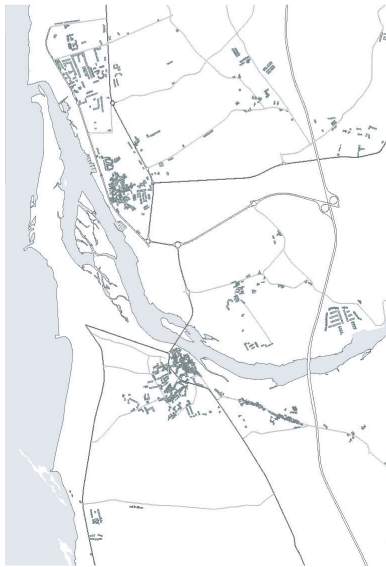
EDIFICADO



Moradias em Banda



Habitação Plurifamiliar



Moradias Geminadas



Ruínas ou em estado de abandono

Fig. 25: Identificação das diferentes tipologias habitacionais em Esposende e Fão

Tipologias Habitacionais

Através da análise dos tipos de habitação, confirma-se a evidente predominância de moradias de um a dois pisos em todo o território, conferindo um carácter essencialmente unifamiliar e de cércea baixa ao espaço, promovendo uma escala humana.

O núcleo de Fão e de Esposende, caracterizado pelas habitações tipicamente encontradas nos centros históricos, apresenta moradias em banda com acesso direto para a rua, culminando numa ocupação densa.

A habitação plurifamiliar, aparece em menor quantidade, de incidência na zona central e frente marítima de Esposende, surgindo com menor expressão em Fão.

Pontualmente, verificam-se edifícios em ruínas ou abandonados, sendo que um dos mais reconhecidos trata-se de um espaço que outrora funcionou como hotel e posteriormente como discoteca, construído ao longo da Avenida António Veiga.

Os equipamentos e os edifícios residenciais manifestam-se em conjunto, onde, muitas vezes, o rés do chão das habitações surge como espaço comercial ou de serviços.

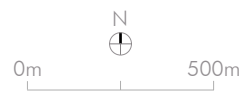
Esposende apresenta uma maior diversidade quer de tipologias habitacionais, quer de equipamentos. Dispõe de uma variedade equilibrada de habitações plurifamiliares, moradias em banda e isoladas, ao mesmo tempo que são servidas e apoiadas por uma série de equipamentos, cujo acesso também é garantido às várias áreas através da rede viária principal.

Com uma predominância de moradias e menor presença de habitação plurifamiliar, Fão apresenta uma menor quantidade de equipamentos e serviços, apoiados por uma estrutura viária menos planeada.

Estrategicamente, a zona industrial surge localizada entre as duas regiões, usufruindo da boa acessibilidade e do afastamento às áreas residenciais.

Já na periferia dos núcleos urbanos, deparamo-nos com uma dispersão das moradias e dos equipamentos, uma vez que a acessibilidade aos mesmos também não pode ser garantida, tendo em consideração o facto de, nesses locais, a estrutura viária se encontrar menos estruturada.

USOS DO SOLO



Distribuição dos
Espaços Verdes

- | | |
|--|--|
| Agricultura | Associados a equipamentos desportivos |
| Florestais | Associados a edificado |
| Subaproveitados | Costa |

Fig. 26: Distribuição do uso dos solos no território de Esposende e Fão

Distribuição

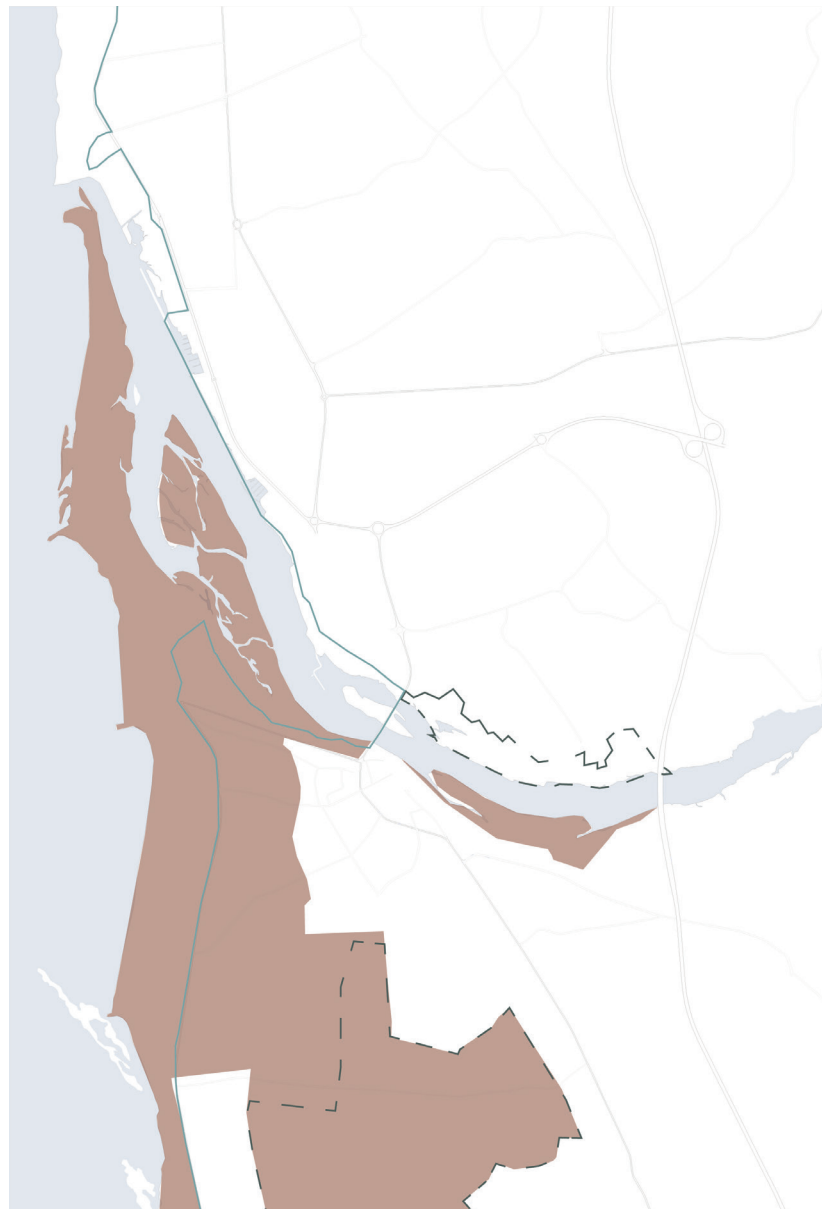
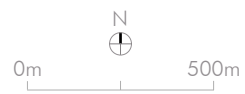
A análise da estrutura ecológica e da ocupação do solo surge com o intuito de identificar problemas e potencialidades dos diversos espaços verdes, sejam eles tratados ou negligenciados. A estrutura ecológica, a nível dos espaços verdes, distribui-se em diferentes tipologias: áreas florestais, espaços agrícolas, espaços verdes associados a equipamentos desportivos, descampados ou áreas subaproveitadas e espaços verdes associados a edificado.

Neste território sobressaem os espaços verdes de carácter agrícola e as zonas florestais, verificando uma escassa quantidade de jardins ou parques dispersos ao longo das localidades, surgindo com maior destaque o Parque Natural do Litoral Norte.

As áreas florestais dominam o território, surgindo, principalmente, nas zonas periféricas, menos urbanizadas e, por conseguinte, menos artificializadas do território. Estas superfícies desempenham variadas funções essenciais, surgindo como um limite e controlo da expansão urbana e o facto de se encontrarem em zonas periféricas faz com que o acesso às mesmas seja mais limitado.

Relativamente aos espaços agrícolas, estes também surgem com uma presença notável na zona leste do território, acompanhando as vias secundárias de ligação entre os núcleos e as zonas periféricas. Apresentados em diversas dimensões e tipologias, desde áreas de cultivo industrial até aos de uso privado ou comunitário, incluindo estudas e outros anexos agrícolas. A preservação destes espaços é essencial para que se definam condições para manter uma economia rural sustentável e para que a identidade da região seja preservada.

USOS DO SOLO



- Zona Vulnerável
- Rede Natura 2000
- Reserva Agrícola Nacional

Fig. 27: Identificação das restrições territoriais: Reserva Agrícola Nacional, Rede Natura 2000 e zonas vulneráveis

Localizados esporádica e estrategicamente surgem os espaços verdes associados a equipamentos desportivos, predominantemente adjacentes ao núcleo urbano e à estrutura viária principal. Já os espaços verdes associados a edificado, resultam de um equilíbrio entre a massa edificada e das áreas verdes, promovendo uma melhor qualidade de vida. Estas áreas apresentam-se, na maioria das vezes, nos núcleos urbanos e nas proximidades das principais avenidas, como a marginal e a EN13, podendo surgir também no interior de quarteirões.

Os espaços verdes subaproveitados incluem aqueles cujo propósito não é evidente, quer pelo seu estado de desordem ou de abandono. Resultantes, muitas vezes, de um planeamento urbano deficiente, podem ser confundidas com matas urbanas; porém, surgem como uma grande potencialidade de requalificação, podendo ser desenvolvidas para outras valências.

As áreas protegidas, como a Reserva Ecológica Nacional (REN) e o Parque Natural do Litoral Norte (PNLN), situadas ao longo da costa e das margens do rio Cávado, são fundamentais na estrutura verde do território, devendo-se promover a conservação dos seus ecossistemas.

Considera-se, portanto, que há uma discrepância na distribuição das diferentes tipologias do sistema ecológico no território, onde a existência de várias áreas subaproveitadas e a carência de espaços verdes associados a jardins ou parques, indicando que Esposende e Fão não estão a ser devidamente explorados, apresentando potencial para o seu desenvolvimento e valorização.

USOS DO SOLO

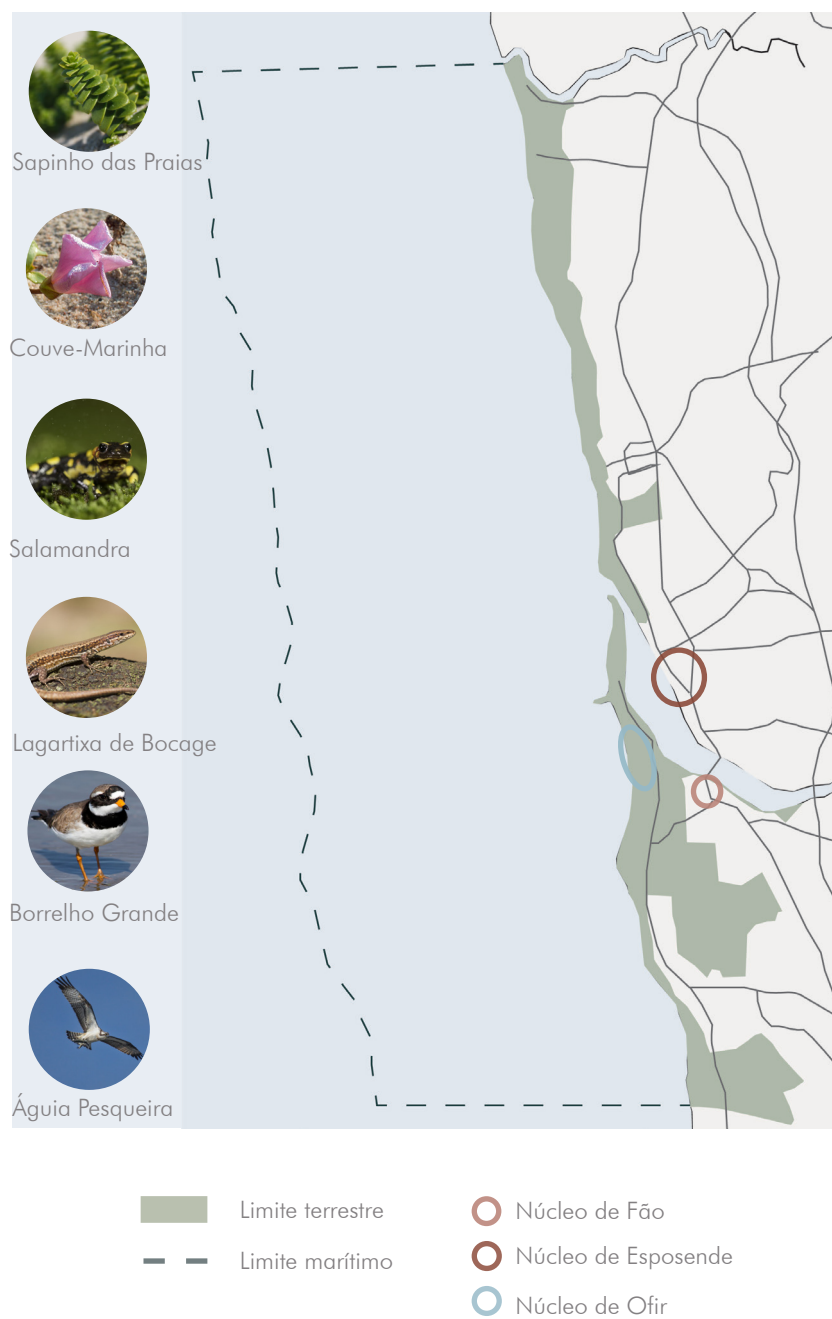


Fig. 28: Definição dos limites do Parque Natural Litoral Norte

Parque Natural Do Litoral Norte

Estendendo-se ao longo de uma faixa litoral de 16km, desde o estuário do Rio Neiva e prolonga-se até à Apúlia, o Parque Natural do Litoral Norte (PNLN) apresenta-se como um exemplo de preservação costeira no norte de Portugal.

Esta área protegida destaca-se por albergar o “(...) cordão de dunas atlânticas mais longo e melhor conservado do norte de Portugal.”²¹ Este fator é enriquecido através da existência de vastas áreas de pinhal, campos agrícolas e matas. A simbiose entre ambiente aquático e área terrestre cria condições para uma vasta variedade biológica, também influenciada pela diversidade geográfica do território.

Para além disso, este espaço também promove o bem-estar da população, revelando uma importância social e de lazer. Assim, ao mesmo tempo que é destacado pelo seu valor ecológico, também viabiliza a prática de atividades desportivas, com particular destaque para os desportos aquáticos. Adicionalmente, inclui uma série de observatórios e miradouros, permitindo aos visitantes uma vista privilegiada da paisagem.²²

Considera-se, portanto, que há uma discrepância na distribuição das diferentes tipologias do sistema ecológico no território, onde a existência de várias áreas subaproveitadas e a carência de espaços verdes associados a jardins ou parques, indicando que Esposende e Fão não estão a ser devidamente explorados, apresentando potencial para o seu desenvolvimento e valorização.

21 Parque Natural do Litoral Norte, natural.pt, disponível em: <https://natural.pt/protected-areas/parque-natural-litoral-norte?locale=pt>

22 Parque Natural do Litoral Norte, natural.pt, disponível em: <https://natural.pt/protected-areas/parque-natural-litoral-norte?locale=pt>

ESTRUTURA HÍDRICA

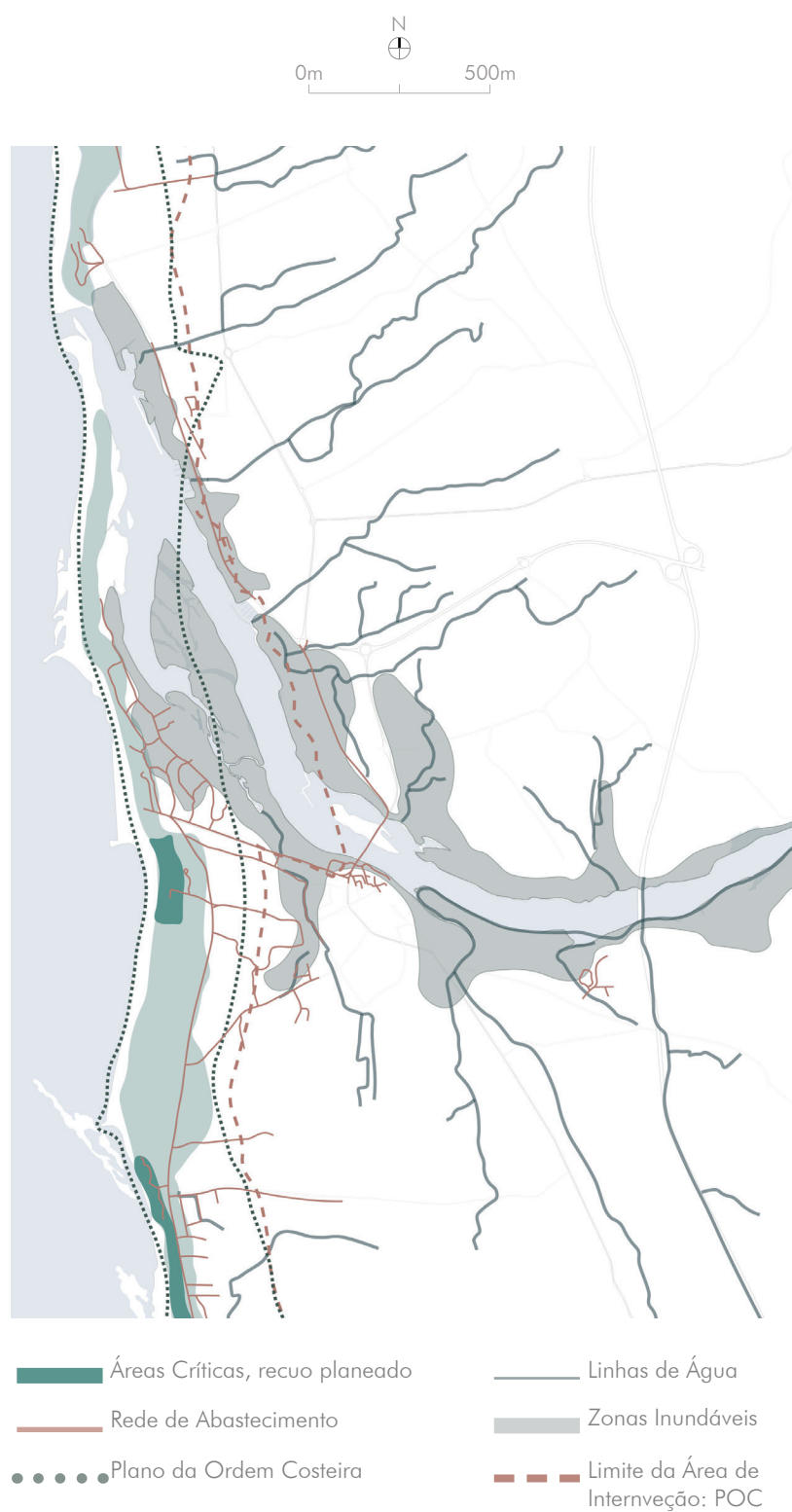


Fig. 29: Estrutura hídrica em Esposende e Fão, nomeadamente as Áreas Críticas, recuos planeados, rede de abastecimento, Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POC), linhas de água, zonas inundáveis e limite da área de intervenção definida pelo POC

Considerando a natureza do terreno em estudo, depreende-se que a análise da estrutura ecológica se apresenta igualmente relevante. Neste caso, esta estrutura caracteriza-se por possuir problemas na forma como se relaciona com a malha urbana e com os espaços verdes circundantes.

Um dos maiores problemas do estado atual desta área hidrográfica é a questão das inundações urbanas, resultado de uma série de condições: a intensificação da construção urbana aliada à carência de espaços verdes que permitam a impermeabilização excessiva dos solos e a existência de intervenções inadequadas nos leitos de cheia.

Verificam-se, no entanto, situações distintas nas duas localidades. Em Fão há uma maior suscetibilidade a inundações devido à sua topografia maioritariamente plana, sendo constante até ao seu núcleo histórico. O facto de possuir um terreno tão plano faz com que o risco de submersão de uma extensa área seja maior em situações de cheias. Relativamente a Esposende, ainda que seja mínima, ainda detém uma ligeira variação altimétrica à medida que se afasta da costa, diminuindo os riscos de inundação.

A água tende a recuperar os caminhos que outrora percorreu, o que significa que quando ela não consegue atravessar um local por onde passou anteriormente, a água tende a ascender. A preocupação com a “memória hidrológica” do território revela-se fundamental na prevenção de desastres naturais, principalmente através da criação de zonas de infiltração natural que aumentam a permeabilidade do solo e, consequentemente, regulam a dinâmica do ciclo hídrico.

Para além disso, a desqualificação da paisagem e a insensibilidade ecológica relativamente aos espaços verdes próximos aos elementos hídricos, demonstra a necessidade de intervenções que articulem a estrutura verde e azul.

ESTRUTURA HÍDRICA



Fig.30: Identificação dos Programas da Orla Costeira

Tendo isto em consideração, compreende-se que Esposende e Fão revelam a necessidade de uma gestão integrada e vinculada dos espaços verdes e a da estrutura hídrica no território, principalmente face aos riscos naturais. Isto é reforçado nas diretrizes do Programa da Orla Costeira (POC)²³ Caminha-Espinho, no qual identificam esta zona como sensível à erosão e subida do nível do mar.

Rede de Abastecimento

A rede de abastecimento, composta pela rede de distribuição de água e pela rede de distribuição de saneamento, apresenta uma cobertura abrangente no território, apresentando-se eficiente no uso doméstico e na gestão dos resíduos urbanos.

A rede de abastecimento da água, estruturalmente bem distribuída, abrangendo as principais zonas urbanas e residenciais, garante o acesso potável para uma grande parte da população. Similarmente, a rede de saneamento também abarca essas áreas, onde a sua eficiência é principalmente importante em contextos costeiros, na medida em que protege a qualidade das águas. Contudo, tal como já foi referido anteriormente, zonas com proximidade à costa apresentam maiores riscos para as infraestruturas, devido aos processos de erosão.

Nas zonas mais periféricas e menos povoadas identifica-se uma maior fragilidade na cobertura da rede de abastecimento, devendo-se, portanto, promover um acesso equitativo a estes serviços.

23 Os Programas da Orla Costeira (POC) surgem como meio de proteção dos recursos costeiros e, ao mesmo tempo, de regular o desenvolvimento na extensão do litoral nacional, com uma perspetiva abrangente e integrada. Não se definem como simples diretrizes, sobrepondo-se aos planos municipais e intermunicipais, ou seja, os seus princípios e regras implicam o cumprimento por todos, sem exceções. A área de atuação destes programas é considerável: "(...)abrangem uma faixa ao longo do litoral com uma largura mínima de 500m na zona terrestre, podendo ir a 1000m", dependendo da sensibilidade e riscos da área costeira em questão; na área marítima, a sua capacidade de atuação estende-se até aos 30m de profundidade, incluindo todas as zonas portuárias. Fonte: Agência Portuguesa do Ambiente, Programas da Orla Costeira, disponível em: <https://apambiente.pt/agua/programas-da-orka-costeira>



Fig. 31, 32, 33 e 34: Imagens da marginal e da zona da igreja matriz de Esposende

Sintetizando, o território de Esposende e Fão, revela-se complexo, dinâmico e multifacetado, no qual o Rio Cávado e o Oceano Atlântico moldam e influenciam o desenho e organização urbana, cuja essência é a articulação entre água e terra.

Verifica-se, portanto, que dispõe de uma estrutura viária hierarquizada, no qual a A28 e a EN13 surgem como eixos estruturantes, conectando a região aos centros urbanos principais, nomeadamente Viana do Castelo, Braga e Porto. Apesar de a rede de transportes públicos ser funcional, detém algumas fragilidades que condicionam a mobilidade, no que diz respeito à frequência das rotas, em particular durante os períodos noturnos e fins de semana.

Usufri da Ecovia Litoral Norte, desenvolvida em dois segmentos distintos: Marinhas-Esposende e Apúlia-Fão, fomentando a comunicação entre os territórios costeiros, a partir de percursos cicláveis e pedonais.

Este território destaca-se pela presença do Rio Cávado que deve ser reconhecido como uma via de transporte fluvial e como um elemento integral do sistema de mobilidade, simultaneamente. Atualmente, o rio constitui uma barreira física e funcional entre Esposende e Fão, tornando a conectividade e acessibilidade mais complexa e limitada. Outro fator que dificulta a situação é a presença de infraestruturas portuárias e rodoviárias que, ao longo dos anos, auxiliaram na desconexão entre a cidade e o rio.

Uma das fragilidades mais evidentes neste território é a ligação entre as duas margens do Rio Cávado, limitada à Ponte de Fão que não apresenta condições de conforto e segurança.

Relativamente ao seu edificado, verifica-se a predominância de habitação unifamiliar e nos centros históricos há um tecido urbano denso, com moradias em banda. Em Esposende, com principal incidência no seu centro e frente marinha, a habitação plurifamiliar ganha destaque, bem como os próprios equipamentos e serviços.

Dominada pelo Parque Natural do Litoral Norte surge a estrutura ecológica, numa extensão de 16km de costa, assumindo-se como o maior cordão dunar atlântico do norte de Portugal. Nas zonas periféricas dos centros predominam as áreas florestais e campos agrícolas, verificando-se uma carência de espaços qualificados, como jardins ou parques dispersos ao longo do território.



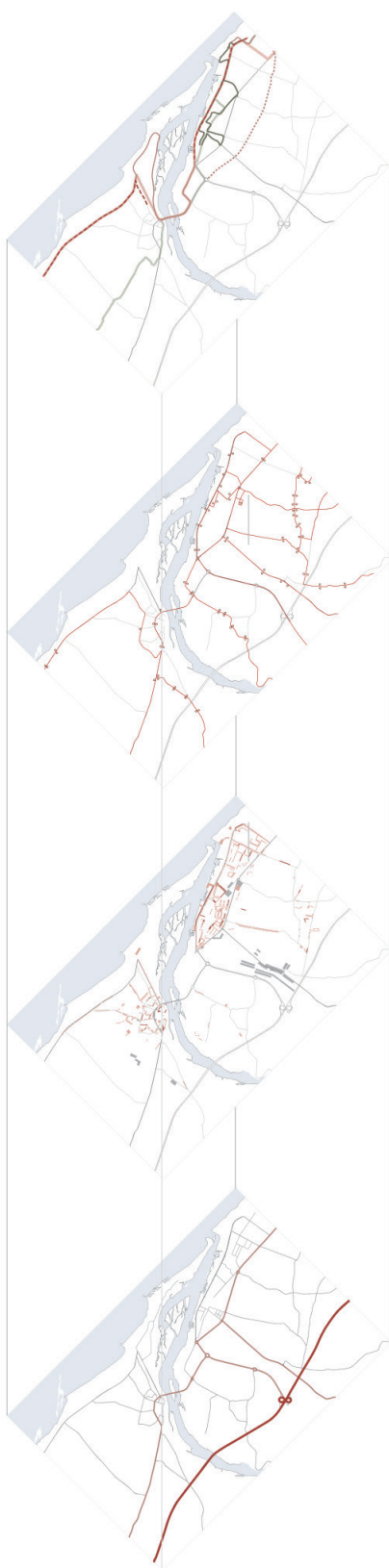
Fig. 35, 35, 37 e 38: Imagens das torres de Ofir, da Avenida António Veiga e da marginal de Fão vista de Esposende

Nesta zona a estrutura hídrica manifesta-se como um desafio, num local cuja topografia varia valores mínimos na proximidade com a costa, apresenta uma maior vulnerabilidade em relação à possibilidade de cheias, principalmente em Fão.

Embora a requalificação da margem direita da zona ribeirinha de Fão seja um exemplo de vontade de regeneração urbana, o setor poente da margem permanece frágil e desvalorizado.

A gestão dos espaços verdes complementados pela estrutura hídrica manifestam algumas condicionantes, especialmente nas zonas adjacentes à costa e, também, nas zonas periféricas em relação à cobertura das redes de abastecimento de água e saneamento.

Compreende-se, portanto, que o território de Esposende e Fão apresenta, simultaneamente, potencialidades e fragilidades fundamentadas nas suas características naturais. Compreende-se, portanto, a necessidade de preservação do seu ecossistema e, complementarmente, promover o desenvolvimento urbano, numa procura de valorização da herança destes locais.



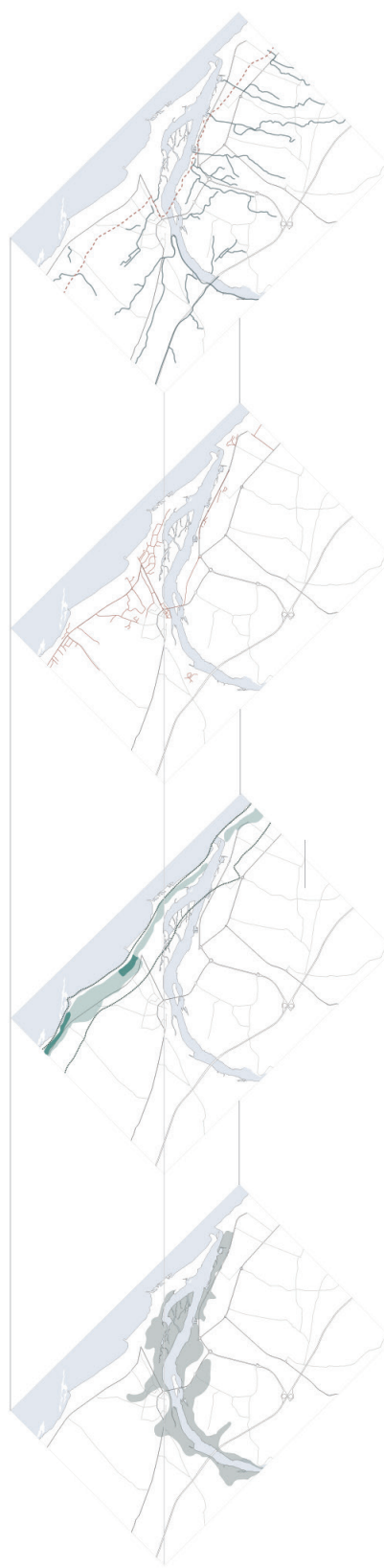
MOBILIDADE



EDIFICADO



USOS DO SOLO



ESTRUTURA HÍDRICA

Fig. 39: Axonometrias síntese da análise do território de Esposende e Fão

2.2 | ESTRATÉGIA URBANA

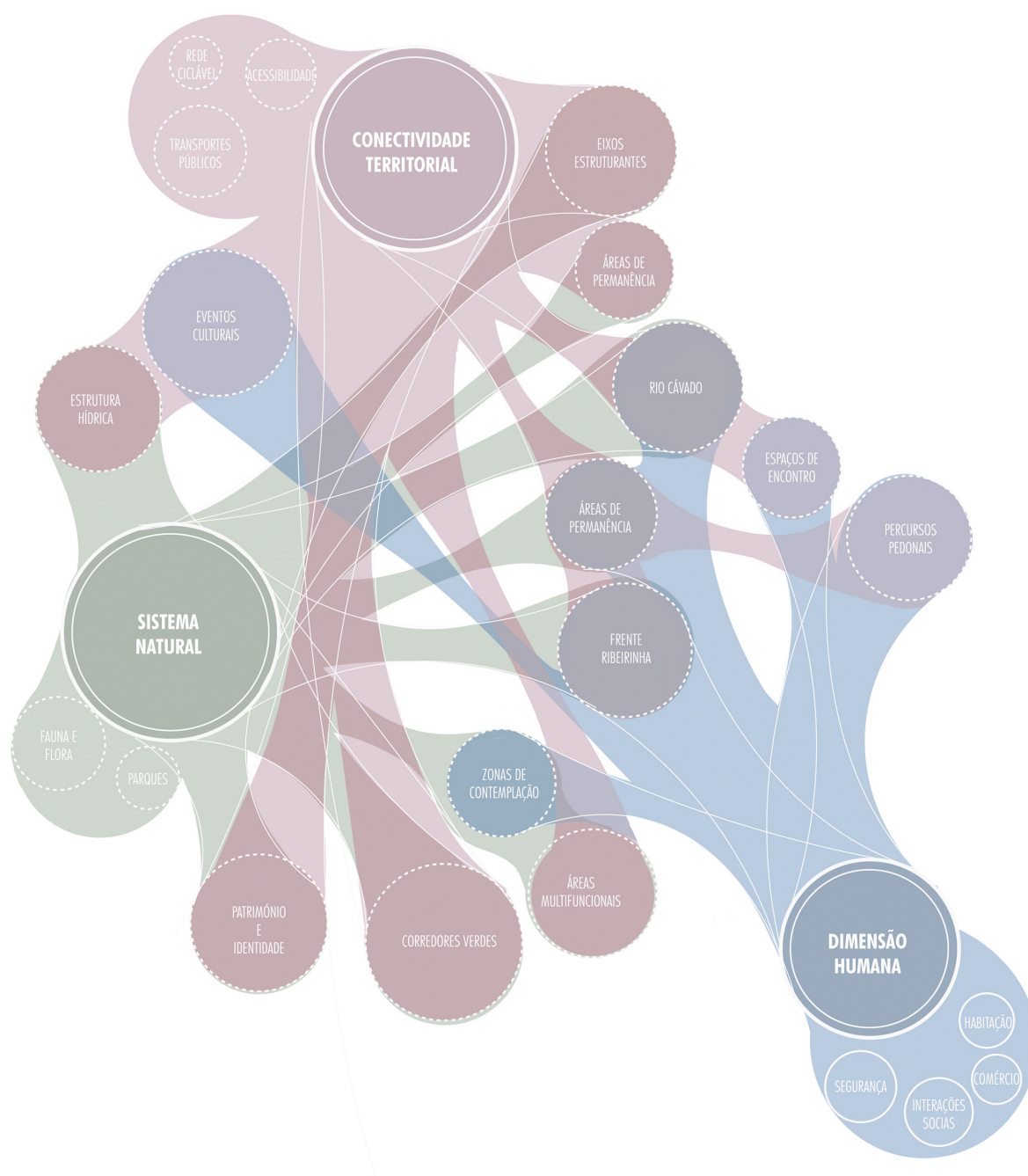


Fig. 40 - Diagrama de Estratégia Territorial

2.2.1 ESTRATÉGIA URBANA TERRITÓRIO

A proposta de requalificação territorial para Esposende e Fão baseia-se numa abordagem que privilegia a estrutura hídrica e os espaços verdes como elementos unificadores do território. Reconhece-se a relevância e potencial da água e dos sistemas ecológicos na criação de ligações relevantes entre estas duas comunidades separadas pelo rio Cávado.

O diagrama conceptual, presente na figura 40, desenvolvido como instrumento metodológico de estruturação e sistematização da estratégia urbana proposta para o território, permite a visualização simplificada da hierarquia e relações entre os elementos. Através deste suporte gráfico, articulam-se os três pilares da estratégia: a valorização da dimensão humana, a integração dos sistemas naturais e a promoção da conectividade territorial.

A “Conectividade Territorial” configura-se como elemento articulador da estratégia, integrando componentes essenciais como transportes públicos, acessibilidade universal, eixos estruturantes e a existência de áreas de permanência. Este sistema que viabiliza a conexão entre os restantes elementos, promove a ligação, de curtas a longas distâncias.

O “Sistema Natural”, que promove a simbiose com os elementos construídos, incorpora elementos fundamentais relativos à estrutura ecológica, nomeadamente os ecossistemas, os parques urbanos, a estrutura hídrica e a sua frente ribeirinha, destacando-se o Rio Cávado.

A “Dimensão Humana” reconhece o território enquanto espaço de vivência coletiva, fortalecendo o sentido de comunidade a partir de elementos centrais do planeamento urbano, como a habitação, comércio, espaços públicos qualificados, zonas de contemplação e a garantia de segurança.

Estas dimensões não podem ser interpretadas autonomamente, no sentido em que são dependentes umas das outras. Nesse sentido, também o esquema apresenta, através de sobreposições cromáticas, essas ligações. A estratégia demonstra a procura pela consolidação da dimensão ecológica, funcional e humana do território, num sistema complexo e interdependente.

TERRITÓRIO



Fig. 41 e 42: Canal intercetor de Esposende

A estratégia desenvolve-se através de um eixo estruturante que se estende desde o norte de Esposende até Ofir, atravessando o núcleo urbano de Fão, criando um corredor ecológico contínuo que articula diversos espaços públicos e zonas de contemplação, numa continuidade espacial.

Pretende-se a criação de uma rede de espaços verdes interligados que, aliados à estrutura hídrica existente, proporcionem áreas distintas com ambientes díspares, mas complementares: áreas de permanência, de movimento e de atividades. Assim, este plano que contempla usos mistos ao longo do território, integrando zonas de habitação, comércio e lazer, visa estimular dinâmicas urbanas e interações sociais, contribuindo para a promoção de um ambiente comunitário.

A estratégia incorpora e articula-se com vários projetos estruturantes já implementados ou em desenvolvimento, como o Canal Intercetor de Esposende. Este projeto, de grande envergadura financeira, resulta de uma tentativa de evitar e colmatar o grande número de inundações da cidade. Este canal entronca na Ecovia do Litoral Norte, futuro Parque da Cidade, usufruindo de duas bacias de retenção, “(...) fazendo um anel verde em torno de toda a urbe de Esposende.”²⁴

A reabilitação da frente ribeirinha de Fão, no lado direito da ponte, concluída em 2015 no âmbito do Programa Polis Litoral Norte, representa outro elemento significativo na estratégia territorial. Esta intervenção, financiada principalmente por fundos comunitários através do Programa Operacional Regional do Norte, estendeu-se desde o Largo do Cortinhal até à zona do molhe do Caldeirão, caracterizando-se pela melhoria da mobilidade através do prolongamento da conexão pedonal e ciclável e, para além disso, pela renaturalização da margem do rio. A integração com as ecovias existentes permitiu estabelecer ligações às Ecovias do Litoral Norte e do Cávado, contribuindo para uma rede de percursos mais abrangente. No entanto, esta intervenção não contemplou toda a extensão da frente ribeirinha de Fão, ficando por requalificar o setor a poente da ponte.²⁵

24 Município de Esposende, Canal Intercetor de Esposende – Ecovia do Litoral Norte, disponível em: <https://www.visitesposende.com/pt/fazer/ecovias/canal-intercetor-de-esposende>

25 Município de Esposende, Ministro do Ambiente inaugurou requalificação da frente ribeirinha de Fão, disponível em: <https://www.municipio.esposende.pt/municipio/presidente/atividade/noticia/ministro-do-ambiente-inauguro-requalificacao-da-frente-ribeirinha-de-fao>

TERRITÓRIO



Fig. 43 e 44: Projeto do Parque da Cidade de Esposende

O Programa Polis Litoral Norte, iniciado em 2008 como resposta à crescente importância estratégica das zonas costeiras e aos desafios associados às mesmas, como o controlo dos processos erosivos, a gestão da ocupação urbana em zonas de risco e a preservação da biodiversidade e dos seus habitats. Estabeleceu-se em três eixos principais: a proteção e requalificação da zona costeira, a promoção do litoral e a potencialização dos recursos ambientais. Para isto, constituiu-se a Sociedade Polis Litoral Norte, no qual funcionava uma parceria entre o Estado e os municípios de Caminha, Viana do Castelo e Esposende, abrangendo uma extensa área de território costeiro e zonas estuárias, incluindo o Parque Natural do Litoral Norte.²⁶

O Projeto do Parque da Cidade de Esposende constitui uma peça central na estratégia de requalificação territorial. Esta intervenção de requalificação da zona ribeirinha sul, procura dotar a frente do rio Cávado com um espaço urbano mais coeso e articulado com a paisagem envolvente. Com uma área de intervenção de aproximadamente 30 hectares, o projeto inserido numa estratégia de valorização do espaço público, inclui a previsão de expansão para a margem sul, em Fão, através da construção de uma nova ponte dedicada à circulação pedonal e ciclável. Este projeto, iniciado em 2013 a partir de um Concurso Internacional de Ideias e retomado em 2016, enfrentou diversas dificuldades junto das entidades licenciadoras, tendo obtido todos os pareceres favoráveis apenas no final de 2020.²⁷

Para além disso, outras intervenções complementares estão em fase de execução, nomeadamente o Reforço do Sistema Dunar e a Proteção da Linha de Costa na Praia de Ofir, bem como a Manutenção e o Reforço do Cordão Dunar da Restinga de Ofir, evidenciando a vontade de valorização e preservação do território natural.

26 Sociedade Polis Litoral Ria de Aveiro, Apresentação do Projeto, disponível em: <https://www.polisriadeaveiro.pt/pg01.php>

27 Município de Esposende, Parque da Cidade de Esposende em consulta pública até ao final de fevereiro, disponível em: <https://www.municipio.esposende.pt/viver/urbanismo/noticias/noticia/parque-da-cidade-de-esposende-em-consulta-publica-ate-ao-final-de-fevereiro>



Fig. 45 - Estratégia de requalificação territorial de Esposende e Fão

Neste sentido, a estratégia urbana para Esposende e Fão apresenta uma visão integrada do território, numa articulação com os diversos projetos em curso ou já implementados, criando continuidades físicas e funcionais entre eles e potenciando as suas complementaridades. A presente proposta promove uma coesão territorial, através da conexão entre os diversos núcleos, criando continuidades físicas e espaciais, de modo a reforçar a identidade coletiva da comunidade.

A estratégia desenvolve-se através de um eixo estruturante que se estende desde o norte de Esposende até Ofir, atravessando o núcleo urbano de Fão, criando um corredor ecológico contínuo que articula diversos espaços públicos e zonas de contemplação, numa continuidade espacial.

A proposta territorial estrutura-se em três momentos distintos e complementares que se articulam ao longo da área de estudo. O primeiro momento, caracterizado por um percurso de deambulação que se inicia no Observatório do Canal de Esposende, estende-se até à zona de confluência entre a nova proposta para o Parque da Cidade de Esposende e a área industrial, onde recentemente se estabeleceu um novo polo do Instituto Politécnico do Cávado e Ave. O segundo momento configura-se como espaço de permanência e contemplação, proporcionado pela tranquilidade do Parque proposto, complementado pela presença de estabelecimentos comerciais e serviços presentes nas proximidades, enriquecendo e dinamizando a experiência. O terceiro momento, materializa-se através da extensão do percurso até Fão, promovendo a conexão entre as margens num ponto estratégico que potencia a articulação com o centro de Ofir, culminando a integração alargada da área de intervenção.

Pretende-se a criação de uma rede de espaços verdes interligados que, aliados à estrutura hídrica existente, proporcionem áreas distintas com ambientes díspares, mas complementares: áreas de permanência, de movimento e de atividades. Assim, este plano que contempla usos mistos ao longo do território, integrando zonas de habitação, comércio e lazer, visa estimular dinâmicas urbanas e interações sociais, contribuindo para a promoção de um ambiente comunitário.

LUGAR



Fig. 46: Programa estratégico de reabilitação urbana de Fão: prioridades de intervenção.

Fig. 47: Plano Diretor Municipal: Planta de ordenamento - Valores Patrimoniais e de Salvaguarda.

Fig. 48: Plano Diretor Municipal: Estrutura ecológica municipal.

Após a definição da estratégia global para o território, optou-se por uma abordagem faseada de implementação, no qual se prioriza um setor específico, que detém uma maior prioridade face às necessidades de intervenção identificadas.

A partir da análise realizada previamente e fundamentada nas necessidades territoriais e nas diretrizes decretadas nos instrumentos de planeamento municipal, nomeadamente no Plano Diretor Municipal (PDM) e com o Programa Estratégico de Reabilitação Urbana de Fão, define-se o setor na frente ribeirinha de Fão, delimitado pela Avenida António Veiga, a ponte de Fão, o Clube Náutico e a Rua do Estaleiro, como local prioritário de intervenção urbana. A limitação desta área responde estrategicamente às adversidades identificadas no território em estudo e vai ao encontro dos objetivos de reabilitação pretendidos para Fão.

De acordo com o PDM, este setor integra uma zona inundável, faz parte da estrutura ecológica complementar e estabelece o limite da Rede Natura 200 (Sítio Litoral Norte) e o domínio hídrico do Rio Cávado. Verifica-se, também, uma falta de conexões eficientes entre os seus elementos, no qual, apesar da localização privilegiada, ladeado por vias que permitem o acesso a centros de elevado interesse, como Esposende e Ofir, destaca-se o grande espaço verde subaproveitado, com carência de serviços e atividades, tornando-o pouco atrativo e convidativo.

Articula Fão e Esposende, sendo determinante para a consolidação da unidade territorial defendida no Programa Estratégico de Reabilitação de Fão, no qual sugerem a “(...) ‘fusão’ entre o aglomerado a nascente e a poente da EN13, devendo esta estrada assumir-se como uma avenida urbana que potencie essa interligação. Por outro lado, deve-se tirar partido da frente ribeirinha, privilegiando a relação com o rio Cávado, nomeadamente fomentando atividades económicas relacionadas com o mesmo.”²⁸

Posicionado entre o meio antrópico e artificial e o meio hidrográfico e natural, possui um desfasamento entre o seu potencial e a sua realidade atual, desconectado do tecido circundante.

28 Programa Estratégico de Reabilitação de Fão, Câmara Municipal de Esposende, p. 12, junho de 2017.

LUGAR



Fig. 49, 50 e 51: Registos da frente ribeirinha de Fão, previamente à recente demolição do Bar do Fôjo.

O terreno apresenta-se diante da memória do recentemente demolido “Bar do Fôjo”, construído no local do antigo estaleiro naval de Fão. Este estabelecimento, construído em 1974, após a Revolução de Abril, com o seu desenho peculiar que se assemelhava a um barco encalhado, não se limitava à sua função comercial. Perpetuava o nome dos pescadores nas paredes, expondo e preservando a memória e herança do dinamismo da comunidade que contribuiu para o desenvolvimento da vila.

A identidade e dimensão histórica deste setor e da sua envolvente, aliado ao seu enquadramento e influência no território, fundamentam a escolha do local como objeto de estudo. A estratégia de reabilitação desta área revela-se imperativa, considerando os desafios identificados no território fragmentado e a necessidade de valorizar o seu contexto cultural, onde “(..) a vivência quotidiana dos resíduos da história de que é feita a cidade” constitui um “(...) contributo fundamental à consciência da história e do devir.”²⁹

Alinhada com as diretrizes estabelecidas no PDM e no Programa Estratégico de Reabilitação Urbana de Fão, a intervenção é proposta numa área prioritária, estando enquadrada na “Operação viver e conviver: espaços urbanos e verdes de utilização coletiva”, em particular na ação de “Recuperação e expansão do espaço verde ribeirinho”.

A estratégia de atuação responde às iniciativas de criação de “(...) polos de convívio privilegiados, geradores de fluxos de pessoas e bens”³⁰ e à “recuperação e expansão do espaço verde ribeirinho”³¹ que pretende a “(...) expansão do espaço verde ribeirinho confrontante com o rio Cávado (...) expandindo a marginal de Fão e, inclusive, o percurso ambiental ao longo do rio que já existe para nascente (...) com o reforço de zonas qualificadas de recreio, lazer, estadia e socialização.”³²

29 Publicado no Jornal de Notícias (Porto), ano de 1980

30 Câmara Municipal de Esposende. (2017). Programa estratégico de reabilitação urbana de Fão: Proposta da ORU. Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

31 Idem

32 Idem

LUGAR



Fig. 52: Identificação das restrições e condicionantes territoriais na zona do setor prioritário: Reserva Agrícola Nacional, Rede Natura 2000 e zonas vulneráveis

Propõe-se a criação de um equipamento multifuncional, conjugando funções museológicas e de restauração, complementado por um estacionamento.

Esta organização funcional tripartida articula coerentemente várias dimensões - cultural, social e funcional, respondendo às problemáticas identificadas na análise territorial e às necessidades identificadas nos instrumentos de planeamento.

A necessidade de preservação e valorização da memória e história de Fão, nomeadamente a sua relação com o Rio Cávado e a atividade piscatória, progressivamente esquecida, fundamenta a necessidade de implementação de um museu. Este transcende a função expositiva, assumindo-se como um marco de afirmação do património cultural e histórico no qual se insere. Para além disso, o PDM preconiza a necessidade de *“fomentar atividades económicas relacionadas com o rio”*³³ e, através da valorização da identidade das atividades fluviais, há a potencialização do desenvolvimento do turismo, dinamizando a economia local.

De modo a responder à necessidade de criação de um *“polo de convívio privilegiado”*³⁴ conforme está identificado nos instrumentos de planeamento de Fão, propõe-se a criação de um bar. A escolha deste componente programático justifica-se, simultaneamente, na valorização da memória do Bar do Fôjo, estabelecimento de grande importância para o território e comunidade. A proposta de um novo Bar surge como uma reinterpretação do seu significado cultural e social, numa lógica de planeamento integrado, num diálogo com a paisagem e arquitetura regional. Numa dualidade entre o novo e o existente, este projeto traduz-se, simultaneamente, numa oportunidade para reabilitar o espaço físico e num meio de resgate da valiosa herança cultural, a partir de uma estratégia de projeto que valorize e preserve a memória.

33 Câmara Municipal de Esposende. (2017). Programa estratégico de reabilitação urbana de Fão: Proposta da ORU. Esposende: Câmara Municipal de Esposende.

34 Idem

LUGAR



Margem de Fão vista pela ponte, previamente à demolição do Bar do Fôjo



Atravessamento pela ponte



Espaço a sul da zona de intervenção



Avenida António Veiga



Fig. 53: Conceito da intervenção e imagens da envolvente próxima do setor de intervenção

Numa vertente funcional surge a projeção de um estacionamento que visa responder às necessidades apresentadas nos documentos de análise do território. Considerando a sazonalidade do fluxo populacional a Fão, nomeadamente durante a época balnear, o estacionamento integra-se numa estratégia de ordenamento e qualificação do espaço público. A localização do mesmo neste setor justifica-se pela sua posição estratégica, aliado ao facto de surgir como apoio aos novos equipamentos culturais e comerciais propostos, bem como oferecer suporte à utilização da marginal de Fão.

O conjunto programático proposto surge como um elemento de articulação espacial, potenciando a conexão entre Esposende e Fão. Ao estabelecer uma continuidade entre ambas as margens, fomenta-se uma leitura unitária da região, reforçando a coesão urbana e potenciando as suas valências naturais e culturais. A presente estratégia visa responder às necessidades locais, às diretrizes estabelecidas e às condicionantes territoriais previamente analisadas.

Assim, a proposta assenta numa visão integrada do território, devolvendo significado a um espaço situado num local privilegiado, mas esquecido. A incorporação de materiais como o granito, a madeira e o barro, inscrevem o edifício na paisagem, adaptado à topografia. Coberturas inclinadas com telha cerâmica, estruturas em madeira e o uso da pedra coexistem com técnicas atuais. Estes volumes destacam-se pelos jogos de luz, pelo uso criterioso da cor, pelo uso de diferentes planos e pela diversidade formal dos vãos.

3 | INTERVIR



Fig. 54: Maison Louis Carré, Alvar Aalto, 1956

Fig. 55: Weissenhofsiedlung de Stuttgart, Le Corbusier, 1927

3.1 A ARQUITETURA MODERNA EM ESPOSENDE

No início do século XX emerge a arquitetura moderna, decorrente de uma série de transformações técnicas e sociais originadas pela Revolução Industrial. Estabeleceu-se continuidade coerente entre pensamento e ação, respondia às necessidades de uma sociedade que, na era da máquina, se focava em técnicas e funcionalidades inovadoras. No contexto internacional, este movimento caracterizava-se pela horizontalidade, a libertação dos aspetos ornamentais naturalistas e pela sua simplicidade geométrica. Constituída a partir de uma sucessão de fenómenos como o capitalismo comercial, o liberalismo e o iluminismo, a modernidade assume-se, também, como uma crítica política às limitações do ideal de progresso social.³⁵

Em contrapartida, em Portugal, assistiu-se a uma chegada e desenvolvimento tardios da arquitetura moderna. No início do século XX, o cenário arquitetónico nacional era influenciado pelo neorromânico, pela arte nova com os seus motivos naturalistas e pela reinvenção da “Casa Portuguesa”, marcada pelo uso de elementos tradicionais e a utilização de materiais típicos de cada região. Verificava-se, portanto, uma disparidade entre o contexto internacional e português no modo como a arquitetura moderna foi recebida e desenvolvida, consequência das distintas circunstâncias.

O descontentamento face à arquitetura de cariz historicista promovida pelo Estado, a partir de 1940 emerge uma vaga de inconformismo e inquietação, impulsionando novas abordagens no pensamento arquitetónico. Fernando Távora tornou-se um dos alicerces na procura de raízes na arquitetura popular, defendendo a articulação entre modernidade e tradição.³⁶

O fim da Segunda Guerra Mundial marcou um momento de viragem no pensamento moderno, onde a arquitetura, outrora dominada pela racionalidade industrial e mecanicista, começou a valorizar abordagens sensíveis às especificidades locais e às práticas vernaculares. Durante a década de 50, alguns arquitetos portugueses procuraram articular os princípios do moderno no contexto internacional com elementos da tradição arquitetónica nacional, estimulando novas abordagens às necessidades habitacionais e aos equipamentos públicos.

35 Benevolo, L. (1993). História da arquitetura moderna (5.ª ed.). Editora Perspectiva.

36 Tostões, Ana - Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50

ARQUITETURA MODERNA



Fig. 56: Casa de Chá de Boa Nova, Siza Vieira, 1958

Fig. 57: Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, Fernando Távora, 1956

O Inquérito à Arquitetura Regional, publicado em 1961, denominado “Arquitetura Popular em Portugal”, assumiu uma centralidade no reconhecimento das tradições construtivas nacionais, com uma abordagem antropológica, analisando os modos de vida, a ocupação territorial e os materiais locais. O reconhecimento do saber vernacular contribuiu para uma arquitetura que não rompe com o passado, mas que o reinscreve no contemporâneo.³⁷

A renovação arquitetónica presente no litoral minhoto, entre os anos 50 e 70, traduziu-se, em Esposende e Fão, numa arquitetura que refletia criticamente os paradigmas do Movimento Moderno. Nesse sentido, surgiram propostas que conciliavam a inovação com uma particular atenção ao lugar, às tradições e à identidade cultural. A consciência de que o diálogo entre a arquitetura e o seu contexto físico e cultural como elementos centrais do projeto tornou-se uma premissa fulcral neste período.

Durante esta fase de transição para uma diferente sensibilidade arquitetónica, o território em análise procedeu a uma reinterpretação crítica dos valores tradicionais aliados a uma linguagem moderna. Os arquitetos intervenientes nesta faixa minhota procuraram articular os ideais do Movimento Moderno com elementos e métodos construtivos típicos da região. As obras resultantes destacam-se pelo uso criterioso de materiais e técnicas regionais, aliados a uma integração ponderada no território, valorizando o existente e a envolvente, numa simbiose entre a natureza e o construído.

Ao longo do litoral de Esposende surgiram habitações sazonais - casas de férias ou de fim de semana - sustentadas num modelo habitacional em sintonia com o sítio, valorizando a tradição local e cultural. Estas obras articulavam entre duas linguagens distintas, mas complementares: uma racionalista, com clareza volumétrica e funcionalismo característicos do movimento moderno e outra apoiada na identidade local.

ARQUITETURA MODERNA



Fig. 58: Postal do Restaurante e o Hotel Ofir, 1950

Fig. 59: Postal de uma Casa no Pinhal, 1950

Esposende afirmou-se, no panorama nacional, como um território de referência na produção arquitetónica moderna. Apesar das condicionantes políticas da época, destacou-se pela vontade de afirmar a sua identidade regional, impulsionada por arquitetos locais como Arménio Losa e Viana de Lima, que promoveram a vinda de outros autores, tais como Sérgio Fernandez e Alcino Soutinho. Desta forma, deu-se a consolidação do concelho como um polo de arquitetura moderna de autor, contribuindo para o seu desenvolvimento territorial.

Simultaneamente, Ofir desenvolveu-se como outro polo arquitetónico, fruto da crescente procura turística sazonal. A partir de 1945, sob a orientação do arquiteto Alfredo Magalhães, o areal transformou-se numa zona turística, através da projeção de edifícios atentos às especificidades do contexto natural, antecipando a expansão urbana de Esposende que se verificou na década seguinte.

Neste contexto, o turismo e a prática de veraneio assumem-se como fatores determinantes para a ocupação do litoral e as suas construções, possibilitado em grande parte pelas classes sociais mais elevadas na procura por espaços de lazer e bem-estar.

A arquitetura moderna desenvolvida em Esposende e Fão representa uma fase relevante da renovação arquitetónica em Portugal, distinguindo-se pela retoma às origens através da valorização do passado, sem abdicar de uma linguagem contemporânea e do diálogo com o lugar. Compreende-se que “(...) não existe arquitetura sem projeto, não existe projeto sem memória, não existe memória sem ideias, não existe arquitetura sem habitante.”³⁸

38 Manuel Mendes, “Terra quanto a vejas, casa quanto baste”, in Alexandro Alves Costa (dir.), Só nós e santa tecla: a casa de Caminha de Sérgio Fernandez, pág. 124.

ARQUITETURA MODERNA

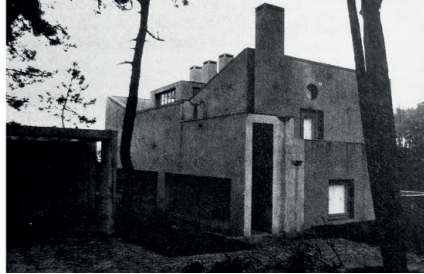
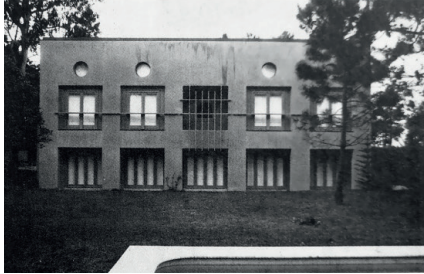


Fig. 60 e 61: Casa Pinto de Sousa em Ofir, Alcino Soutinho, 1984
 Fig. 62 e 63: Casa das Marinhas, Viana de Lima, 1954
 Fig. 64 e 65: Casa dr. Ribeiro da Silva, em Ofir, Fernando Távora, 1956
 Fig. 66: Antigo Clube Náutico de Fão, Alfredo de Magalhães, 1948
 Fig. 67: Hotel Ofir, Alfredo de Magalhães, 1948

ARQUITETURA MODERNA

1 e 2: Moradia unifamiliar
Engenheiro Jorge Manuel Viana

3: Conjunto de nove moradias
Arq. Viana de Lima

4: Projeto de apartamentos
Arq. Alfredo Magalhães

5: Moradia unifamiliar
Arq. Rogério Martins e João Andresen

6: Moradia unifamiliar
Arq. Júlio Oliveira

7: Moradia unifamiliar
Arq. Fernando Távora

8: Moradia unifamiliar
Arq. Arménio Losa

9: Moradia unifamiliar
Arq. Sérgio Fernandez

10: Casa das Marinhas
Arq. Viana de Lima

11: Moradia unifamiliar
Arq. Viana de Lima

12: Moradia unifamiliar
Eng. Eduardo Martins

13: Moradia unifamiliar
Arq. Alcino Soutinho

14: Moradia unifamiliar
Arq. Pádua Ramos e José Carlos Loureiro

15 e 16: Moradias unifamiliares
Arq. Otávio Lixa Felgueiras

17: Moradia unifamiliar
Arq. Pádua Ramos

18: Moradia unifamiliar
Arq. Alcino Soutinho

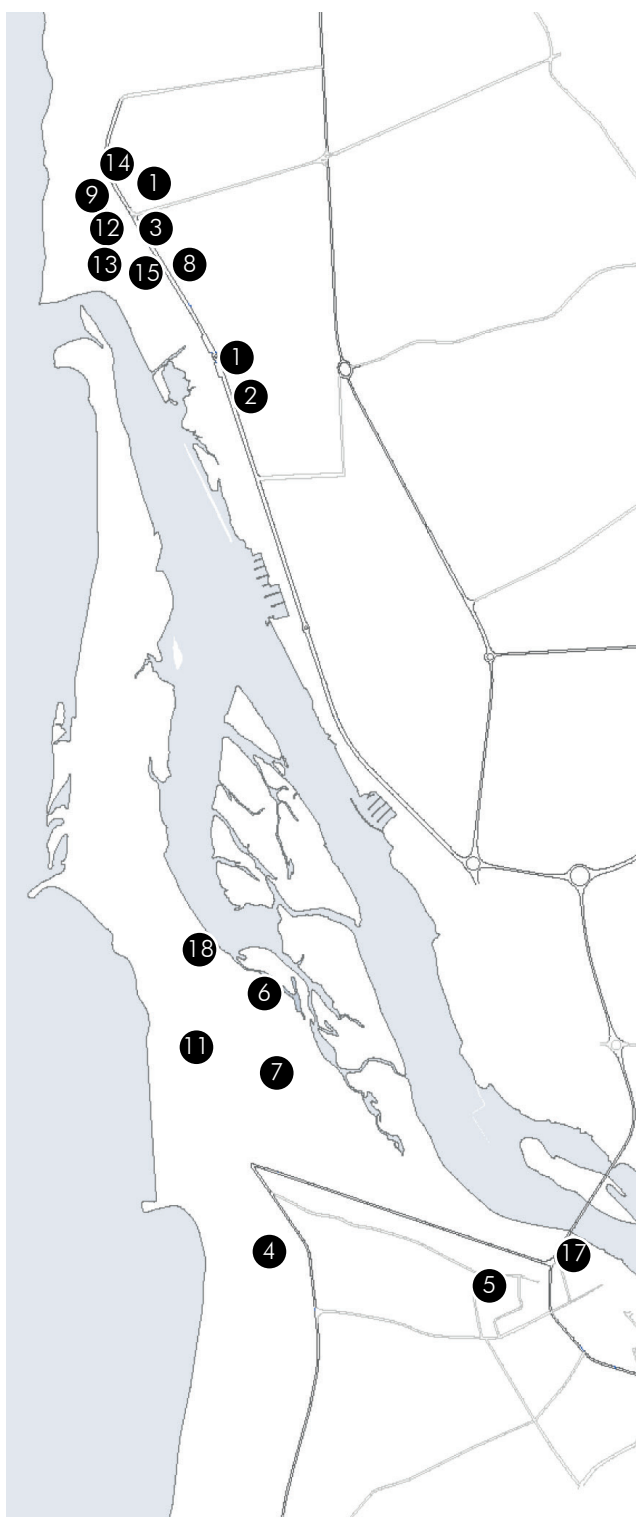


Fig. 68: Identificação das várias habitações típicas da arquitetura moderna em Esposende e Fão

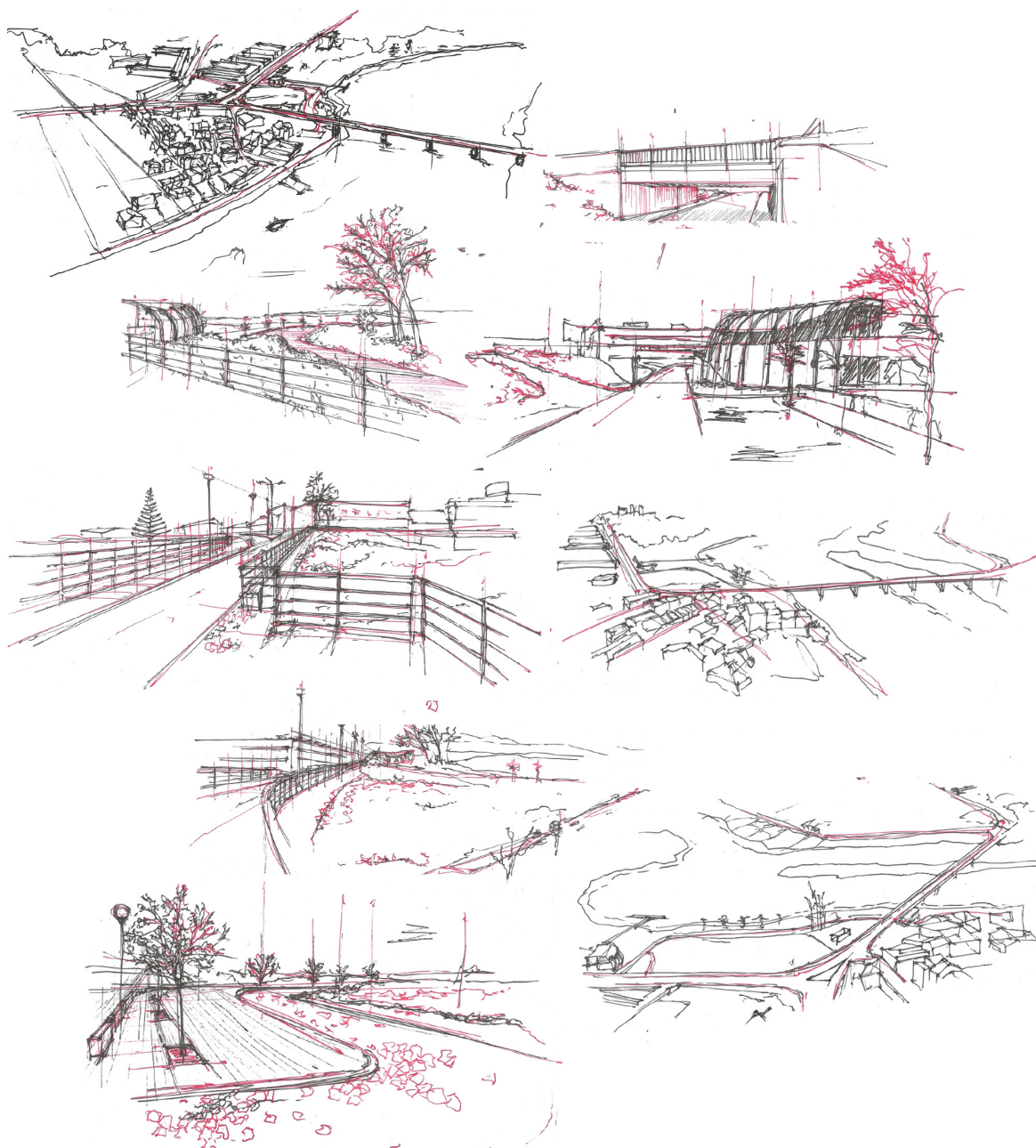


Fig. 69: Reconhecimento do local através de desenhos in loco

3.2 UMA NOVA DINÂMICA PARA FÃO

Contexto

Num contexto marcado pela memória das “casas de veraneio”, herança da arquitetura moderna que se afirmou no litoral minhoto de Portugal, surge a proposta como resposta à necessidade de qualificação de uma área atualmente subaproveitada e em estado de abandono.

O projeto não emerge com o intuito de colmatar todos os problemas identificados previamente, mas marca um início para que tal mudança aconteça.

Baseado no princípio de viver com e para a paisagem envolvente, o volume, projetado à margem da ponte de Fão, na sua frente ribeirinha, relaciona-se com os elementos e edifícios circundantes. Próximo ao Clube Náutico de Fão e aos passadiços pertencentes ao Parque Natural do Litoral Norte a oeste da ponte, a proposta visa a criação de um polo de maior dinamismo territorial e urbano. O local de implantação constitui um ponto estratégico no território, definido pela convergência de elementos estruturantes, com a presença da EN13, a ponte que estabelece a conexão entre as duas margens e a Avenida António Veiga, que permite o acesso ao núcleo de Ofir.

Tendo a envolvente como prioridade projetual, promove-se o diálogo entre o edificado e o contexto natural, em detrimento de uma afirmação formal autónoma. Da mesma forma, incentiva-se o utilizador a experienciar e a contemplar essa mesma relação.

Visa a demolição da pequena ETAR existente no local de intervenção, na medida em que a sua existência - redundante, tendo em conta que existem outras de maiores dimensões nas imediações - constitui um impacto visual num território de elevada sensibilidade paisagística e com potencialidade de usufruto por parte do público.

NOVA DINÂMICA PARA FÃO

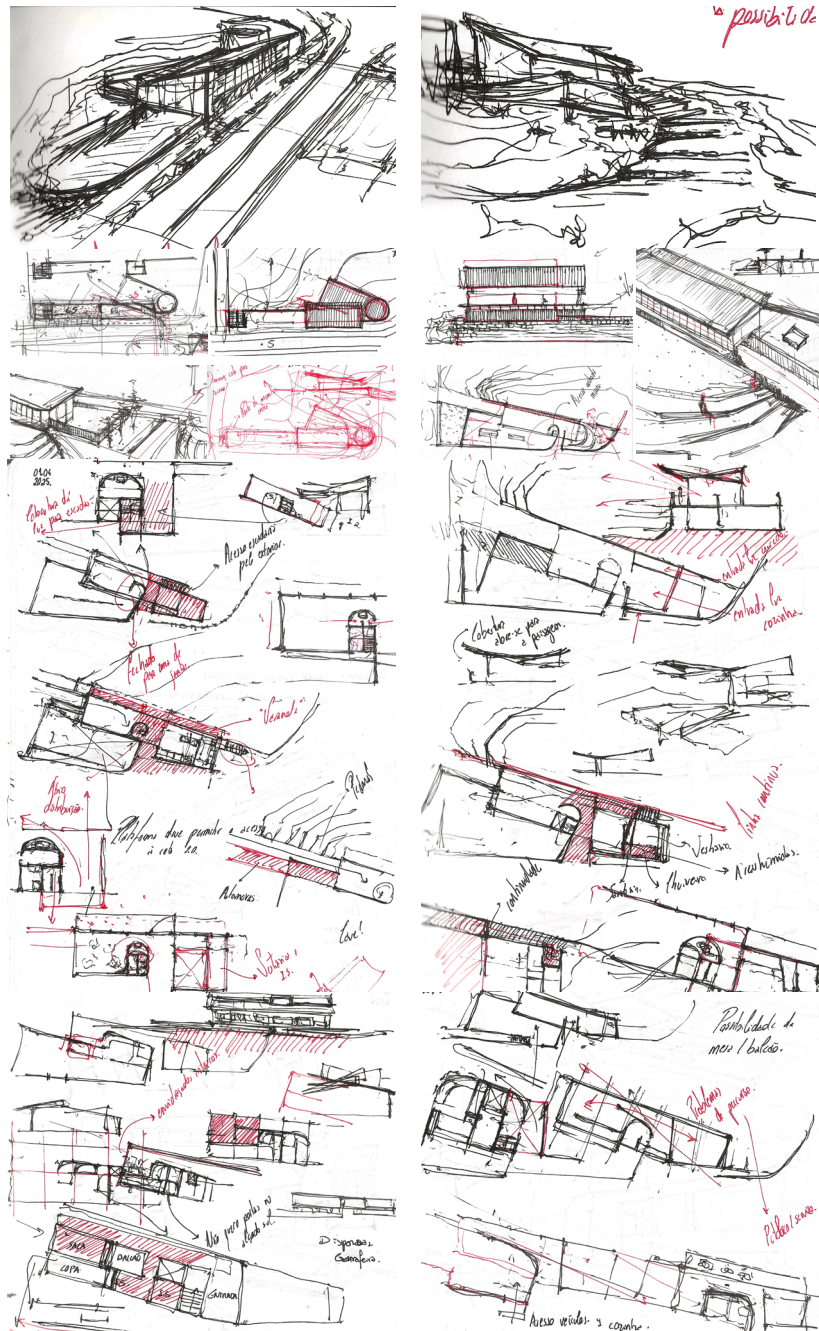


Fig. 70: Processo de desenvolvimento do projeto de intervenção

Na ausência de um programa definido e da inexistência de um cliente, as condicionantes projetuais revelaram-se reduzidas. Esta circunstância proporciona, por um lado, uma maior liberdade conceptual, mas, por outro, acarreta uma maior dificuldade no que diz respeito à tomada de decisões. A falta de diretrizes específicas, funcionais e orçamentais, amplia as possibilidades, tornando a definição das necessidades do espaço uma tarefa mais complexa.

Nesse sentido, o percurso de projeto revelou-se longo e exigente, no qual se exploraram vários conceitos e propostas, que, com o decorrer do tempo, se desenvolveram até se consolidarem na solução apresentada.

A proposta desenvolve-se com base em referências da arquitetura moderna, no qual se destaca a Casa de Chá de Boa Nova, projetada por Álvaro Siza, e o Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, desenvolvido pelo Fernando Távora. Destaca-se a influência da produção arquitetónica existente em Esposende e Fão como referência para o desenho e linguagem adotados na intervenção.

Implantado num terreno com declive suave, o edifício posiciona-se perpendicularmente em relação à ponte de Fão e estabelece a sua frente para a Avenida António Veiga. O seu posicionamento em relação à ponte promove um enfiamento visual a partir da EN13, apresentando-se como um elemento de rotação que convida à paragem e contemplação da paisagem, introduzindo uma quebra na linearidade da via.

A cobertura do conjunto edificado mimetiza o perfil topográfico, numa estratégia que valoriza a topografia como elemento estruturante da intervenção. Desta forma, a topografia e os percursos são elementos geradores do desenho da intervenção. A rigidez formal do volume contrasta com a organicidade do terreno onde se insere, visando um diálogo e simbiose entre o construído e o natural.

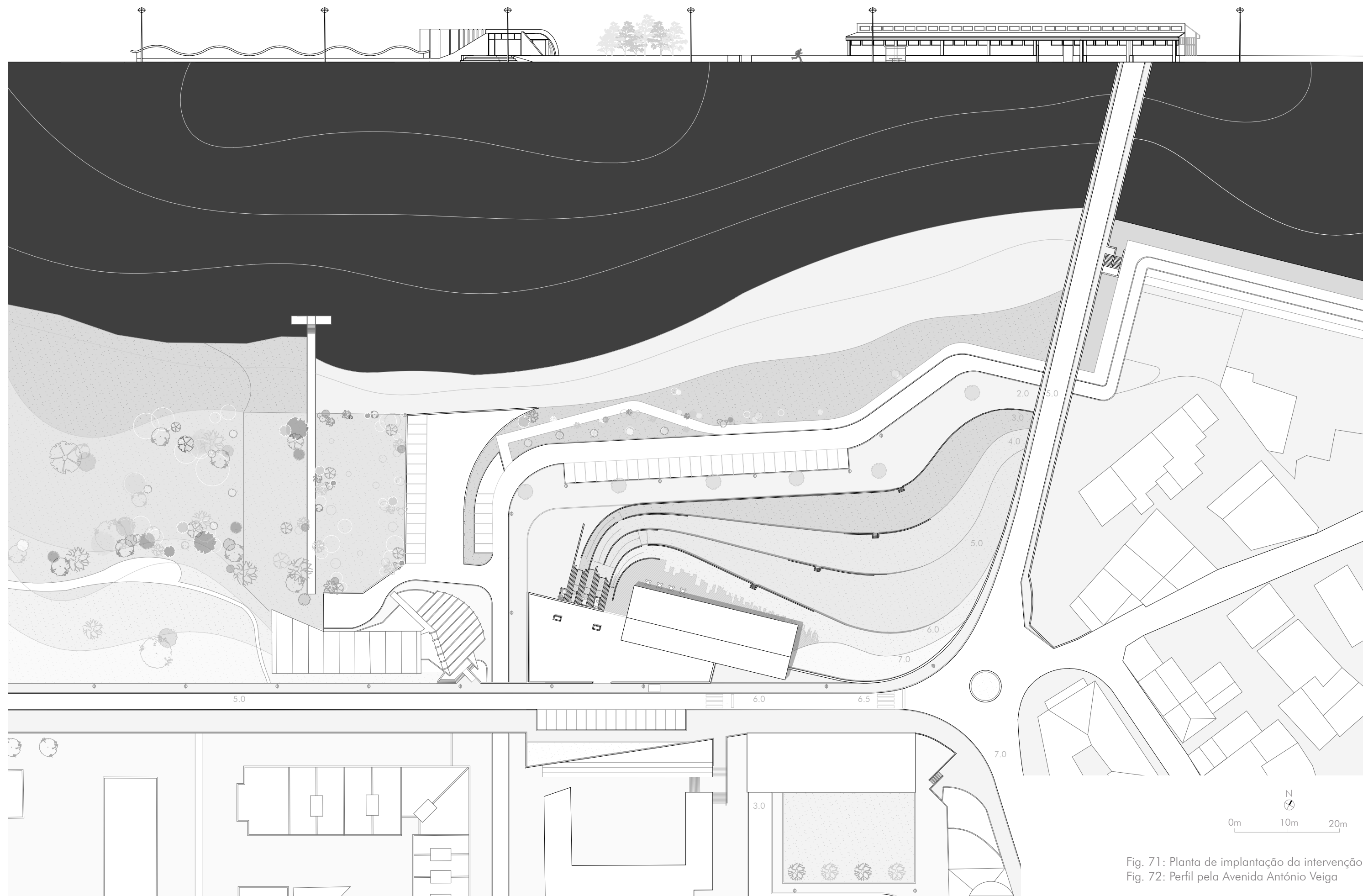


Fig. 71: Planta de implantação da intervenção
 Fig. 72: Perfil pela Avenida António Veiga

NOVA DINÂMICA PARA FÃO

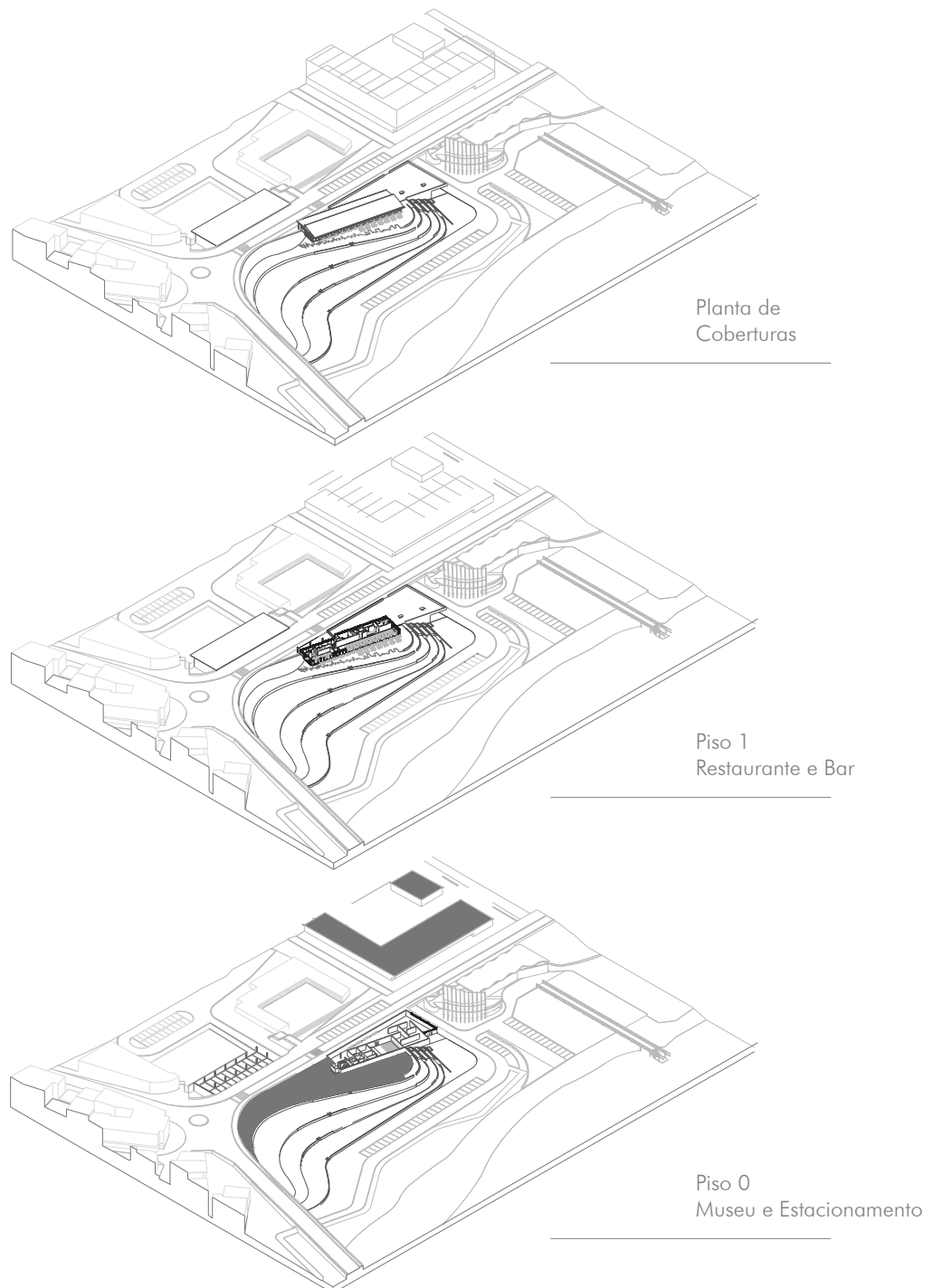


Fig. 73: Axonometria com identificação dos vários pisos da proposta

Exteriormente, o terreno é modelado de forma a evocar a morfologia das dunas. Esta abordagem é materializada por meio de muros de contenção revestidos a madeira, que enfatizam o desenho ondulante da paisagem artificial e conformam plataformas que abraçam o edifício. Para além disso, o terreno permite que se colmate a diferença de 5 metros existente entre a Rua do Estaleiro e a Avenida António Veiga, através de uma escadaria com quatro patamares e por rampas integradas no próprio terreno. Estes acessos são exteriores aos volumes e, portanto, a sua utilização é permitida de forma independente aos volumes.

Esta solução de plataformas e escadaria permite uma relação visual e funcional com a frente ribeirinha e com a margem oposta, onde se localiza a cidade de Esposende. O acesso pela zona inferior do setor, a partir da Rua do Estaleiro, remete a referências formais semelhantes às encontradas na obra de Alvar Aalto, nomeadamente na Maison Carré, na valorização gradual entre exterior e interior e a contemplação da paisagem.

Complementarmente, prolonga-se a guarda do Clube Náutico por meio de um muro de pedra ao longo da Avenida, criando uma continuidade formal e material que conduz às entradas do Museu e do Restaurante. No limite Este do terreno, aplica-se o mesmo princípio, através da extensão do muro de pedra da ponte, rematando o conjunto e enfatizando o convite à entrada no volume.

A proposta organiza-se em três componentes principais:

Restaurante e Bar, situados no piso superior, com acesso direto com a Avenida;

Museu, distribuído no piso inferior, sob o restaurante, mas com entrada ao mesmo nível do Restaurante;

Estacionamento, implantado no lado oposto da Avenida, garantindo apoio funcional ao conjunto e às habitações circundantes.

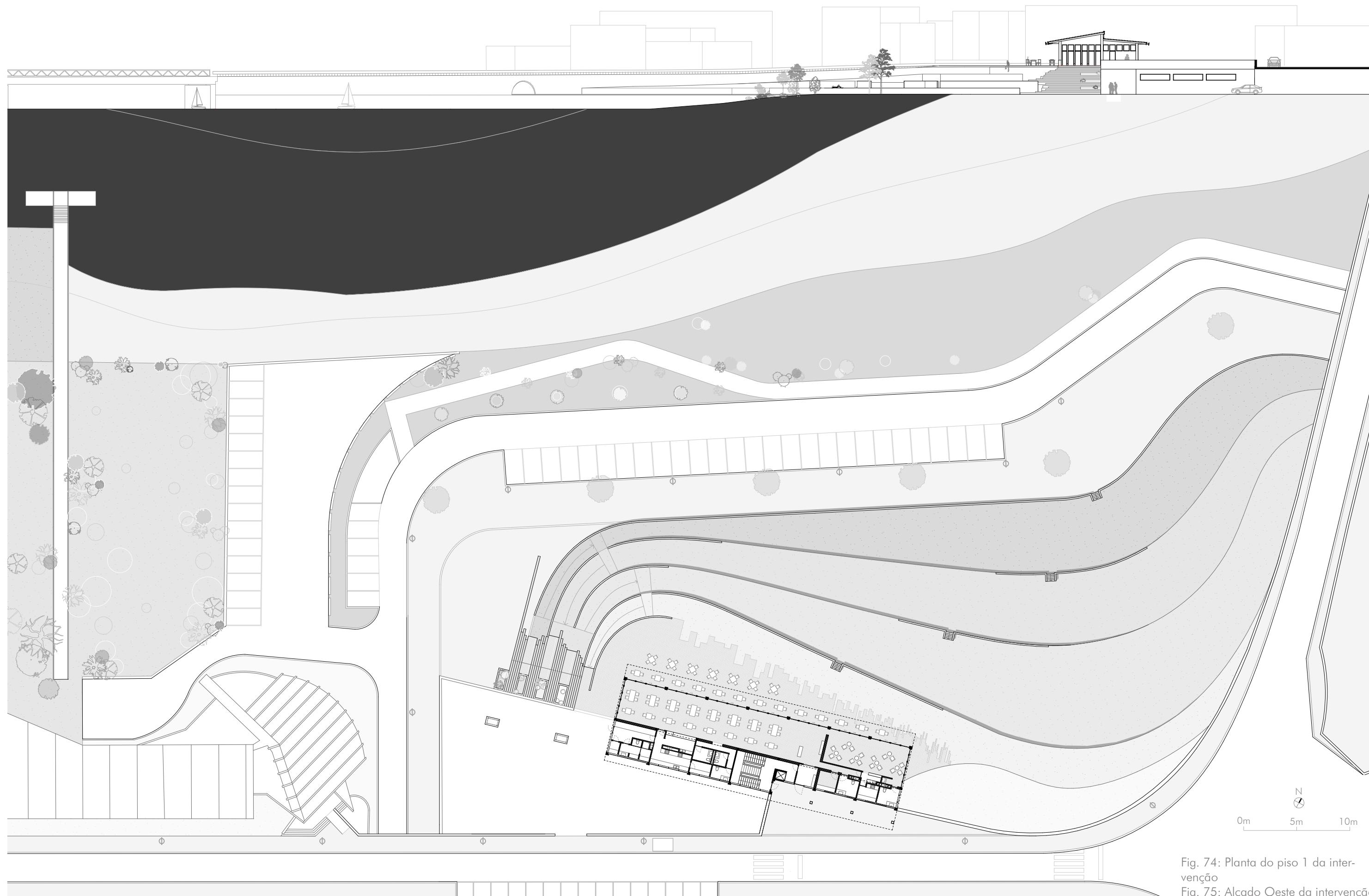


Fig. 74: Planta do piso 1 da intervenção

Fig. 75: Alçado Oeste da intervenção

NOVA DINÂMICA PARA FÃO

0m 5m 10m

Acesso ao Restaurante e Bar

Acesso de serviço

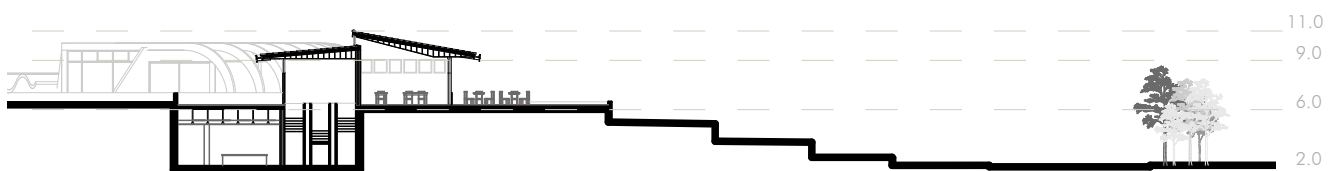
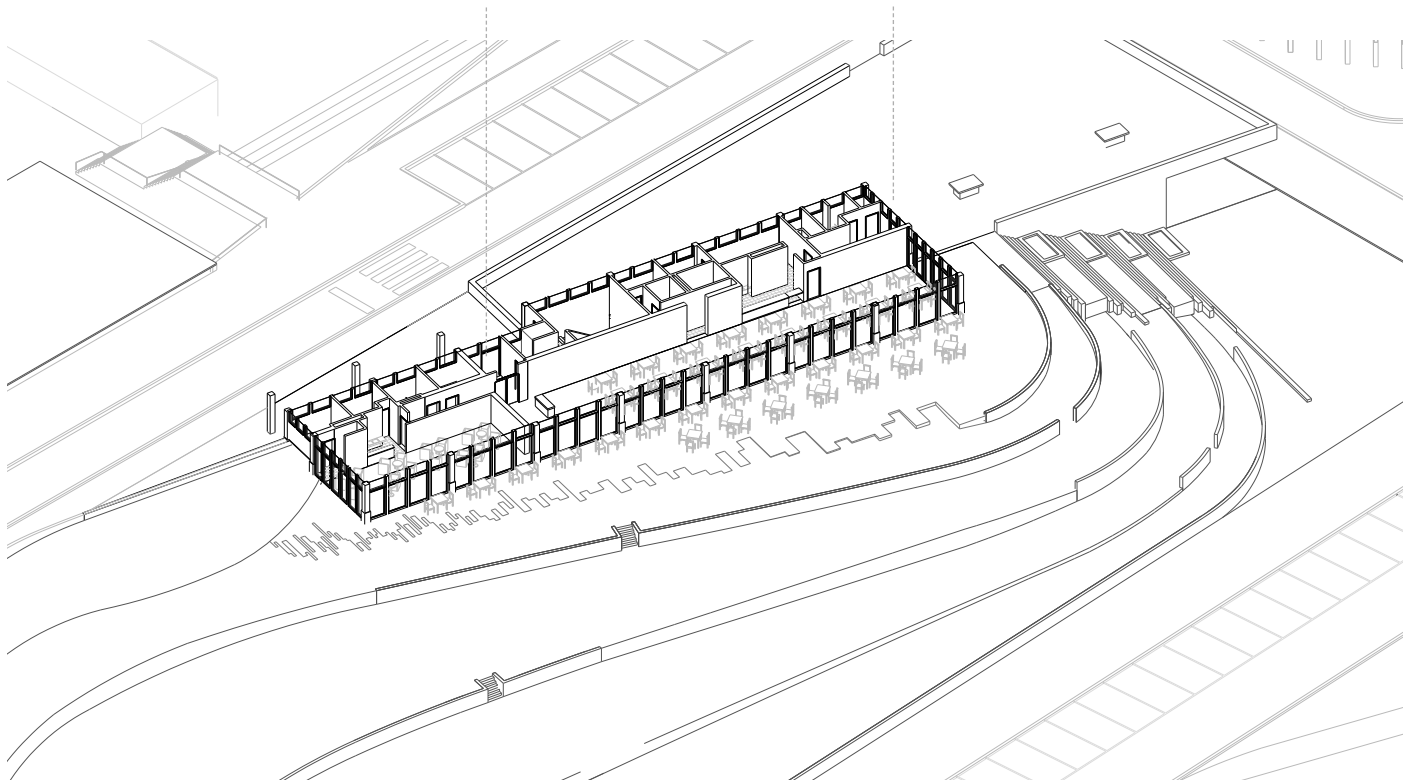


Fig. 76: Axonometria do Piso 1, do restaurante e bar

Fig. 77: Corte transversal pelo acesso vertical e respectivas cotas

Restaurante e Bar

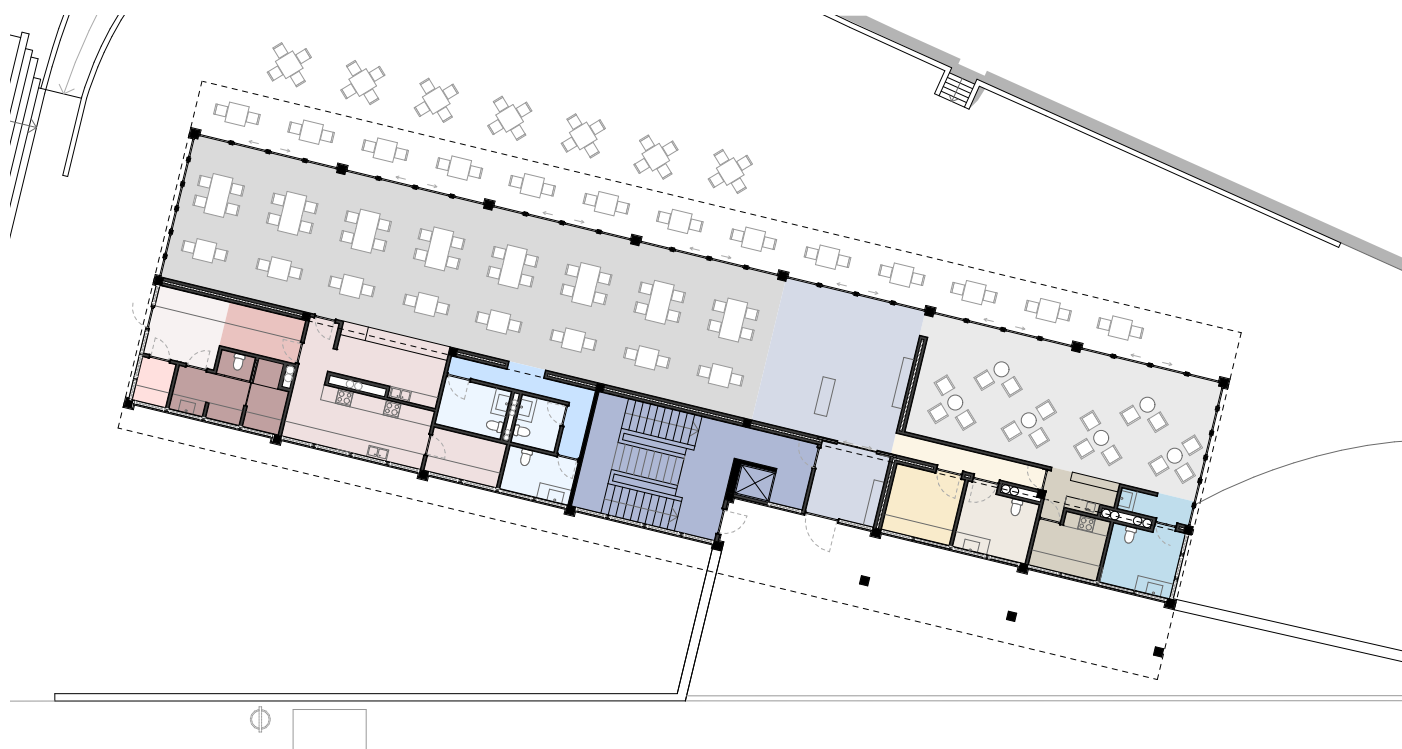
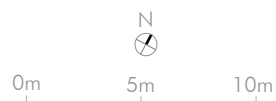
O volume destinado ao Restaurante e Bar desenvolve-se ao longo de aproximadamente 42m de comprimento, 12 metros de largura a poente e nove metros a nascente, totalizando cerca de 400m² de área bruta, dos quais cerca de 330 correspondem à área interior útil. A área exterior é complementada por uma grande esplanada pavimentada, voltada à frente ribeirinha, assumindo-se como uma extensão natural da área interior. O pavimento em pranchas de madeira possui continuidade entre o espaço interior e a esplanada exterior, criando uma superfície que dilui o limite entre os dois ambientes. O soalho, de desenho irregular, permite que a transição entre o domínio exterior e interior se faça de forma fluída, aliado ao envidraçado da fachada norte, dissolvendo fronteiras e colocando em questão onde termina o interior e onde começa o exterior. Nesta zona da esplanada, no lado norte, a cobertura de duas águas do volume acompanha a pendente do terreno, acentuando a integração do volume na topografia.

O acesso ao Restaurante a partir da Avenida é valorizado pela presença dos muros que orientam o visitante e pela continuidade da cobertura inclinada, que se prolonga para além do perímetro do edifício, criando zonas abrigadas e convidativas junto às entradas.

A organização programática do restaurante distribui-se segundo um eixo longitudinal, com uma clara distinção entre zonas de serviço e zonas dedicadas ao público. Esta separação é reforçada pela cobertura de duas águas inclinada que possui um desfasamento nesse eixo, permitindo a entrada de luz zenital proveniente do sul. Para além disso, a alteração do pavimento, tanto a nível de material como de tonalidade, onde se passa de uma madeira de afizélia, contrasta com um pavimento em grés porcelanato antiderrapante, ajuda a demarcar a diferenciação programática.

Ao entrar, o visitante é recebido por um espaço de entrada, atuando como uma antecâmara. Este espaço antecede a zona de refeições e permite o acesso à zona de acessos do Museu, reforçando a articulação entre os dois volumes. A sala de refeições, com uma área útil de 140m², orientada a norte, é totalmente envidraçada, permitindo a visualização panorâmica do estuário do Cávado e das suas margens.

NOVA DINÂMICA PARA FÃO



Entrada de serviço 8m ²	Corredor de acesso aos sanitários 5.8m ²	Instalação sanitária pública 9.5m ²
Sala de resíduos sólidos urbanos 2.4m ²	Entrada no Restaurante/Bar 8m ²	Espaço de refeições do Restaurante 140m ²
Corredor de serviço 5.4m ²	Sala administrativa 7m ²	Espaço de consumo do Bar 57m ²
Vestiários 10.2m ²	Corredor de serviço 5.2m ²	Receção no Restaurante/Bar 30m ²
Cozinha, copa e armazém 32m ²	Instalação sanitária de serviço 7,5m ²	Entrada no museu e Acessos verticais 31m ²
Instalações sanitárias públicas 13m ²	Balcão, copa e cozinha do Bar 10m ²	

Fig. 78: Identificação das áreas úteis do Restaurante/Bar

Com uma entrada específica para a zona de serviços a poente, junto aos vestiários e à sala de resíduos urbanos, garante-se a autonomia da gestão dos resíduos ao exterior, sem que haja interferência com os circuitos do público.

A cozinha, repartida em três compartimentos distintos: zona de preparação de alimentos e copa, zona de balcão e área de armazenamento e refrigeração, distribui-se ao longo de 31m².

As instalações sanitárias destinadas ao público, divididas em compartimentos femininos, masculinos e para mobilidade reduzida, ocupam uma área total de cerca de 14 m². Encontram-se resguardadas da vista direta, promovendo a privacidade e eficácia funcional, de modo a não estarem em contacto direto com a zona de refeições.

No lado nascente do volume apresenta-se a zona dedicada ao bar, com dimensões ligeiramente menores, constituída por uma sala de 57m² e uma cozinha proporcional com zona de copa e bancada de serviço, num total de 10m². Entre o restaurante e o bar encontra-se uma sala administrativa, com 7m², e uma instalação sanitária de serviço associada, também com a mesma área.

A distribuição das mesas prevê um total de sessenta e quatro lugares no interior e cinquenta e quatro no exterior, totalizando cento e dezoito lugares, com a possibilidade de expansão mediante a reconfiguração da disposição do mobiliário.

Conferiu-se especial atenção à separação dos percursos do público e entre os de serviço, de modo a garantir a eficiência funcional e conforto para o utilizador.

Como elemento basilar da proposta e da sua organização destaca-se a relação com a paisagem ribeirinha e o espaço público, refletido também na abertura sobre a paisagem e nos materiais que a constituem.

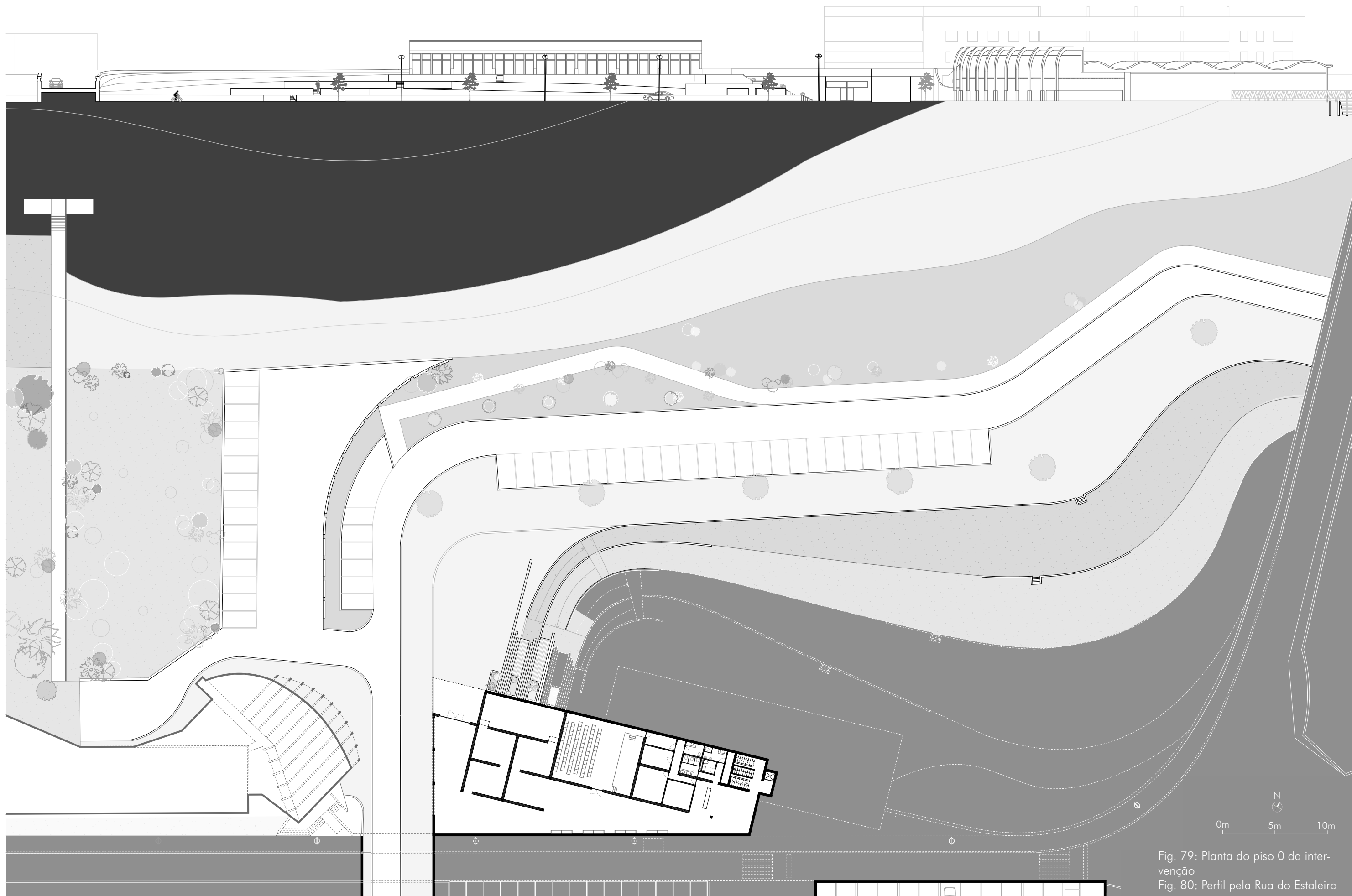


Fig. 79: Planta do piso 0 da intervenção
Fig. 80: Perfil pela Rua do Estaleiro

NOVA DINÂMICA PARA FÃO

0m 5m 10m

Acessos verticais do Museu

Acesso secundário e saída

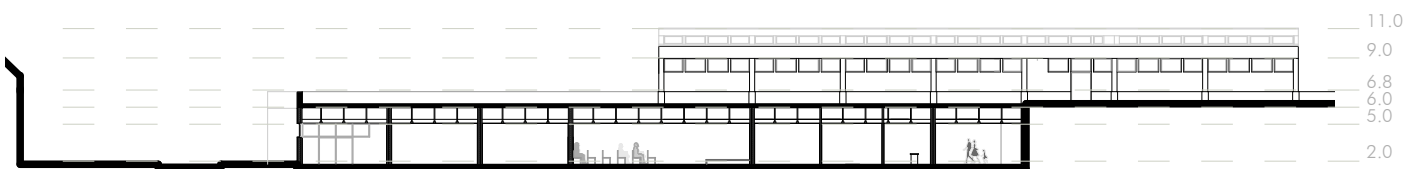
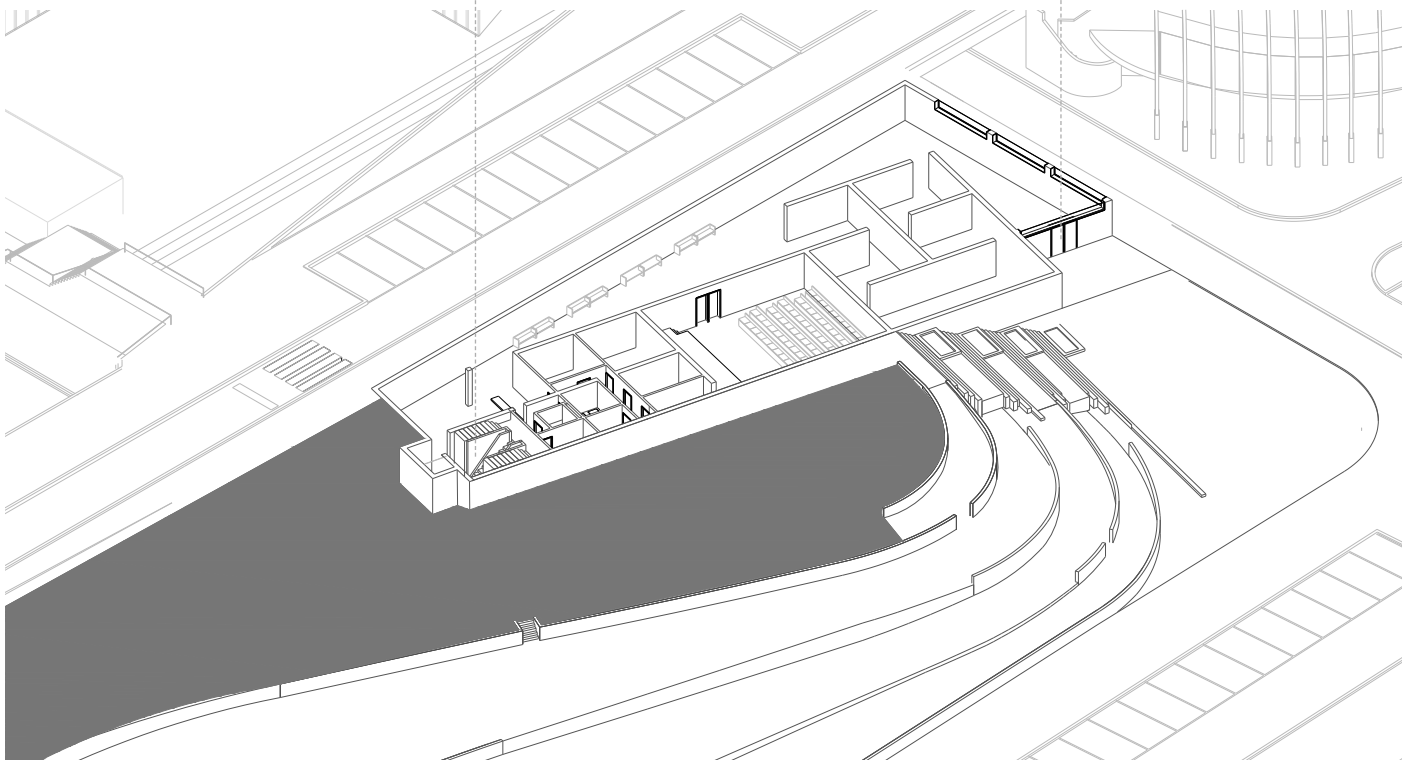


Fig. 81: Axonometria do Piso 0, do Museu

Fig. 82: Corte longitudinal pelo auditório e respetivas cotas

Museu

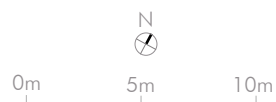
○ Museu, inserido num território de pequena escala na frente ribeirinha de Fão, apresenta uma dimensão considerável, tendo em conta a envolvente. Esta dimensão é justificada pela ambição do projeto em constituir-se como um polo cultural relevante, incorporando um auditório polivalente com uma capacidade de 70 lugares. Apesar de assumir uma presença volumétrica significativa, o edifício não se impõe nem se destoa da paisagem, uma vez que grande parte do mesmo se encontra enterrado.

○ edifício, de forma irregular, e o restaurante aparentam constituir um único volume de dois pisos. No entanto, estes dois programas funcionam de forma autónoma, embora partilhem uma zona de acessos, composta por um núcleo vertical com escadas e elevador, em comum. Estes acessos, organizados em dois patamares, apresentam um vazio na laje, permitindo a entrada de luz natural para ambos os pisos que colmatam. Ainda que a entrada principal seja realizada através da Avenida António Veiga, também existe um acesso a Poente, que se assume como uma saída, reforçando a existência de um percurso linear e contínuo no interior do museu.

○ edifício assume-se como um embasamento sólido do volume superior, mais fechado sobre si mesmo e de materialidade robusta, de acordo com a sua função museológica e de controlo da iluminação no interior. As aberturas são pontuais e estrategicamente posicionadas, surgindo a Poente como forma de iluminar as zonas de circulação e de indicação da saída. Adicionalmente, apresentam-se duas claraboias tipo lanternim que marcam a entrada de uma das salas de exposição.

○ teto falso, com 1 m de altura, permite integrar todas as infraestruturas técnicas e os sistemas de ventilação e climatização, garantindo um pé direito de 3 m nos espaços expositivos e de circulação.

NOVA DINÂMICA PARA FÃO



■ Espaço exterior coberto 36m² ■ Zona de circulação e exposição 260m² ■ Salas de exposição 160m² ■ Auditório 113m²	■ Salas administrativas 40m² ■ Corredor de serviços 9.3m² ■ Instalação sanitária de serviço 4.6m² ■ Instalações sanitárias públicas 16m²	■ Corredor de distribuição 5m² ■ Recepção 44m² ■ Entrada no museu e acessos verticais 31m²
--	--	--

Fig. 83: Identificação das áreas do Museu

A organização espacial do Museu reflete uma setorização funcional. As áreas técnicas e de serviço surgem no início do percurso, com entradas posicionadas de forma discreta. A zona administrativa dispõe de uma série de salas, totalizando 55m². As instalações sanitárias, com 16m² para o público e 5m² para o uso de serviço, localizam-se junto ao núcleo central facilitando o seu uso independente das restantes áreas. A receção, com 14m², posiciona-se numa zona central, adjacente ao núcleo de acessos verticais. O auditório, com 112m², é um espaço polivalente, apto para diferentes tipos de sessões e conferências, assumindo uma grande importância num território que se encontra munido por variados espaços de ensino, mas com uma grande carência de locais culturais. As salas de exposição principais, com cerca de 150m², organizam-se de forma articulada. O restante espaço do museu, ainda que não definido espacialmente, permite uma flexibilidade de uso, adaptando-se a diferentes tipos de exposições e eventos. Estes locais mais amplos permitem, também, espaços de encontro e permanência, estando equipados com bancos, funcionando como espaços de transição.

O percurso expositivo culmina na saída oeste, coberta, que conduz os visitantes ao espaço público exterior e à zona verde adjacente à Rua do Estaleiro, prolongando a experiência do museu para além dos seus limites físicos. Este momento final do percurso não se limita a uma saída funcional, mas representa o culminar da narrativa exposta. Após a deambulação no interior do museu, no qual se absorve a informação acerca do desenvolvimento de Esposende e Fão, o visitante é convidado a confrontar esse conhecimento com a realidade. A existência de zonas de permanência e contemplação que enquadram a paisagem envolvente, esta saída torna-se num momento contemplativo, onde a realidade no exterior se cruza com o conhecimento adquirido no interior.

NOVA DINÂMICA PARA FÃO

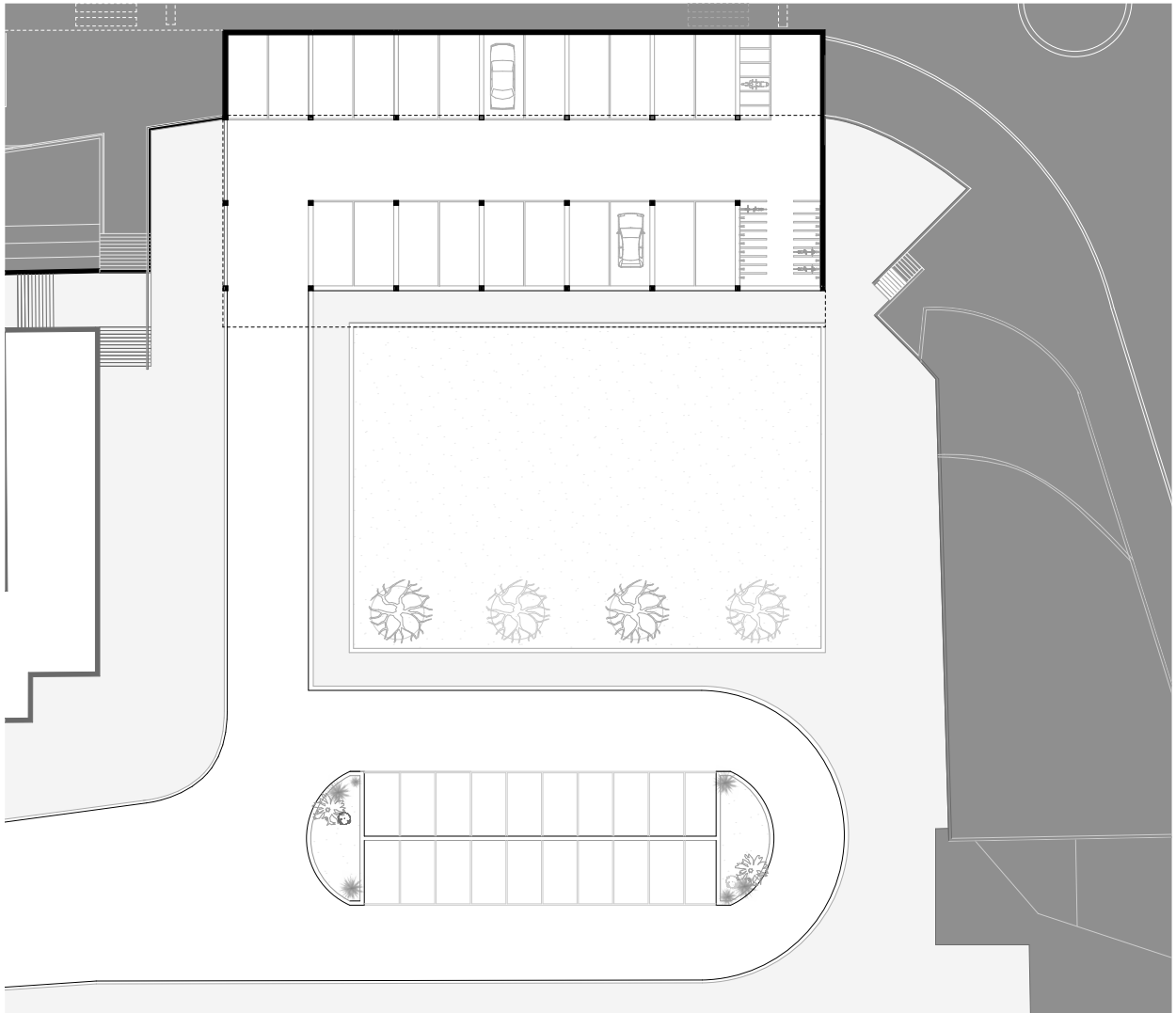


Fig. 84: Planta do estacionamento

Fig. 85: Corte transversal pelo estacionamento

Estacionamento

Localizado numa área que já apresenta algum estacionamento exterior, este, abrigado, surge como uma apoio funcional aos dois edifícios principais do conjunto e, simultaneamente, serve os edifícios envolventes. Implanta-se de modo a que a sua cobertura esteja à mesma cota da Avenida António Veiga, minimizando o impacto visual do volume no território e permitindo uma maior permeabilidade, leveza e integração na paisagem.

Com aproximadamente 750m² de área bruta, a solução contempla duas coberturas planas defasadas, que, através da pequena diferença de altura entre elas, permite a criação de um elemento horizontal, com aparência de um banco, que reforça a expressão do conjunto.

Na frente sul do estacionamento desenvolve-se uma área ajardinada, proporcionando um ambiente qualificado para os edifícios residenciais adjacentes.

O acesso automóvel ao estacionamento é realizado através da Rua das Rodas, enquanto o acesso pedonal é resolvido através das escadas existentes em ambos os lados do volume.

Considerando que a Rua do Estaleiro já apresenta estacionamento ao longo da sua via, não se verifica a necessidade de criar uma ligação direta entre este novo espaço de estacionamento e os volumes arquitetónicos propostos. Esta decisão permite não sobrecarregar o terreno com mais infraestruturas de acesso, evitando, ao mesmo tempo, a implantação de áreas a cotas mais baixas, o que se revelou fundamental tendo em conta o risco de cheias e inundações que afetam a zona.

NOVA DINÂMICA PARA FÃO



Fig. 86: Vista geral da proposta implantado no local
Fig. 87: Espaço do bar com vista sobre a frente ribeirinha

Estrutura e Materialidade

A estrutura do Restaurante e do Museu desenvolvem-se a partir de uma modulação de 6 metros transversalmente e de 5 metros longitudinalmente, com pilares de betão armado de 30 centímetros e rebocados. Estes elementos principais são complementados por elementos de betão de 15 por 15 centímetros que introduzem ritmo nos alçados. Algumas paredes exteriores, bem como outras onde se verifica uma maior necessidade de isolamento térmico e acústico, são constituídas por paredes duplas em alvenaria, com 11cm de cada lado, igualmente rebocadas. As paredes interiores são de alvenaria simples de 15cm.

O volume superior, relativo ao Restaurante, apresenta-se com forte transparência e relação com o exterior, no qual o envidraçado presente em toda a fachada norte contrasta com o piso inferior, com um carácter mais sólido, assumindo-se como base do conjunto.

Apesar das vantagens inerentes à exposição solar a sul, neste caso surgem desafios relativos à privacidade, devido à proximidade com a via pública. Assim sendo, as aberturas nestes alçados situam-se próximas à cobertura, garantindo, simultaneamente, a privacidade e a entrada de luz natural e ventilação.

No Restaurante opta-se pela utilização da madeira de castanho, típica da região, nos variados elementos de carpintaria, nomeadamente tetos, portas e caixilharia. Nos espaços dedicados ao público o pavimento utilizado é a madeira de Afizélia, que se prolonga para a zona exterior na esplanada e, por isso, esta madeira foi selecionada pelas suas características de resistência ao desgaste e à humidade. O tratamento de ambas as madeiras é feito com acabamentos semelhantes, de modo a obter uma continuidade visual e estética entre o espaço interior e exterior. A madeira contrasta com a frieza e robustez dos volumes em rebocados, introduzindo maior conforto ao espaço, ao mesmo tempo que se relaciona com o edifício vizinho do Clube Náutico. Neste volume, a diferença de pavimentos reforça a distinção entre os espaços públicos e os espaços de serviço: a área destinada ao público é revestida a madeira, enquanto a zona de serviço utiliza grés porcelanato antiderrapante, adequando-se ao local onde se insere.

NOVA DINÂMICA PARA FÃO



Fig. 88: Inserção do edifício na paisagem

Fig. 89: Vista da zona de esplanada que convida à contemplação e ao convívio

Todo o edifício é contornado, exteriormente, por um lambrim de pedra, mantendo uma continuidade com os muros exteriores envolventes, provenientes da ponte e do Clube Náutico.

Relativamente à cobertura, recorre-se à utilização da telha cerâmica, material tradicional da região. A cobertura de duas águas garante um escoamento eficaz das águas pluviais, com beirais revestidos a madeira e são rematados com lâminas de cobre. Estruturalmente, a cobertura assenta em vigas de betão armado, sendo revestida com madeira, definindo o acabamento do teto.

No museu, o pavimento é revestido a mármore de Estremoz branco, no qual a sua cor clara contribui para refletir a luz artificial, de modo a compensar a escassez de luz natural. Para além disso, promove uma atmosfera mais agradável e leve, favorecendo a contemplação da exposição.

A utilização de madeira, betão e o mármore promove o diálogo entre tradição e moderno, reforçando a relação conceptual e material entre o existente e os volumes propostos.

A proposta, ao alinhar-se com os valores da arquitetura moderna em Esposende e Fão, no que se refere à atenção ao contexto, o uso criterioso dos materiais e a expressão formal, inserindo-a numa linguagem de continuidade. Mais do que uma construção isolada, representa um gesto de revalorização territorial, cultural e paisagística, onde a arquitetura é compreendida como extensão do lugar e da memória.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, o território em análise revelou-se para além de um espaço de estudo, manifestando-se como um lugar vivido. Embora não seja residente no território em análise, sou visitante regular, principalmente durante a época balnear. A deambulação pelo lugar permitiu-me observar, sentir e refletir acerca da realidade atual, possibilitando, em parte, o reconhecimento de algumas das potencialidades e fragilidades do espaço. Este ato de percorrer o território, evidenciou a carência de ações de reabilitação e a necessidade de transformação do mesmo.

Aquilo que inicialmente se apresentava como uma simples proposta de intervenção para a qualificação de uma área de interesse, com o desenvolvimento do estudo e análise, tornou-se, rapidamente, num tema de elevada complexidade, superando as previsões iniciais. A proposta que aqui é apresentada assenta numa leitura crítica e sensível de um contexto específico, envolvendo as margens do estuário do Cávado em Fão.

Como uma lente de aumento, a análise territorial partiu de uma escala ampla para uma mais precisa e detalhada, numa abordagem que albergou diferentes níveis de intervenção.

Este percurso estruturou-se em duas vertentes complementares: a primeira consistiu na análise das múltiplas dimensões de um território ainda pouco explorado; a segunda concentrou-se na intervenção, formulada a partir das problemáticas identificadas inicialmente.

A estratégia territorial pretende assumir-se como um gesto de articulação entre os vários polos dinamizadores existentes na área, propondo uma estrutura que estimule o seu potencial.

Todo o processo de desenvolvimento da dissertação foi acompanhado pela elaboração de material gráfico, constituído por plantas, desenhos, esquemas e imagens, que surgem como meio de tradução e complemento, de forma visual, aquilo que o texto por vezes falha em comunicar plenamente. À semelhança do discurso escrito, também a componente iconográfica foi pensada como elemento complementar ao texto, mas autónomo e com narrativa própria, contribuindo para a clareza da análise e proposta.

Assim, mais do que um exercício de projeto, esta dissertação representa uma tentativa de visão prospetiva para um território que é esquecido.

Considerando a escala do objeto de estudo e da consequente intervenção, o foco principal do trabalho recai sobre a organização exterior e a sua relação com o contexto em que se insere. Dessa forma, o aprofundamento, conferido a partir da elaboração de detalhes construtivos e do desenvolvimento dos espaços interiores não constituíram prioridade nesta fase do estudo. Mais do que uma proposta fechada ou definitiva, este projeto trata-se de um ponto de partida, uma hipótese de qualificação para um território que o exige e, portanto, é essencialmente um exercício de pensamento e uma expressão de vontade.

O presente trabalho não se pretende afirmar como uma resposta exaustiva a todas as problemáticas levantadas, mas sim a fase inicial de um processo. Trata-se de um gesto, um impulso consciente e fundamentado que visa contribuir para a melhoria do território. Afirma-se, portanto, como uma intenção, uma proposta de reflexão e consequente reação, assumindo, sem pretensões, o seu papel como ponto de partida num percurso mais longo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros:

Brandão, R. (1923). Os pescadores. Livrarias Aillaud e Bertrand.

Câmara Municipal de Esposende. (2009). Esposende: Ensaio urbano da aldeia à cidade (1.ª ed.; Textos: Álvaro Domingues et al.). Câmara Municipal de Esposende.

Domingues, Á. (2009). O Porto e o Rio Douro: Construir uma nova relação. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Farr, D. (2008). Urbanismo sustentável: Design urbano com natureza. John Wiley & Filhos.

Gehl, J. (2010). Cidades para pessoas. Imprensa da Ilha.

Loda, M. e Abenante, P. (Eds.). (2024). Património cultural e desenvolvimento em contextos frágeis: aprender com as intervenções de cooperação internacional no Afeganistão e países vizinhos. Springer Natureza. <https://doi.org/10.1007/978-3-031-54816-1>

Lopes, A. I. (2023). Entre o assoreamento do Rio Cuiabá e as invasões de areia (1750–1870): Das pré-condições e impactos à resiliência socioinstitucional. In Câmara Municipal de Esposende (Ed.), Boletim Cultural de Esposende (3.ª série, n.º 2).

Lynch, K. (1960). A imagem da cidade. Imprensa do MIT.

Neiva, M. A. P. (2012). Esposende: A barra, o porto e a navegabilidade do Cávado: Projectos e memórias (Foto: P. Guerreiro et al.). Câmara Municipal de Esposende.

Artigos e Relatórios

Agência Portuguesa do Ambiente. (2022). Plano de gestão da região hidrográfica: Cávado, Ave e Leça (RH2) – 3.º ciclo (2022–2027): Relatório final. Agência Portuguesa do Ambiente.

Associação de Municípios do Vale do Cávado. (2008). Estudo de valorização e desenvolvimento estratégico dos rios Cávado e Homem. Cidades, Comunidades e Territórios. Universidade do Minho; Simbiente – Engenharia e Gestão do Ambiente.

Câmara Municipal de Esposende. (1987). Memória descritiva e justificativa do Plano Geral de Urbanização de Apúlia. Câmara Municipal de Esposende.

Câmara Municipal de Esposende. (2016). Área de Reabilitação Urbana de Esposende: Relatório. Câmara Municipal de Esposende.

Cunha, E. M. P., Julião, R. P., & Oliveira, F. H. (2020). A política urbana no Brasil e em Portugal: Contexto e evolução histórica. *Cidades, Comunidades e Territórios*, (40), 184–199. <https://doi.org/10.15847/cct.jun2020.040.art04>

Dias, M. H., & Centro de Informação Geoespacial do Exército. (2015). Cartografar com o mar no horizonte: Conhecimento e soberania em antigas missões do exército português. Lisboa.

Gestão da Produção de Energia, S.A. (2008). Plano de melhoria do estado de conservação dos peixes migradores e dos seus habitats no sector terminal do rio Cávado: Relatório final. AGRIPRO; Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

ICOMOS. (1964). Carta de Veneza: Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios (Traduzido por Flávio Lopes e Miguel Brito Correia).

ICOMOS. (2000). Carta de Cracóvia 2000: Princípios para a conservação e o restauro do património construído (Traduzido por Flávio Lopes e Miguel Brito Correia).

Centro de Restauração do Rio. (s.d.). Restauro de rios em áreas urbanas [Ficha informativa]. Fundação Esmée Fairbairn. <http://www.therrc.co.uk>

Dissertações

Alfaro, F. (2009). Orlas marítimas: Cidades de água (Dissertação de Mestrado). Departamento de Arquitectura, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa.

Bandeira, I. A. R. (2022). Macau: Entre memórias e espaços. Uma nova cidade ribeirinha (Dissertação de Mestrado Integrado). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Bermudes, J. M. F. (2014). [Re]ativação das margens através da [re] qualificação dos percursos do Estuário do Cávado (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Escola de Arquitectura.

Carreiras, J. D. G. (2023). A produção moderna em Esposende: Viana de Lima e Sergio Fernandez na urbanização das dunas do Suave Mar (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Castro, A. R. M. O. de. (2011). Cidade e frente de água: Papel articulador do espaço público (Tese de Doutoramento). Universidade de Barcelona, Programa de Doutoramento Espaço Público e Regeneração Urbana.

Costa, R. B. (2009). Cidades de água: Relação entre as cidades e as suas frentes de água (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Macedo, M. F. (2020). O percurso da margem do Rio Cávado: Uma proposta de consolidação (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Martins, F. D. (2022). Dinâmicas in loco: A construção de um foco de apoio a uma paisagem produtiva na Apúlia (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Escola de Arquitectura, Arte e Design.

Silva, I. M. A. (2011). A (in)definição de cidade (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa.

Venda, S. J. R. A. da. (2019). Entre Mar e Rio: As dinâmicas sociais da vila de Fão representadas no tempo (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Escola de Arquitectura.

Sites Consultados:

Agencia Portuguesa do Ambiente. (s.d.). Planos de ordenamento da orla costeira. Recuperado de <https://apambiente.pt/agua/planos-de-ordenamento-da-orla-costeira-0>

archdaily.com. (s.d.). Reclaiming rivers: The latest trend in urban design. Recuperado de <https://www.archdaily.com/445637/reclaiming-rivers-the-latest-trend-in-urban-design>

archdaily.com. (s.d.). Urban waterways reborn: European cities leading the charge in river restoration and revitalization. Recuperado de <https://www.archdaily.com/1013255/urban-waterways-reborn-european-cities-leading-the-charge-in-river-restoration-and-revitalization>

cantinhodefao.blogspot.com. (s.d.). Cantinho de Fão. Recuperado de <https://cantinhodefao.blogspot.com/>

ciitiestobe.com. (s.d.). 10 trends for cities in 2024. Recuperado de <https://www.ciitiestobe.com/10-trends-for-cities-in-2024/>

ciitiestobe.com. (s.d.). Navigating change: Our 10 trends for cities in 2024. Recuperado de <https://www.ciitiestobe.com/navigating-change-our-10-trends-for-cities-in-2024>

ecrr.org. (s.d.). Urban river restoration. Recuperado de <https://www.ecrr.org/urban-river-restoration>

egyankosh.ac.in. (s.d.). eGyanKosh - A National Digital Repository. Recuperado de <https://egyankosh.ac.in>

eolss.net. (s.d.). Outline of EOLSS Components. Recuperado de <https://www.eolss.net/outlinecomponents.aspx>

facebook.com. (s.d.). Fojo. Recuperado de <https://www.facebook.com/p/Fojo-100063524025606/>

geoportal.lneg.pt. (s.d.). Geoportal LNEG. Recuperado de <https://geoportal.lneg.pt/mapa/#>

hland.pt. (s.d.). ReOT do Plano Diretor Municipal de Esposende: Avaliação da execução. Recuperado de <https://hland.pt/projetos/reot-do-plano-diretor-municipal-de-esposende-avaliacao-da-execucao/>

link.springer.com. (s.d.). SpringerLink. Recuperado de <https://link.springer.com/article/10.1007/springerlink>

link.springer.com. (s.d.). Environmental Science and Pollution Research. Recuperado de <https://link.springer.com/article/10.1007/s11356-014-3192-3>

mdpi.com. (s.d.). Land. Recuperado de <https://www.mdpi.com/land13091363>

municipio.esposende.pt. (s.d.). Município de Esposende. Recuperado de <https://www.municipio.esposende.pt/>

natural.pt. (s.d.). Parque Natural do Litoral Norte. Recuperado de <https://natural.pt/protected-areas/parque-natural-litoral-norte?locale=p>

Novo Fangueiro. (n.d.). Arquivo digital da freguesia de Fão, <https://www.novofangueiro.com/>
Consultadas diversas páginas individuais sobre o “Fojo”, incluindo os seguintes códigos de registo: 1787, 4109, 23063, 14287, 7663, 5503, 22380, 20088, 4006, 3980

parquenaturallitoral norte.pt. (s.d.). Parque Natural Litoral Norte. Recuperado de <https://parquenaturallitoral norte.pt/>

portocanal.sapo.pt. (s.d.). Notícia sobre Esposende. Recuperado de <https://portocanal.sapo.pt/noticia/350989>

sciencedirect.com. (s.d.). Cities. Recuperado de <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S026427512030202X>

sergiodofojo.blogspot.com. (s.d.). Sérgio do Fojo. Recuperado de <https://sergiodofojo.blogspot.com/>

sig.cm-esposende.pt. (s.d.). SIG Município de Esposende. Recuperado de <https://sig.cm-esposende.pt/index.php/view/map?repository=01urbanismo&project=pdm>

visitesposende.com. (s.d.). Visit Esposende. Recuperado de <https://www.visitesposende.com/pt/about>

youtube.com. (s.d.). Vídeo Fojo. Recuperado de <https://youtu.be/mfnwpFNHltw>

youtube.com. (s.d.). Vídeo Esposende. Recuperado de https://youtu.be/OKbazkA_Jb4

- 1: Friso cronológico; Fonte: elaborado pela autora;
- 2: Identificação da bacia hidrográfica do Rio Cávado no contexto nacional; Fonte: elaborado pela autora
- 3: Esquema representativo das classes de humidade, temperatura, precipitação e escoamento médio anual; Fonte: elaborado pela autora, com base no Relatório Final “Plano de melhoria do estado de conservação dos peixes migradores e dos seus habitats no setor terminal do rio Cávado”;
- 4: Representação da Bacia Hidrográfica do Rio Cávado com as respetivas barragens; Fonte: elaborado pela autora;
- 5: Aproximação à área de intervenção com a indicação de ribeiras e rios transversais à Bacia Hidrográfica do Cávado; Fonte: elaborado pela autora;
- 6: Concelho de Esposende com identificação das freguesias, destacando a área do objeto de estudo; Fonte: elaborado pela autora;
- 7: Fresco de Augusto Gomes (1910-1976) a representar os “Cavalos de Fão”; Fonte: Relatório: Área de reabilitação urbana de Esposende, Câmara Municipal de Esposende;
- 8: Projeto de encanamento do Rio Cávado, da autoria do Engenheiro Custódio Vilas Boas, 1975; Fonte: Relatório: Área de reabilitação urbana de Esposende, Câmara Municipal de Esposende;
- 9: Planta da Costa Marítima da Província do Minho; Fonte: Dias, M. H., & Centro de Informação Geoespacial do Exército. (2015). Cartografando com o mar no horizonte conhecimento e soberania em antigas missões do exército português. Lisboa;
- 10: Esquema representativo das distâncias de Esposende aos centros urbanos mais próximos; Fonte: elaborado pela autora
- 11: Carta de Esposende e Fão em 1752; Fonte: Câmara Municipal de Esposende. (2016). Área de Reabilitação Urbana de Esposende: relatório. Esposende: Câmara Municipal de Esposende.
- 12: Planta Geral de Esposende de 1942; Fonte: Câmara Municipal de Esposende. (2009). “Esposende: ensaio urbano de vila a cidade”
- 13: Planta do Esboço do Ante-Plano de Urbanização da Vila de Esposende, da autoria dos arquitetos Carvalho Dias e Lúcio Miranda, 1967; Fonte: “Câmara Municipal de Esposende. (2009). Esposende: ensaio urbano de vila a cidade”

14: Carta Náutica de João Teixeira, 1648; Fonte: Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa;

15: Postal de 1906 dos Estaleiros Navais de Fão; Fonte: Biblioteca Digital do Cávado;

16: Postal de 1938 do Cais de Fão; Fonte: Biblioteca Digital do Cávado;

17: Esboceto geral dos Anteplos de Urbanização de Esposende, Fão e Apúlia, 1967; Fonte: Câmara Municipal de Esposende, disponível em <https://www.municipio.esposende.pt/viver/planeamento/planos-municipais/pu-esposende>;

18: Plantas da evolução do desenvolvimento de Esposende e Fão ao longo do século XX até aos dias de hoje; Fonte: elaborado pela autora. Imagens representativas do desenvolvimento de Esposende e Fão; Fonte: Aqualibri- Biblioteca digital da água do Cávado. <https://aqualibri.cimcavado.pt/>

19: Estrutura viária principal e identificação das vias de sentido único e respetiva direção em Esposende e Fão; Fonte: elaborado pela autora.

20: Rede de Transportes em Esposende e Fão; Fonte: elaborado pela autora.

21: Rede de percursos pedonais e cicláveis; Fonte: elaborado pela autora.

22: Distribuição do estacionamento público, privado e indevido; Fonte: elaborado pela autora.

23: Identificação dos principais perfis de vias na área de estudo; Fonte: elaborado pela autora.

24: Distribuição dos equipamentos e infraestrutura; Fonte: elaborado pela autora.

25: Identificação das diferentes tipologias habitacionais em Esposende e Fão; Fonte: elaborado pela autora.

26: Estrutura viária principal e identificação das vias de sentido único e respetiva direção em Esposende e Fão; Fonte: elaborado pela autora.

27: Identificação das restrições territoriais: Reserva Agrícola Nacional, Rede Natura 2000 e zonas vulneráveis; Fonte: elaborado pela autora.

28: Definição dos limites do Parque Natural Litoral Norte; Fonte: elaborado pela autora, com imagens retiradas do: Parque Natural do Litoral Norte. (n.d.). Natureza e biodiversidade: Habitats. <https://parquenaturallitoralnorte.pt/o-que-e-o-parque/natureza-e-biodiversidade/habitats/>

29: Estrutura hídrica em Esposende e Fão, nomeadamente as Áreas Críticas, recuos planeados, rede de abastecimento, Plano de Ordenamento da Orla Costeira (POC), linhas de água, zonas inundáveis e limite da área de intervenção definida pelo POC; Fonte: elaborado pela autora, com base no PDM.

30: Identificação dos Programas da Orla Costeira; Fonte: elaborado pela autora, com base no: Agência Portuguesa do Ambiente. (n.d.). Programas da orla costeira. <https://apambiente.pt/agua/programas-da-orka-costeira>

31, 32, 33 e 34: Imagens da marginal e da zona da igreja matriz de Esposende; Fonte: elaborado pela autora.

35, 36, 37 e 38: Imagens das torres de Ofir, da Avenida António Veiga e da marginal de Fão vista de Esposende; Fonte: elaborado pela autora.

39: Axonometrias síntese da análise do território de Esposende e Fão; Fonte: elaborado pela autora;

40: Diagrama de Estratégia Territorial; Fonte: elaborado pela autora.

41 e 42: Canal intercetor de Esposende; Fonte: Município de Esposende. (2023, outubro 4). Canal Intercetor de Esposende entra em pleno funcionamento. <https://www.municipio.esposende.pt/viver/protecao-civil/noticias/noticia/canal-intercetor-de-esposende-entra-em-pleno-funcionamento>

43 e 44: Projeto do Parque da Cidade de Esposende; Fonte: Município de Esposende. (2024, fevereiro 1). Parque da Cidade de Esposende em consulta pública até ao final de fevereiro. <https://www.municipio.esposende.pt/viver/urbanismo/noticias/noticia/parque-da-cidade-de-esposende-em-consulta-publica-ate-ao-final-de-fevereiro>

45 - Estratégia de requalificação territorial de Esposende e Fão; Fonte: elaborado pela autora.

46: Programa estratégico de reabilitação urbana de Fão: prioridades de intervenção. Fonte: Câmara Municipal de Esposende. G302-5F_O: Prioridades de Intervenção (versão r01) [Planta cartográfica].

47: Plano Diretor Municipal: Planta de ordenamento – Valores Patrimoniais e de Salvaguarda. Fonte: Câmara Municipal de Esposende. (n.d.). G135-01II Ordenamento e Valores Patrimoniais: Planta B (versão r05) [Planta cartográfica].

Fig. 48: Plano Diretor Municipal: Estrutura ecológica municipal; Fonte: Câmara Municipal de Esposende. G135-05 Estrutura Ecológica: Planta B (versão r03) [Planta cartográfica].

Fig. 49, 50 e 51: Registos da frente ribeirinha de Fão, previamente à recente demolição do Bar do Fôjo; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 52: Identificação das restrições e condicionantes territoriais na zona do setor prioritário: Reserva Agrícola Nacional, Rede Natura 2000 e zonas vulneráveis; Fonte: elaborado pela autora.

53: Conceito da intervenção e imagens da envolvente próxima do setor de intervençãoFonte: elaborado pela autora;

54: Maison Louis Carré, Alvar Aalto, 1956. Fonte: ArchDaily. Clássicos da arquitetura: Maison Louis Carré / Alvar Aalto. <https://www.archdaily.com.br/br/804532/classicos-da-arquitetura-maison-louis-carre-alvar-aalto>

55: Weissenhofsiedlung de Stuttgart, Le Corbusier, 1927. Fonte: Fondation Le Corbusier. (n.d.). Weissenhof-Siedlung houses, Stuttgart, Germany, 1927. <https://www.fondationlecorbusier.fr/en/work-architecture/achievements-weissenhof-siedlung-houses-stuttgart-germany-1927/>

56: Casa de Chá de Boa Nova, Siza Vieira, 1958; Fonte: Leca-palmeira.com. (n.d.). Restaurante Casa de Chá da Boa Nova em Leça da Palmeira. <https://www.leca-palmeira.com/restaurante-casa-de-cha-da-boia-nova-em-leca-zda-palmeira/>

57: Pavilhão de Ténis da Quinta da Conceição, Fernando Távora, 1956; Fonte: Matarweh, L. (n.d.). Tennis Pavilion da Quinta da Conceição by Fernando Távora. <https://laithmatarweh.com/photography/tennis-pavilion-da-quinta-da-conceicao-by-fernando-tavora/>

58: Postal do Restaurante e o Hotel Ofir, 1950; Fonte: CIM Cávado. (n.d.). Aqualibri – Biblioteca digital da água do Cávado. <https://aqualibri.cimcavado.pt/>

59: Postal de uma Casa no Pinhal, 1950; Fonte: CIM Cávado. (n.d.). Aqualibri – Biblioteca digital da água do Cávado. <https://aqualibri.cimcavado.pt/>

60 e 61: Casa Pinto de Sousa em Ofir, Alcino Soutinho, 1984, Fonte: Elarafrizenwalden. (2020, 10 abril). Casa Pinto de Sousa, Ofir, Braga, Portugal (1984) [Publicação no Tumblr]. <https://elarafrizenwalden.tumblr.com/post/614496545530953728/casa-pinto-de-sousa-ofir-braga-portugal-1984>

62 e 63: Casa das Marinhas, Viana de Lima, 1954; Fonte: Espaço de Arquitetura. (2024, 4 janeiro). Casa das Marinhas nomeada uma das mais icónicas do século XX no mundo. <https://espacodearquitetura.com/noticias/casa-das-marinhas-nomeada-uma-das-mais-iconicas-do-seculo-xx-no-mundo/>

64 e 65: Casa dr. Ribeiro da Silva, em Ofir, Fernando Távora, 1956 ; Fonte: DOCOMOMO Ibérico. (n.d.). Casa Dr. Fernando Ribeiro da Silva / Casa de Ofir. <https://docomomoiberico.com/pt-pt/edificios/casa-dr-fernando-ribeiro-da-silva-casa-de-ofir/>

66: Antigo Clube Náutico de Fão, Alfredo de Magalhães, 1948; Fonte: CIM Cávado. (2022). Plano de ação da paisagem das terras do Cávado: síntese do diagnóstico. Aqualibri. <https://aqualibri.cimcavado.pt/handle/20.500.12940/10922>

67: : Hotel Ofir, Alfredo de Magalhães, 1948; Fonte: CIM Cávado. (2015). Plano estratégico de valorização e salvaguarda das linhas de água: relatório final. Aqualibri. <https://aqualibri.cimcavado.pt/handle/20.500.12940/8723>

Fig. 68: Planta de identificação das várias habitações típicas da arquitetura moderna em Esposende e Fão; Fonte: elaborado pela autora, com base em Município de Esposende. (n.d.). Roteiro de arquitetura modernista. <https://www.visitesposende.com/pt/fazer/roteiros/roteiro-arquitetura-modernista>

Fig. 69: Reconhecimento do local através de desenhos in loco; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 70: Processo de desenvolvimento do projeto de intervenção; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 71: Planta de implantação da intervenção; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 72: Perfil pela Avenida António Veiga; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 73: Axonometria com identificação dos vários pisos da proposta; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 74: Planta do piso 1 da intervenção; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 75: Alçado Oeste da intervenção; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 76: Axonometria do Piso 1, do restaurante e bar; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 77: Corte transversal; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 78: Identificação das áreas úteis do Restaurante/Bar; Fonte: elaborado pela autora

Fig. 79: Planta do piso 0 da intervenção; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 80: Perfil pela Rua do Estaleiro; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 81: Axonometria do Piso 0, do Museu; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 82: Corte longitudinal pelo auditório; Fonte: elaborado pela autora;

Fig. 83: Identificação das áreas do Museu; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 84: Planta do estacionamento; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 85: Corte transversal pelo estacionamento; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 86: Vista geral da proposta implantado no local; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 87: Espaço do bar com vista sobre a frente ribeirinha; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 88: Inserção do edifício na paisagem; Fonte: elaborado pela autora.

Fig. 89: Vista da zona de esplanada que convida à contemplação e ao convívio; Fonte: elaborado pela autora.

